

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

JOSÉ ARANTES JUNIOR

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

SÃO PAULO, 2001 e 2002

ÍNDICE

01. PREFÁCIO.....	05
02. INTRODUÇÃO.....	11
03. A ANTIGA JUDÉIA.....	17
04. O LITORAL DA JUDÉIA.....	23
05. OS IDEAIS DESTRUÍDOS.....	33
06. O ANDARILHO.....	46
07. JERUSALÉM.....	54
08. O TEMPLO DE SALOMÃO.....	60
09. DESCOBRINDO RELAÇÕES.....	71
10. O GAVIÃO E O PARDAL.....	84
11. O GALO E O PARDAL.....	90
12. O PAVÃO E O PARDAL.....	96
13. O CORVO E O PARDAL.....	102
14. A ÁGUIA E AS OUTRAS AVES.....	108
15. BRINCADEIRA DE MAU GOSTO.....	114
16. SOFRIMENTOS EXACERBADOS.....	122

17. A AMIZADE SINCERA.....	130
18. OS ENCAPUZADOS DE JERUSALÉM.....	138
19. O OPRÓBRIO E AS VIRTUDES.....	148
20. A EXPANSÃO DO TEMPLO.....	154
21. A INFLUÊNCIA DE BELZEBU.....	162
22. OS MANDAMENTOS DE DEUS.....	171
23. ADVERTÊNCIA DO ALÉM.....	182
24. A LAGARTA E A BORBOLETA.....	191
25. O PARAÍSO E O INFERNO.....	198
26. NOTAS COMPLEMENTARES.....	209
27. TEXTO BÍBLICO ORIGINAL.....	210

PREFÁCIO

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

Imaginar uma realidade distante da nossa há mais de dois mil anos na antiga Judéia é uma tarefa que parece quase impossível, pela diferença de costumes, de vestuários, de valores e até de ideologias, assim, se estivéssemos tentando descrever os hábitos e os valores existentes na antiga Babilônia, certamente teríamos que enfrentar obstáculos muito mais difíceis, pois a civilização da Babilônia ficou sepultada no distante pretérito e não temos referenciais precisos a respeito desta longínqua cultura.

Se o referencial fosse a antiga Babilônia a imaginação do escritor teria necessariamente que preencher as expressivas lacunas existentes em relação aos costumes e aos valores daquele povo já desaparecido na poeira que nubla os séculos e isto representaria um obstáculo mais difícil de ser transposto.

Entretanto, os relatos pertinentes ao presente livro se referem a uma realidade própria da antiga Judéia e, de alguma maneira, esta realidade está um pouco mais próxima de nós, pois os ricos opulentos e mestres existentes na antiga Judéia têm muitíssimos denominadores comuns com os ricos e mestres de nossos dias e, por sua vez, o mendigo Lázaro tem denominadores comuns com mendigos de nossos dias.

Alguns homens souberam preservar sua cultura ocultista extraída de referenciais do Egito antigo e esta cultura foi passada integralmente de pais para filhos para chegar intacta aos nossos dias, fazendo assim com que aquela antiga realidade fosse vivenciada novamente como "novidade" em nossa época.

Os ricos opulentos e os antigos mestres do templo de Salomão voltaram a existir, e com eles a presunção mal disfarçada, a hipocrisia, a ironia, a manipulação, o adultério, a fornicação e o abuso de poder e paralelamente os mendigos também voltaram a existir e com eles a carência, a miséria e a fome.

Um passado tão longínquo, de obras faraônicas e de complicadas manipulações, com redes de intrigas e abusos de poder que apenas lembram épocas de escravidão foram lamentavelmente veiculados dire-

tamente das antigas ruínas das civilizações do pretérito por alguns homens para os nossos dias.

Estes homens acabaram funcionando como uma espécie de "vetores humanos" a veicular uma verdadeira doença ocultista, trazida dos confins da mais remota antiguidade para disseminá-la em infestação por todo o planeta Terra em nossos dias atuais.

O planeta Terra, no presente momento, apresenta-se gravemente contaminado por esta antiga doença ocultista trazida da sociedade dos antigos faraós por intermédio destes vetores humanos.

O agente etiológico é o Egito antigo, os vetores são os homens que aprenderam estes mecanismos, mas o organismo afetado é todo o planeta Terra que está adoecendo de adultério, de fornicação, de prostituição, de luxúria, de desrespeito, de manipulação, de rede de intrigas, de hipocrisia, de ironia, de escarnecimento, de presunção e de abuso de poder.

Os antigos fariseus estão de volta para que todos os vejam de novo com toda a "pompa" e hipocrisia com que se exibiram no templo de Salomão.

Os antigos saduceus como policiais da época também têm a sua representação nos atuais templos para ajudarem a preservar o atual sistema.

Os antigos escribas, que faziam suas anotações de dentro do templo, se fazem representar por meio de psicólogos, psiquiatras e advogados.

Os antigos doutores da lei também se fazem representar por intermédio de religiosos que tentam encontrar denominadores comuns entre a manipulação e a desumanidade do templo e os ideais do Cristo, entretanto estes religiosos conseguem apenas falar em nome do Cristo para depois cobrarem o dízimo criado por Moisés no velho testamento.

Assim, a doença ocultista foi disseminada por todo o planeta terra que agora padece gravemente desta enfermidade que não é descrita em livros de medicina, pois os médicos ainda não a reconheceram como tal, mas, se o quadro clínico de degeneração continuar se desenvolvendo ininterruptamente a socieda-

de poderá conhecer até mesmo um quadro gravíssimo de "septicemia social", analogamente ao que já foi bíblicamente descrito em Sodoma e Gomorra.

Uma parcela da população fica privada dos seus direitos, das suas virtudes, dos seus valores e até mesmo do vestuário e da alimentação enquanto que a outra parcela de condutores dissimulados fica até desperdiçando os excessos que estão em suas mãos.

A má distribuição de rendas gera uma desigualdade desumana e anticristã, mas alguns religiosos hipócritas tentam convencer a todos que o templo dos prosélitos é na verdade o "paraíso de Deus".

Entre o deserto da ignorância e o pântano da hipocrisia existe a areia movediça da manipulação e é com ela que os ocultistas contam para preservarem as suas milenares manobras envilecidas.

Na medida em que os ocultistas vão estabelecendo as suas redes de intrigas e manipulações e dizendo "tudo o que disseres poderá ser utilizado contra a tua pessoa", o manipulado vai sempre afundando na areia movediça destas iníquas manobras.

Este era o processo utilizado pelos antigos fariseus para preservarem intacto o templo de Salomão e este ainda é o mesmo processo utilizado para preservar os templos ocultistas nos nossos dias.

O tempo passou, mas os processos de manipulação e de manobras templárias para submergirem os seus adversários nesta areia movediça de redes de intrigas ainda continuam exatamente os mesmos.

Na época atual até ficou mais fácil de se fazer rede de intrigas, pois basta permanecer filmando incessantemente uma pessoa e depois parar para selecionar somente aquelas partes do filme que poderiam depor contra ou que pelo menos dessem margem a uma dupla interpretação em relação àqueles questionadores indesejáveis que se deseja eliminar para ir de vagar e sempre os depreciando perante a população.

Essa técnica depreciativa é extremamente injusta, pois até coloca ocultistas já desocupados ou aposentados em relação às atividades do comércio, da

indústria ou outras quaisquer para ficarem predispostos apenas a tecer redes de intrigas intermináveis em relação àqueles que não lhes são cúmplices.

Esta é uma forma de se "convencer por livre e espontânea coação" as pessoas a se unirem a eles para ajudá-los nas suas ações de manipulação, pois para se verem livres destas coações os indivíduos acabam cedendo e se unindo àquilo que nunca lhes foi grato ao bom senso e à coerência.

Todo este processo social patológico que conhecemos hoje em dia já existia sobejamente na antiga Judéia e era administrado pelos antigos fariseus com a hipocrisia que é censurada pelo Cristo Jesus em várias citações bíblicas, tal como Ele, por exemplo, o fez no capítulo 23, versículos 1 a 36 de São Mateus, mencionado no Novo Testamento.

Esta forma milenar de se "governar" ou de manipular vem preservando este fingimento através dos séculos, provando que a mentira tem perna longa e não curta como muitos imaginavam.

O deserto de árida ignorância existe para condutores e conduzidos, os conduzidos são ignorantes carregando cargas pesadas e inoportáveis, como se fossem camelos atravessando os seus próprios desertos e os condutores vão herdar o deserto de calor e de sofrimento no mundo espiritual por causa de suas ações. Os pântanos de hipocrisia que existem na alma de cada ocultista poluem as suas próprias almas e as dos conduzidos também, e as areias movediças de manipulações põem a perder os manipulados do lado de cá da matéria e os manipuladores do lado de lá no mundo espiritual, por lei de ação e reação.

Cristo nasceu naquela época para tentar aclarar os caminhos fúteis e perigosos que os seres humanos estavam trilhando, mas, a presunção e a perver são sempre falam mais alto e por isso é mais fácil convencer um ser humano a tratar os seus irmãos como gado que deve ser "conduzido" e manipulado, ao invés de serem respeitados como seus semelhantes.

São Paulo, 20/08/01

INTRODUÇÃO

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

A ficção científica é um ramo da literatura mundial que abriu um espaço na mente dos escritores para possibilitar a projeção cerebral, associando as carências do presente com as possibilidades científicas do futuro, a ficção científica estabelece um elo imaginário entre o escritor, que pertence ao mundo real do presente, e uma possibilidade com atributos e circunstâncias mais evoluídas que seriam próprias de um futuro talvez até remoto, mas que pertenceria às possibilidades da ascensão científica.

Júlio Verne, escritor francês que viveu de 1828 a 1905, pode ser considerado o precursor da ficção científica e deixou livros interessantes tais como: "Viagem ao centro da Terra", imaginando um caminho subterrâneo que leva um geólogo da Islândia até ao Mediterrâneo, escrito em 1864, "Da Terra à lua", imaginando o voo de um engenho tripulado à lua escrito em 1865 e "Vinte mil léguas submarinas", imaginando uma viagem numa espécie de submarino, escrito entre os anos de 1869 e de 1870.

Este escritor do século XIX abriu o seu cérebro para projetá-lo num voo mental para o futuro, ignorando o espaço e o tempo em que vivia; nem foguetes e nem submarinos existiam em sua época, mas isto não serviu de obstáculos para a sua imaginação criativa que os idealizou e os visualizou já em perfeito funcionamento bem antes de serem inventados.

Uma ficção é assim, desloca a mente do escritor para uma época distante daquela em que ele está vivendo, com particularidades e circunstâncias que não são aquelas às quais ele está acostumado em seu dia a dia ou que pertençam à sua rotina.

O escritor de ficção desloca a sua mente em alta velocidade no espaço virtual de sua imaginação, não como um astronauta que viaja no espaço virtual dos computadores e sim como um intermental, viajando no espaço virtual de sua própria imaginação.

O escritor de ficção visualiza aquilo que está ao alcance de sua mente e como a mente de cada ser humano é aquilo que mais o diferencia dos outros

seres humanos, cada viagem mental, de cada um, acaba se tornando tão pessoal e com características tão particulares que acaba se expressando como uma espécie de "impressão digital" da própria alma.

Evidentemente, na ficção, o escritor não tem que se deslocar mentalmente apenas para o futuro para visualizar uma realidade além de sua época, mas pode também se deslocar para o passado visualizando uma realidade cheia de mistérios que ele não viveu, que não conheceu e que deixou dúvidas não somente para ele mas para muitas outras pessoas também.

Baseado nesta assertiva resolvemos neste livro empreender uma viagem mental em direção, não ao futuro distante para visualizar máquinas engenhosas ou até mesmo robôs sofisticados, mas sim em direção ao passado, recuado mais de dois mil anos de nossa época atual, para mergulhar numa realidade obscura, que escapa à compreensão natural do ser humano.

O presente livro ressalta a ficção bíblica, ou seja, a viagem mental até aos curiosos episódios bíblicos que distam de dois a três milênios de nossa época atual e que muitos deles, tal como o presente livro "O rico opulento e o mendigo Lázaro", relatado em São Lucas, capítulo 16, versículos 19 a 31, trazem situações curiosíssimas que escapam à capacidade de compreensão da maioria das pessoas.

A realidade e as situações que envolveram as vidas tanto do mendigo Lázaro quanto do rico opulento na antiga Judéia foram descritas de modo sucinto no capítulo bíblico de São Lucas e muitas possibilidades e situações foram ampliadas, dentro da lógica, nesta viagem mental fictícia ao passado.

É óbvio que os nomes dos personagens são fictícios e de inteira responsabilidade do escritor, toda a trama que envolve as particularidades de relacionamento entre o mendigo Lázaro e o rico opulento bem como os demais personagens mencionados neste livro também são de inteira responsabilidade do escritor que não pretende estar correto em relação à etimologia das palavras e dos nomes, mas, sim coerente

em relação aos relacionamentos que existiam entre os diferentes seres humanos da época.

Todo o relacionamento que o mendigo Lázaro mantém com o rico opulento e os seus familiares bem como com os outros mestres do templo de Salomão são fictícios, entretanto eles não abdicam da lógica e da hierarquia própria daquela distante e ao mesmo tempo tão próxima sociedade hebraica.

Este livro também serve para levantar polêmicas filosóficas e ideológicas que sempre instigaram e até mesmo dividiram os seres humanos tanto daquela época distante quanto de hoje em dia.

Este livro se torna mais complexo quando obviamente aborda um assunto que também na própria Bíblia é complexo e muito obscuro para a maioria das pessoas que nem sequer acreditam nele, é a passagem do rico opulento para a região inferior do mundo espiritual ou "inferno" após a morte do seu corpo de matéria e paralelamente a passagem do mendigo Lázaro para a região do paraíso ou para o mundo "superno" existente no mundo espiritual numa outra dimensão, onde a energia espiritual vibra numa frequência diferente da energia que é própria da matéria.

Matéria é energia concentrada e ao menos com isto os cientistas concordam, e assim se se aquecer um determinado corpo físico pertencente ao estado sólido da matéria ele inicialmente passará para o estado líquido, depois passará para o estado gasoso e finalmente se converterá em energia pura.

Albert Einstein fez uma associação muito interessante entre energia, massa e velocidade da luz e afirmou que a energia seria igual a massa corporal multiplicada pela velocidade da luz ao quadrado e inventou a sua célebre fórmula física: $E = m.c^2$, deixando esta curiosa síntese entre estes três elementos para a surpresa de muitas pessoas, pois realmente é humanamente impossível de se provar que a massa multiplicada pela velocidade da luz ao quadrado realmente venha a originar a energia pura como resultante isto porque o ser humano já tem dificuldades para

estudar a velocidade da luz por si só, imagine considerar um corpo de matéria locomovendo-se a na velocidade multiplicada por ela mesma, ou seja, se a velocidade da luz é de 300.000 km/s esta velocidade ao quadrado seria 90.000.000.000 km/s, assim, se já é exageradamente difícil estudar a velocidade da luz em sua dinâmica natural, imagine estudar um corpo movendo-se a 90 bilhões de quilômetros por segundo.

De qualquer forma, mesmo sendo esta fórmula da física acessível apenas à imaginação dos estudiosos ainda assim é uma abordagem superinteressante a respeito deste tão polêmico e tão primordial valor existente na natureza que é a energia.

Portanto, Albert Einstein também defende com esta fórmula da física a fluente conversão da massa de um corpo material em energia pura por intermédio da super movimentação dos seus elementos.

Este tópico só vem corroborar com a afirmação que estamos fazendo a respeito da energia como substrato inicial à mercê da sabedoria do Criador.

Poderíamos também imaginar outra forma de conversão dos corpos materiais em energia pura se modificássemos a equação transpondo os elementos de tal modo que obtivéssemos $m = E/c^2$, na medida em que a velocidade da luz ao quadrado diminuísse e se aproximasse do valor igual a um, os valores da massa se aproximariam da energia pura e então os valores da massa estariam muito próximos da energia pura.

Se estas variações de massa e de energias são tão amplas e diversificadas, então é perfeitamente possível existir, até mesmo a vida, num mundo espiritual em algumas dessas escalas de valores ainda não detectadas pela instrumentação científica à disposição do ser humano na atualidade.

Essas possibilidades são teóricas, todavia pertencem ao mundo da lógica, como a ficção tanto para o futuro quanto para o passado do ser humano, que esperamos estar viabilizando para o leitor.

José Arantes Junior

CAPÍTULO 1

A ANTIGA JUDÉIA

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

Corria o ano 20 antes do nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo na antiga Judéia, o povo judeu de alguma forma já havia conseguido se estabilizar naquela tão conturbada região, após tantas e até mesmo incontáveis querelas e batalhas desde que chegaram da libertação do antigo Egito dos faraós.

Os judeus também tiveram problemas expressivos em consequência dos combates travados contra a potência bélica da Babilônia e até mesmo tinham sido escravizados pelo rei babilônico Nabucodonosor, entretanto, depois que aconteceu a guerra entre a Pérsia e a Babilônia, os judeus foram libertados e assim, já haviam superado todo aquele grave conflito.

Os judeus experimentaram uma nova agressão em seu território quando foram agredidos pelos exércitos de Alexandre, o grande, e de novo vivenciaram uma situação próxima da escravidão em seu próprio território e finalmente, após tantos empecilhos, livraram-se de mais aquele evento opressor.

Mas, o povo judeu sempre foi ameaçado por inimigos perigosos e novamente estavam sendo dominados por outro inimigo poderoso, era a Roma dos Césares que havia estendido o seu poderio para todo o mundo civilizado conhecido da época.

Novamente os líderes judeus tinham de curvar a cerviz a um poderoso inimigo que os dominava pela força das armas de seus soldados e pela verve influente de senadores vaidosos que davam todo o seu respaldo a um César totalitário e inescrupuloso.

Roma estendera a sua facies aquilina dominando todas as regiões circunvizinhas como verdadeira ave de rapina a capturar vítimas de sua cupidez na forma de prisioneiros e escravos, para cobrar tributos caríssimos em detrimento ao agravo da condição cada vez mais debilitada dos vencidos.

As legiões de soldados chegavam e com elas chegavam o símbolo da águia de Roma, eram as garras possantes e predadoras comandadas pelo olhar agudo e perspicaz do César ao qual nada escapava.

Ao povo judeu só restava se conformar com aquela situação, pois de início nada se poderia fazer para alterar aquele quadro de pilhagem e de abuso de poder desencadeados pelo tirânico César e pelos seus fiéis correligionários militarizados.

O César delegava poderes ao rei de uma província, este por sua vez nomeava um presidente ou governador de um distrito, que por sua vez também se encarregava de nomear os tribunos, os quais cuidavam diretamente dos centuriões comandantes de exército.

Cada centurião comandava um batalhão contendo cem soldados e assim era feita toda a hierarquia que preservava a dinâmica entre os exércitos avançados e a sede do governo em Roma representada diretamente pelo próprio imperador César.

Havia também cônsules e pró-cônsules com poderes semelhantes ao de um presidente ou governador de um distrito, mas que eram encarregados de fazerem as suas viagens constantemente a Roma para informar diretamente ao César sobre o andamento da administração romana em cada província por eles visitada.

Assim, Roma mantinha as regiões conquistadas sob as suas garras agudas bem possantes não deixando qualquer possibilidade para que uma insurreição viesse a ameaçar expressivamente o seu poderio já devidamente implantado e fortalecido.

Até mesmo a região do misterioso Egito havia caído sob as garras daquele poderio aquilino da antiguidade e lamentavelmente a região de Alexandria havia sido atacada e a sua famosa biblioteca havia sido incendiada pela faina imprudente dos guerreiros, o que obviamente determinou uma perda irreparável para o acervo cultural de toda a humanidade.

A ânsia pelo poder fazia com que os césares conquistadores passassem por cima de preciosidades culturais inestimáveis, mas que eles não conseguiam avaliar pois apenas enxergavam o poderio bélico.

A região da Grécia, da Macedônia, da Síria, da Pérsia, da Judéia, do Egito enfim, todo o mundo civilizado da época estava nas garras da águia lati-

na e todos pagavam os seus tributos a Roma, vilipendiando e exaurindo os frutos de seus trabalhos.

O sol ia a pino numa das tardes de verão da antiga Judéia sustentando o mormaço das ruas e o calor de 35°C à sombra, as crianças brincavam os seus jogos infantis descontraídas enquanto os mendigos ficavam deitados na sarjeta observando aquela descontração lúdica o que, de alguma forma, passava a lhes representar suave lenitivo perante as constantes adversidades e carências comuns de suas vidas.

Os mendigos representavam uma característica lúgubre da antiga Judéia e o número deles era muito mais expressivo e com muito mais diferenças sociais em relação aos demais cidadãos ali existentes do que em qualquer outro país da época, mas eles não representavam um obstáculo à vida rotineira dos judeus, ao contrário, pareciam mais uma característica secular e esdrúxula de desnível social, mas que, de algum modo, servia para exaltar o âmago presunçoso dos antigos mestres de corações empedernidos.

O povo judeu sempre foi unido pelo livro da lei que chega até os nossos dias com o nome de velho testamento, mas na época em que esta história se passa ainda não existia o Novo Testamento, e o antigo testamento era dividido em Torá, correspondente aos cinco primeiros capítulos, escritos pelo próprio Moisés, e ainda o Talmude correspondente aos demais capítulos escritos pelos levíticos posteriormente.

Se por um lado o livro da lei servia para unir o povo judeu como um povo único e coeso, tendo como pedra angular o Moisés libertador, a arca da aliança trazida pelo mesmo Moisés havia servido de referencial para se construir o templo de Salomão e com ele surgia a manipulação e a divisão do povo sem que o próprio povo se desse conta daquela realidade.

Assim, como resultado de todas as manipulações e hipocrisias que passaram a existir, os mendigos representavam a parcela dos espoliados e perdedores rejeitados pela sociedade farisaica.

Muitas mulheres ainda retornavam da feira que existia na rua do povo com as suas compras para prepararem um almoço tardio ou para o jantar, enquanto que os mendigos apenas observavam a movimentação como se fossem apenas expectadores do palco da vida.

Os transeuntes se comportavam também de modo indiferente em relação aos mendigos e passavam por eles como se fossem o lixo que deveria ser recolhido pelo serviço de limpeza posteriormente.

Este é um paradigma de sociedade que mudou muito pouco através dos séculos, já que a influência ocultista do templo de Salomão sobreviveu até os nossos dias trazendo aqueles arcaicos valores farisaicos como "novidade" até o presente momento em que estamos vendo renascer os "valores" daquela mesma sociedade ocultista tão fanatizada da Judéia.

As feiras, os mercados e o comércio da grande maioria das diferentes cidades hebraicas eram muito parecidos com os bazares de hoje em dia.

Os camelôs vendiam bugigangas, badulaques e antiguidades de diferentes nacionalidades que eram guardadas para serem comercializadas no mercado das trocas e das vendas de oportunidade.

As tapeçarias estrangeiras eram muito apreciadas em toda a Judéia como era o caso dos tapetes Persas, habilmente confeccionados e vendidos por todo o Oriente médio, o extremo oriente e a Europa.

O comércio das frutas, verduras, legumes e iguarias também era bastante expressivo e movimentava boa parcela da população ativa.

Havia muitas oliveiras na Judéia, havia até o famoso monte das oliveiras que era área predileta para o plantio desta típica vegetação local, e que possibilitava o desenvolvimento e o cultivo do azeite de oliva tão apreciado por todos nas práticas pertinentes à culinária e até como unguento.

A Judéia era importante elo entre o Oriente médio e o norte da África representado pelo Egito dos faraós e ponto de referência para o comércio em todo o mar mediterrâneo.

CAPÍTULO 2

O LITORAL

DA JUDÉIA

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

O litoral da Judéia possuía cidades expressivas tanto para a cultura quanto para o comércio hebraicos tal como Cafarnaum, todavia Jope e Gaza eram mais próximas de Jerusalém e por isso mesmo mais frequentadas pelas pessoas mais influentes da sociedade e pelos mestres do templo de Salomão.

A freqüência das pessoas da cidade de Jerusalém ao litoral não era tão assídua, pois se gastava um dia e uma noite a cavalo para se sair da capital da Judéia e para fazer todo o percurso até a região do litoral, assim, os habitantes de Jerusalém procuravam ter os seus entretenimentos mais restritos ao perímetro urbano de sua própria cidade.

Os comerciantes que traziam as suas mercadorias conseguidas no comércio existente na região do cais para renegociá-las na cidade de Jerusalém faziam todo o percurso utilizando jumentos que carregavam boa parte do material que desejavam comercializar, mas este meio de transporte era ainda mais lento e bem mais demorado e por isso mesmo as viagens eram sempre programadas com antecipação.

De todas elas Jope era a cidade mais frequentada e aquela que mais expressava os valores autênticos e característicos do povo hebreu.

As embarcações de todos os países atracavam no porto da Judéia, vindas da Alexandria, da Síria, da Grécia, da Fenícia, da península Ibérica, de Roma, da Gália, enfim, de todas as regiões do mundo civilizado, num tráfico comercial expressivo.

Uma embarcação de velas bastante coloridas atracou no cais da Judéia trazendo um povo um tanto quanto exótico, eram os fenícios, sobejamente conhecidos pelo comércio de tecidos e tapetes em toda a região do mar mediterrâneo e mesmo fora dele.

Sempre que a embarcação fenícia chegava muitos judeus a procuravam para efetuarem comércio a base de troca de mercadorias ou apenas para a compra dos luxuosos tecidos tão famosos na região.

Assim, a movimentação em torno dos recém chegados era naturalmente intensa e muitos negócios surgiam habitualmente, enquanto que outros já estavam previamente realizados pois representavam o produto da encomenda feita por alguns fariseus opulentos.

Os tecidos vinham da distante Arábia, assim como da Pérsia, exímias tecelãs de tapetes magistras e de tecidos finos e sofisticados com tons variados para satisfazerem a todos os gostos.

O barco fenício mais parecia um bazar deslizando sobre as águas do mar mediterrâneo, levando os sonhos e as ilusões de um vestido de gala, ou de uma nova roupa com tons de púrpura e Holanda e dos curiosos casacos de pele de urso confeccionados pelos habitantes do norte do continente europeu.

O comércio com os produtos do barco fenício era já prestigiado há bastante tempo e muitos fariseus, saduceus, escribas e doutores da lei faziam as suas encomendas para poderem mandar confeccionar as suas roupas com largas franjas e tiras o que os ajudavam a serem reconhecidos como mestres na época.

Quando o carregamento chegava de barco, havia um comerciante instalado na cidade de Jope que os recepcionava e depois os levava no carregamento feito por intermédio de jumentos até Jerusalém.

Os fenícios desceram de sua embarcação e já foram realizando negócios ali mesmo no local, entretanto existia uma rua paralela à rua beira mar que era a rua do comércio onde habitualmente aconteciam as negociações entre eles e os habitantes da cidade de Jope e então aconteciam barganhas, compras e vendas de tecidos e iguarias e até mesmo se realizavam muitas negociações imobiliárias.

Olhos profundos, mas melancólicos, compondo a fisionomia com um nariz retilíneo, completando a expressão fisionômica com um ligeiro vinco de amargura na comissura labial; alguns fios de cabelos brancos demonstravam que as reflexões da idade madura já começavam a fazer parte de sua personalidade, fazendo com que a calma começasse a prevalecer em seus re

lacionamentos, não sempre, mas mais frequentemente, era Lázaro Abdias, um homem de 30 anos de idade, dono de um comércio na rua beira mar, era um empório que vendia cereais, azeite de oliva, frutas, verduras, legumes, sal, vasilhames e congêneres.

Lázaro pagava aluguel do empório ao senhorio, um fariseu residente em Jerusalém e os negócios não eram tão rendosos, mas dava para pagar o aluguel do cômodo e para fazer as transações comerciais com os agricultores que proviam o seu empório.

Quase todos os viajantes que chegavam na cidade de Jope acabavam dando ao menos uma passadinha no empório de Lázaro para comprar alguma coisa ou para tomar alguma informação a respeito do local.

Dois homens que haviam descido do navio fenício entraram no empório de Lázaro, um era Farjal Leimel, um fenício, estava vestido tradicionalmente como os seus conterrâneos se vestiam, com pele de ovelha recortada e costurada delineando o formato de um capuz que era colocado na cabeça fazendo uma espécie de moda entre eles, tinha olhar analítico e astuto que geralmente caracterizava os homens de sua raça e o outro era Manoel dias, um viajante que pegou carona no navio fenício quando o bazar sobre ondas passou pela região da península Ibérica para efetuar suas rotineiras e celebradas transações comerciais.

Manoel Dias havia feito amizade com Farjal Leimel, o comerciante fenício de Cartago, o qual o convidou para um passeio pelo mar mediterrâneo para conhecer os diferentes lugares do sul da Europa, do oriente médio da Ásia e do extremo norte da África.

Farjal falava muitos idiomas e isto facilitava a compreensão de Manoel em relação aos outros e vice versa o que tornou a viagem muito interessante para o habitante da península Ibérica.

Lázaro Abdias já conhecia o fenício porquanto ele várias vezes já havia ali atracado o seu barco e mesmo feito diversas compras em seu empório.

- Olá Lázaro, como vai o nobre comerciante?

- Olá Farjal, é sempre bom revê-lo por aqui!

- Lázaro, apresento-te meu amigo Manoel Dias que veio da península Ibérica" pelo mediterrâneo.

- Seja bem vindo senhor Manoel, é sempre agradável receber visitantes em nosso país.

Manoel agradeceu a acolhida generosa e também fez demonstrações de apreço aos judeus.

- É um prazer conhecer este curioso povo que teve a sua libertação do Egito dos faraós e que, como eu, também acredita na existência de um só Deus, além do mais parece que somos "abparentes" pois o senhor é da família Abdias e eu sou da família Dias, como podes ver temos bastante em comum.

O sutil veículo da simpatia já estabelecia uma relação de simbiose emocional ligando satisfatoriamente os interlocutores pela cordialidade, enquanto Farjal servia de tradutor entre ambos.

Depois de descreverem particularidades de suas vidas e das suas preferências, Manoel disse:

- Perdoe-me a observação que vou fazer senhor Lázaro e saiba que a faço muito mais por superstição do que por malícia, é que o seu nome na península Ibérica trás o azar de permeio entre a primeira e a última letra, isto me chamou a atenção, mas obviamente deve ser apenas uma coincidência banal pois o senhor além de tudo é um comerciante bem sucedido.

Lázaro não conseguiu disfarçar uma certa sensação de mal estar, mas conseguiu se descontrair e a observação serviu apenas de veículo para se motivar um sorriso algo contrafeito, mas providencial.

Farjal e Manoel compraram algumas frutas e se despediram de Lázaro com expressões de apreço e de fraterna consideração e enfim se dirigiram para a rua do comércio para lá realizarem os negócios que Farjal sempre efetuava nas suas viagens, enquanto Manoel, admirado, prestava atenção aos acontecimentos com um interesse que apenas os visitantes possuem, em consequência da novidade em relação a tudo.

Outro barco também atracava no cais de Jope, este por sua vez trazia uma tripulação bastante ani-

mada que se apresentava cantarolando e dançando sem parar ao som de duas flautas muito bem tocadas.

Era um barco pertencente aos bretões e eles se mostravam muito animados com a música que estava sendo entoada, havia mesmo até algo hipnótico naquele som produzido, tanto assim que todos os tripulantes mais pareciam estar num salão de festas para cantarem, dançarem e se distraírem ao invés de estarem navegando ou trabalhando nos trâmites da navegação.

Os dois flautistas desceram da embarcação e se dirigiram ao empório de Lázaro para comprarem algumas frutas, trazendo na fisionomia as benesses que a música e a dança promovera durante a viagem.

Mostraram que estavam habituados a viagens pois chegaram conversando na língua de Lázaro:

- Bom dia senhor, pode nos vender frutas?

- Sim claro, fiquem a vontade para escolher.

Respondeu Lázaro, assimilando um pouco do entusiasmo que eles irradiavam.

- Bela música os jovens estão produzindo

- Ah, obrigado, é sempre bom ouvir elogios, eu sou James Lennon e este é meu amigo Peter McCartney, viajamos de graça conhecendo muitos lugares do mundo em troca de produzir música para a tripulação.

- É, esta é uma associação muito proveitosa, mas como foi que se interessaram por flauta?

- Ah, ouvimos uma história a respeito de um flautista mágico que a todos hipnotizava com os seus sons produzidos e resolvemos também produzir os nossos próprios sons e como as pessoas gostaram muito, nós aproveitamos para conhecer o mundo pagando as viagens com a música que passamos a compor.

- É muito interessante pois vocês tornam as viagens mais amenas e aproveitam para conhecer o mundo sem gastar qualquer quantia.

- Sim, os nossos problemas surgem quando paramos nos empórios careiros que existem pelas praias espalhadas ao longo do mar mediterrâneo.

Após este comentário todos riram a vontade como se fossem velhos amigos se reencontrando e gra-cejando após um longo período de afastamento.

James e Peter se despediram e voltaram para o barco pois ele não iria se demorar muito naquele cais e já estava de partida para longe dali.

- É, mal os conheço e sinto que vou sentir saudades de seus modos tão amistosos.

Mal se afastou a embarcação dos bretões e atracou outra vinda da região da Gália, era uma embarcação que não trazia o entusiasmo musical da anterior, mas também trazia uma tripulação simpática e amigosa e logo um dos passageiros que desceu da embarcação entrou no empório de Lázaro.

Era um senhor aparentando uns cinquenta anos de idade, cabelos grisalhos e olhar oscilando entre a profundidade do pensador e a superficialidade de um bardo galante sem compromissos sérios com a vida.

Também era um homem que viajava muito, como se procurasse a projeção de si mesmo nos lugares em que visitava, falava bem a língua dos lugares que vi-siitava mas nunca perdera o forte sotaque da Gália.

- Bom dia senhor!

Disse o visitante a Lázaro ao mesmo tempo em que pegava na mão uma maçã.

- Bom dia, sinta-se a vontade senhor, o meu nome é Lázaro, como devo chamá-lo?

- Sou Jean Verne da região da Gália e estou aqui para conhecer o seu curioso país.

- Ah, é uma honra que alguém tão distinto se interesse pelo nosso país.

O visitante as vezes assumia um olhar tão vago que parecia não estar mais conversando com Lá-zaro, que o seu espírito havia se ausentado e que somente o corpo permanecia diante dele e após uma dessas fugas mentais transitórias o visitante disse:

- Por favor, senhor Lázaro, fale-me a respei-to do famoso templo de Salomão, pois estou muito in-teressado neste assunto, aliás é o principal motivo que me trás a esta localidade.

- Bem senhor Verne, na verdade este assunto é um tanto obscuro até mesmo para nós os judeus, ainda mais nós que nascemos e vivemos a vida toda aqui no litoral tão distante das verdadeiras tradições que são cultivadas na distante Jerusalém, pois gasta-se um dia e uma noite para ir até lá a galope, ou gasta-se de três a quatro dias para se ir com mulas e por isso muitos de nós nasce aqui em Jope e vive por aqui mesmo sem saber ao certo o que se passa na cidade de Jerusalém que é a sede deste templo.

- Sim, entendo, mas alguma coisa você deve saber a respeito da maior tradição dos hebreus perante os outros povos do mundo, disse Jean Verne com uma curiosidade híbrida de antropólogo e de geólogo e com um olhar extremamente percuciente de quem está prestes a descobrir mais uma tumba perdida no enigmático mundo dos faraós.

- Lázaro pensou: como pode um estrangeiro se interessar tanto assim pelo templo de Salomão e eu que sou nascido aqui, filho de judeus, nunca me predispus sequer a ir até Jerusalém para conhecer a raiz de nossas tradições milenares e enigmáticas.

Mas procurando se recompor, como se aquilo representasse uma desfeita dele para consigo mesmo, Lázaro disse, procurando aparentar altivez:

- Desculpe senhor, mas a maior tradição dos hebreus ainda continua sendo o livro sagrado da Bíblia que nos traz os desígnios do Senhor.

Momentaneamente o olhar vago e sonhador do visitante voltou ao local em que o seu corpo físico estava e disse com um leve sorriso:

Ah, sim, como pude me esquecer do livro sagrado, é verdade ele é com certeza uma tradição maior do que o próprio templo de Salomão.

Lázaro se sentia um pouco melhor após aquele comentário coerente, afinal, o olhar daquele homem por si só já intimidava um pouco o interlocutor, pois é como se estivesse enxergando muito mais sobre os significados da vida do que as outras pessoas.

Sentindo-se um pouco mais a vontade Lázaro disse que o verdadeiro significado do templo de Salomão era desconhecido pela maioria dos habitantes que viviam na região do litoral.

- O que sabemos é que aquele é um local de orações diárias para a população de Jerusalém que eles até mesmo cultivam a hora da noa, como uma hora dedicada somente a orações e a devoções religiosas.

- Mas as proporções do templo, as dimensões do colosso arquitetônico não deixa sugerido que poderiam haver ali algo mais do que apenas orações?

Insistiu o gaulês de olhar curioso, esforçando-se para extrair algo mais de Lázaro.

- Bem senhor Verne, como eu lhe disse não sei de todas as abrangências pertinentes ao templo, porque dizem que são muitos edifícios agrupados dentro de uma mesma localidade avantajada, ademais nós que somos pobres não participamos de cerimônias tradicionais próprias dos mais ricos e nobres.

- Por acaso o senhor crê que as pessoas pobres sejam sempre desprovidas de real apreço e dos preceitos da tradição de um povo senhor Lázaro?

- Sim senhor Verne, os valores da tradição são cultivados e perpetuados por aqueles que têm o poder nas mãos e não é o nosso caso.

- Jean Verne esboçou um sorriso mais enigmático do que os anteriores e olhando para o teto do empório, mas como se ao invés do teto estivesse vendo estrelas ou talvez alguma visão fantástica, deu um suspiro profundo e depois vaticinou:

- Talvez senhor Lázaro, num futuro distante as pessoas venham a entender melhor o significado deste sofisticado e tradicional templo dos hebreus, ao mesmo tempo em que estariam estudando e avaliando a vida de uma pessoa simples e sem tradição tal como o senhor alega ser.

Jean Verne pagou a maçã que havia comido enquanto conversara com Lázaro e se despediu cordialmente deixando o comerciante com a sensação de que havia conversado com um ser de outro mundo.

CAPÍTULO 3
OS IDEAIS
DESTRUÍDOS

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

Um ano antes destes acontecimentos relatados chegara na cidade de Jope um visitante vindo de Jerusalém, era Asdrúbal, um fariseu do templo de Salomão cheio de altivez e de soberba muito mal disfarçada, Asdrúbal olhava a tudo e a todos de cima para baixo, como se estivesse mirando a todos de cima da montanha da presunção que erigira para si mesmo.

Por onde passava Asdrúbal deixava no ar um quê de seu narcisismo e de sua empáfia, causando mal estar em muitos dos habitantes locais.

Asdrúbal entrou no empório de Lázaro, como se estivesse entrando na despensa de sua casa, olhando as mercadorias com desdém, ora franzindo o lábio superior juntamente com as bochechas em sinal de desaprovação, ora meneando em sinal de negativa com a cabeça ao contemplar outra mercadoria e finalmente disse a Lázaro em relação às mercadorias:

- Estas mercadorias já estão velhas e o preço está muito elevado.

Lázaro esboçou uma fisionomia de contrariedade, passou a mão pela testa e disse:

- Mas não está escrito ao lado de nenhum preço que o freguês seja obrigado a comprar, se não estás satisfeito vá comprar em outro local.

O fariseu mirou Lázaro de cima a baixo, com um olhar ferino um tanto esquisito e empinou o nariz e saiu sem dizer uma palavra sequer.

Lázaro sentiu um mal estar momentâneo, aquele olhar estava carregado de um tipo de veneno desconhecido que ele nunca tinha sentido, mas pensou:

- Ah, deixa isto para lá, não vou me incomodar, aliás eu nem mesmo o conheço, deve ser algum al mofadinha presunçoso de Jerusalém que gosta de esno-bar o alheio só para se auto afirmar.

O fariseu não se demorou na cidade de Jope e Lázaro só o viu novamente quando já estava de partida e assim tudo voltou ao normal dentro da antiga tranquilidade e aquele incidente foi esquecido.

Curiosamente, após aquele incidente, as coisas não andaram bem para Lázaro, pois a sua fregue-

sia antes expressiva, começava a decair visivelmente e havia fregueses que antes lhe demonstravam, sincera amizade e que agora simplesmente lhe viravam os rostos e às vezes até o deixavam falando sozinho.

Lázaro não entendia aquela mudança cada vez mais agressiva dos seus antigos fregueses para com ele, apenas alguns poucos amigos ainda se conservavam fiéis na demonstração de sincera amizade e quanto mais passava o tempo mais as coisas pioravam.

Dorotea Dornel era uma bela jovem que vivia na cidade de Jope, seus cabelos eram tais como fios dourados a emoldurarem uma fisionomia cheia de vivacidade e de encantos juvenis espontâneos, a linha superior do nariz descia quase sem curvas da região frontal, lembrando os traços gregos, pela coloração das íris, os seus olhos pareciam dois lagos azuis e límpidos e todas as emoções que eles deixavam transparecer ganhavam vestimenta verbal que eram expressadas por dois lábios carnudos e bem rosados.

Se existisse um paraíso reservado para Deus e os seus anjos, com certeza os parâmetros de beleza, mesmo para eles, não poderiam ser muito distantes daqueles que eram exibidos pela prendada jovem.

Com certeza Dorotea seria naturalmente o alvo de cobiça por parte de qualquer cidadão de Jope ou de qualquer outra localidade.

No auge da graciosidade física Dorotea contava suas dezoito primaveras, era noiva de Lázaro e eles estavam fazendo os planos para realizar brevemente o consórcio matrimonial, mas curiosamente também Dorotea começou a mudar de comportamento e já não mais o via com tantas demonstrações de entusiasmo juvenil que lhes eram próprios.

- O que será que está acontecendo com todos, meu Deus? Perguntava Lázaro para o Deus íntimo que cada ser humano tem dentro de sua alma.

Um dia, caminhando e conversando em frente ao empório, Lázaro abordou Dorotea e perguntou:

- Dorotea, minha querida, eu a tenho observado nos últimos tempos e você já não parece a mesma, o que se passa? Fale-me sinceramente!

Dorotea abaixou a cabeça como se estivesse querendo se preparar para uma forte contrariedade, respirou fundo, virou para ele e disse:

- Lázaro, eu vou ser sincera e objetiva, eu não quero mais me casar com você, pois andei refletindo muito a respeito dos meus sentimentos e cheguei à conclusão de que não devo unir o meu destino ao seu, afinal casamento é um passo muito sério e se a gente não tem certeza das emoções mais íntimas, o fracasso mais cedo ou mais tarde nos pegará de surpresa e eu não quero isso nem para mim e nem para você, além do mais já estamos nos preparando para mudarmos para a cidade de Jerusalém.

O olhar da moça contemplava o redemoinho estampado no íntimo das pupilas de Lázaro tragando e lhe fazendo submergir o mais caro sonho de sua vida apenas deixando em troca um olhar marejado, juntamente com uma palidez cutânea cadavérica umedecida por um suor glacial que o fez cambalear momentaneamente.

O amor próprio de Lázaro falou mais alto e ele acabou se recompondo, após respirar fundo e espantar alguns fantasmas de sua imaginação.

Tentando aparentar certa indiferença, Lázaro passou a mão na testa enxugando o suor gelado que insistia em brotar e disse:

- Dorotea, estás certa desta resolução tão dramática e radical a nosso respeito?

- Sim, Lázaro, eu até já conversei com os meus familiares a este respeito e todos eles até já estão sabendo da resolução que estou te passando e a semana que vem já estaremos de mudança para a cidade de Jerusalém, vamos morar perto de um tio meu e ele até já arrumou um cargo junto à jurisdição pública para o meu irmão, que está muito feliz.

Lázaro continuava lutando titanicamente contra aquele íntimo redemoinho que insistia em lhe tragar e fazer submergir as suas esperanças e as suas

forças vitais e após um hercúleo esforço disse, procurando modelar o tom de voz para aparentar uma tranquilidade bem distante daquilo que estava sentindo:

- Bem Dorotea, se você já refletiu a este respeito, se você se decidiu sobre este assunto tão sério a nosso respeito, que posso dizer eu...

Por mais que Lázaro se esforçasse ainda assim a sua voz era grave e quase inaudível, demonstrando a tristeza de seu íntimo e estava algo entrecortada demonstrando as feridas que cada palavra, de sua agora ex-noiva, abrira em seu mundo interior, qual lâmina afiada a destruir os seus ideais.

Dorotea percebeu a dimensão do cataclismo emocional de Lázaro, mas estava decidida em sua resolução de não mais se casar com ele e disse:

- Lázaro, eu sei que esta é uma decisão que eu deveria ter tomado juntamente com você em diálogo aberto, porém de que adianta conversar e tentar se convencer do contrário, estas coisas do coração só funcionam bem se ambos os lados estão de acordo e felizes, por outro lado eu sei que você é um homem bom e assim haverá de encontrar outra jovem que o mereça e certamente ela ainda o fará muito feliz.

Dorotea estava resoluta e não quis mais estender aquela conversa que mais se parecia com algum assunto preparado para um velório e então se despediu de Lázaro que a cumprimentou quase que mecanicamente sem enxergar muito bem ao seu redor.

Lázaro tinha um amor próprio que simplesmente lhe proibia de ir atrás daquela que era o alvo de sua felicidade, o referencial de sonhos jamais imaginado outrora com nenhuma outra moça e assim apenas ficou mirando o seu sonho se esvanecer na neblina da tarde, pois também a natureza parecia triste naquela hora vespertina de outono da Judéia.

A neblina encobria o vulto de Dorotea que se afastava ao longe enquanto algumas folhas caíam de uma árvore próxima e Lázaro pensou consigo mesmo:

- Será que até a natureza está querendo conversar comigo sobre este episódio?

Ele rodou maquinalmente nos calcanhares e se dirigiu de volta para o empório não conseguindo nem entender como ainda estava conseguindo caminhar, pois as pernas estavam trêmulas e aquele fatídico redemoinho insistia em sepultá-lo no fundo de algum abismo submerso no oceano de sua adversidade.

Habitualmente ao cair da tarde Lázaro fechava o empório e ele mesmo preparava algo para comer no jantar, nos fundos daquele local de comércio, entretanto, na medida em que Dorotea se afastava de sua vida, levava também os seus sonhos e ele agora percebia que até mesmo a fome havia se afastado.

Lázaro fechou o empório e foi contemplar o ocaso do dia de cima de uma colina próxima, pois esta era uma situação em que não era o corpo que estava necessitando de alimento e sim a sua alma, mas na medida em que subia a colina parecia que estava se afastando das coisas e das pessoas do mundo. Nunca havia se sentido tão só em toda a sua vida.

O ocaso dava um verdadeiro espetáculo de matizes, predominavam as cores extremas do espectro luminoso, o vermelho e o violeta, enquanto extremas também eram as suas combalidas emoções e aquelas cores impregnavam as nuvens do firmamento ao longe que se assemelhavam a sonhos fictícios difíceis de serem alcançados, o sol era um grande disco avermelhado, era como se alguém tivesse apunhalado o sol original e ele estivesse sangrando ininterruptamente, todavia, ainda assim insistindo em brilhar.

- Meu Deus, será que a natureza também estava namorando com Dorotea juntamente comigo e agora está sentindo a mesma dor que eu?

Lázaro procurava manter um certo senso de humor apesar de sua imensa dor.

Aquele espetáculo da natureza logo foi encoberto pela neblina que agora se avolumava ainda mais nublando toda aquela visão nostálgica e então Lázaro se recolheu para o seu leito de dormir que ficava nos fundos do próprio empório.

A partir daquele dia um vinco de amargura passou a marcar a sua comissura labial e algo de taciturno passou a compor a sua fisionomia.

Uma semana depois Dorotea estava de partida com os seus parentes de mudança para a cidade de Jerusalém e apenas fez um aceno de despedida para Lázaro, pois não queria estender o drama anterior que havia percebido no íntimo do ex-noivo.

Curiosamente o aluguel do cômodo pertencente ao fariseu Ambrósio que morava em Jerusalém também havia subido muito e os negócios já não andavam tão bem, ameaçando a sorte de Lázaro.

Um ano havia se passado desde aquele dia em que Lázaro havia se encontrado com aquele fariseu de olhar estranho que o havia medido de cima a baixo e depois disto a sua vida parecia enfeitiçada, parecia que nada mais dava certo, perdera os amigos, perdera a noiva e agora estava perdendo também o empório, que era a fonte do seu sustento.

- Será que aquele homem era algum bruxo que havia lançado um mal olhado ou um feitiço sobre a minha pessoa?

Pensava Lázaro bastante cismado e entristecido pela sequencia de acontecimentos daninhos que vinham minando e solapando os seus recursos e até os seus relacionamentos mais íntimos.

Um outro barco atracou no cais, era um barco grego que também fazia a sua rota de comércio naquela área do oriente médio e logo dois gregos entraram em seu empório para comprarem frutas antes de irem para a rua do comércio, estes gregos já conheciam Lázaro há muito tempo e também falavam a sua língua e um deles, Aristarco, disse:

- Por Zeus Lázaro, o que tens homem? estás muito triste, levanta essa cabeça pois as desilusões de hoje são apenas o combustível necessário para as conquistas de amanhã, basta apenas fazer um sacrifício com fé e oferecê-lo a Zeus ou ao grade Apolo que você vai ter a sua alegria de volta.

Lázaro procurou disfarçar o que pode, pois percebeu que a sua tristeza havia emergido de seu mundo íntimo para se tornar visível também aos outros transparecendo em sua face e disse:

- Vocês gregos podem até ser os donos da filosofia e da democracia, entretanto, em termos de religião, nós os judeus estamos inúmeros passos à frente em relação à compreensão deste assunto.

Aristarco era bem humorado e disse:

- Não creio que vocês sejam superiores a nós os gregos em religião também, pois veja só que potência é Zeus com os seus raios no olimpo sagrado, veja o célebre Apolo com toda a sua sabedoria, veja Hércules com a sua força insuperável, nós temos todos os tipos de deuses e vocês têm apenas Jeová.

Lázaro até experimentou um momento de descontração e conseguiu sorrir apesar de ter o íntimo sangrando por tantos desencantos sucessivos.

Os gregos descontraídos logo se despediram deixando Lázaro sozinho com as suas elucubrações, sim, eram graves cismares, pois já estava difícil pagar o aluguel do cômodo ao fariseu Ambrósio e o máximo que ele conseguia era vender algumas frutas de vez em quando a alguns marujos velhos conhecidos.

Um ano sem conseguir vender satisfatoriamente as suas mercadorias, deixou Lázaro com uma parte do seu estoque realmente apodrecida, enquanto que as suas finanças mostravam-se bastante debilitadas, pois a venda eventual de algumas frutas não era o suficiente para saldar todos os seus compromissos.

Lázaro não havia conseguido juntar dinheiro suficiente para pagar o aluguel do cômodo e coincidentemente o fariseu Ambrósio, dono do cômodo de seu empório, estava na cidade de Jope a negócios.

O fariseu Ambrósio foi ao encontro de Lázaro sem demonstrar nenhum predicado amistoso e já foi logo dizendo incisivo:

- Lázaro, eu estou atravessando momentos difíceis em minha vida particular em Jerusalém e portanto esta minha visita tem caráter apenas comerci-

al, haja vista que retornarei amanhã mesmo para resolver outros problemas pendentes, estou aqui apenas para lhe comunicar que o aluguel do cômodo deverá subir já a partir da próxima mensalidade.

Os negócios daquela época não eram regidos por leis tão específicas quanto as que temos hoje em dia e assim o senhorio dono da propriedade e pertencente à cúpula do templo de Salomão tinha a tudo e a todos nas mãos como bem entendesse.

Lázaro estava recebendo a punhalada definitiva do destino pois nada mais poderia fazer, ainda mais contra um senhorio tão poderoso quanto aquele, pertencente à seita dos famosos fariseus.

Lázaro até que tentou argumentar, pois afinal de contas aquele era o último tronco em que se agarrava desesperadamente para não submergir nas águas turbulentas da adversidade fatal.

Se Lázaro perdesse o amparo do empório passaria a viver sem nenhum rendimento monetário, pois não tinha nenhuma outra fonte de renda e então os seus argumentos foram bastante comoventes e até mesmo refletiam muito da sua íntima desesperação.

Mas, o fariseu foi irredutível e não aceitou os contra argumentos apresentados por Lázaro para que continuasse a comercializar, defendendo o pão de cada dia, utilizando o seu cômodo de aluguel.

Assim, Lázaro se viu despejado numa ação que não demorou muito tempo, já que a milícia local era comandada pelos saduceus, irmãos de seitas do fariseu Ambrósio, dono daquele empório em questão.

Um quadrilheiro saduceu disse ao Lázaro que ele teria dois dias para desocupar o cômodo, retirando dali a sua mobília e os seus pertences em geral para entregá-lo totalmente liberado ao fariseu no terceiro dia a partir daquela data.

Aquele era o golpe definitivo contra a pessoa de Lázaro, seria obra de um destino negligente em relação à sorte de algumas pessoas ou seria apenas obra da maldade humana? Lázaro não sabia respon-

der mas o que realmente importava é que ele agora estava sem o seu empório e sem o seu ganha pão também.

O quadrilheiro se afastou deixando Lázaro com graves cismares sobre a sua sorte, mas foi logo arrebatado do mundo de suas ideias por um freguês que havia descido de um navio germânico recém atracado no movimentado cais de Jope.

- Bom dia senhor, como vai?

- Bem senhor, é um prazer tê-lo em meu estabelecimento, meu nome é Lázaro.

Lázaro procurava ser gentil mas não conseguia disfarçar a densa neblina que turvava completamente a sua dolorida alma.

- Meu nome é Igor Bismarck, mas o senhor está se sentindo bem senhor Lázaro?

Lázaro percebeu que as suas entristecidas emoções estavam estampadas em sua fisionomia, mas já não queria disfarçar mais nada e disse:

- Não senhor Bismarck, na verdade estou muito aborrecido, pois o senhorio pediu o cômodo deste estabelecimento e eu tenho apenas dois dias para entregá-lo em definitivo e depois disto nem sei ao certo o que vou fazer para garantir o meu sustento.

Igor Bismarck pegou e pagou um pouco de mantimento e disse com o forte sotaque de sua terra:

Eu sou um cidadão da Germânia, mas penso que tanto o meu quanto o seu povo necessitam de ser mais unidos pois somente com a união verdadeira de todos os cidadãos se pode construir um povo forte e coeso.

Igor disse as verdades que estavam em sua alma, mas elas estavam algo distante da realidade que o momento apresentava para Lázaro.

Igor se despediu e se afastou e logo entrou outro freguês para fazer as suas compras no empório do entristecido Lázaro.

- Bom dia senhor.

Disse o recém-chegado demonstrando cordialidade com o comerciante taciturno.

- Bom dia senhor, fique a vontade.

- Eu sou Edward Kant da região nórdica.

- Muito prazer, eu me chamo Lázaro.

Desejo um saco de trigo e algumas frutas para comer na viagem.

- As frutas estão bem ai senhor Kant, fique a vontade para escolher enquanto eu vou pegar o saco de trigo, aguarde só um instante.

Lázaro entrou nas dependências mais reservadas de seu estabelecimento comercial e pegou um dos últimos sacos de trigo e o trouxe para Kant.

- Aqui tem o trigo senhor Kant

- Muito obrigado senhor Lázaro

O freguês nórdico pagou o que havia pedido e esboçou um sinal de contrariedade, torcendo os lábios de forma curiosa e arrematou:

- Já sei problemas com a namorada?

Lázaro já não fazia questão de disfarçar o seu mal estar íntimo e a sua tristeza e respondeu:

- Não só com a namorada, mas ainda agora com o estabelecimento comercial que acabei de perder, pois já não tenho dinheiro para pagar o aluguel.

Kant mirou Lázaro por alguns instantes algo penalizado e depois concluiu enigmático:

- Sabe senhor Lázaro é justamente nas adversidades desta vida que um ser acaba quebrando a crosta concreta do comportamento grosseiro que herdamos da sociedade materialista para que somente então aos poucos a luz abstrata do ser possa brilhar libertando a sua essência daquele obstáculo anterior.

Lázaro não era um pensador renomado, mas entendeu aquela mensagem e Kant se despediu desejando força para que ele conseguisse se equilibrar.

No dia seguinte veio num barco eslavo o senhor Ivan Tolstói e também demonstrou amabilidade para com Lázaro dizendo que a verdadeira riqueza do homem está nos valores da alma e não no dinheiro.

Finalmente, Ambrósio instalou um parente seu no lugar de Lázaro e retornou rapidamente para Jerusalém não dando muita importância a que tipo de sorte teria Lázaro a partir dali.

Na realidade Dorotea representava uma perda muito mais significativa e dolorida para o mundo íntimo de Lázaro do que estava representando até mesmo o próprio local de seu ganha pão.

Assim, Lázaro parecia assimilar melhor aquele duro golpe do destino do que quando Dorotea lhe disse que não mais se casaria com ele.

Parecia que havia um complô armado contra ele, parecia que queriam vê-lo mesmo como um mendigo andarilho pelas ruas, pois Lázaro ao vender os seus móveis e o restante de sua mercadoria conseguiu bem pouco dinheiro e agora estava desamparado na vida.

Então Lázaro se pôs a refletir: Será que aquele fariseu que havia entrado em seu empório e questionado a sua mercadoria teria algo a ver com todas estas terríveis transformações? E respondia para si mesmo: mas é claro que não, ninguém tem tanto poder para prejudicar o alheio assim, ainda mais por um simples bate boca num local de comércio que deve cair no esquecimento tanto de minha parte quanto da dele, que nem aqui na cidade de Jope mora, pois é fariseu e vive na cidade de Jerusalém.

Lázaro continuou suas reflexões num curso um pouco diferente "talvez o morador da península ibérica tivesse razão e enxergou um certo azar dentro do meu nome" e assim terei que me preparar para administrar todo o azar que virá me afligir por toda a vida, entretanto dando expansão à reflexão arrematou: mas isto não tem o menor sentido, pois então todos os indivíduos que se chama Lázaro teriam que ter má sorte e isto por si só não tem lógica, penso que é mais fácil o fariseu ter a ver com esta má sorte momentânea do que este lúgubre presságio do homem ibérico ter procedência coerente. Mas quem em sua consciência poderia atribuir tanto poder social a um homem fariseu, por mais influência que tivesse.

Lázaro não era um pensador filosófico e as reflexões o haviam deixado exausto e assim ele logo pegou no sono e dormiu profundamente.

CAPÍTULO 4

O ANDARILHO

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

O rigoroso inverno havia pegado Lázaro de surpresa com um frio cortante castigando a sua pele semi-desprotegida, pois não havia se preparado a contento para um frio muito intenso já que nos invernos anteriores, o aconchego do empório e a alimentação lhe deixavam amparado e aquecido.

Inicialmente Lázaro apelou para as antigas amizades, mas as suas amizades haviam esfriado quase que inexplicavelmente, os antigos amigos estavam agora mostrando que eram apenas peças ou talvez marionetes de um palco aparente criado apenas para o deleite, quem sabe, dos deuses gregos caprichosos.

Lázaro estava sozinho na jornada da vida e o seu escasso dinheiro se esvaindo rapidamente, o que possuía apenas dava para pagar o aluguel de uma pensão para se abrigar naquele inverno e depois já não teria mais nenhum outro recurso qualquer.

Lázaro passou a economizar até mesmo em relação à sua alimentação e enquanto permanecia na pensão que alugou pelo período do inverno, punha-se a considerar sobre os caminhos e os descaminhos desta vida, sobre os altos e baixos que oscilam brincando com as vidas dos seres humanos, sobre os encantos que maravilham e exaltam os sentimentos e sobre os desencantos subsequentes que transformam todos os projetos em cinzas da noite para o dia.

Acaso os gregos estariam certos? Não seria este mundo governado apenas por deuses caprichosos que se divertiam manipulando os destinos dos seres humanos? Ou será que existiria alguma organização sofisticada de homens que estaria tentando substituir aqueles deuses gregos imaginários?

Quando Lázaro concebeu este último pensamento teve instantaneamente um calafrio que lhe percorreu todo o corpo de cima a baixo, será possível que os homens poderiam criar uma estranha sociedade que se atrevesse a ter esse tipo de presunção?

- Não, é claro que não, isto é absurdo, ademais deve ser pura coincidência o fato de ter discutido com o fariseu Asdrúbal no ano passado e a par-

tir dai tudo tenha dado errado, não é concebível que um homem só possa ter influência sobre os meus ex-amigos e sobre a minha ex-noiva, sim, a lógica me mostra que só pode ser coincidência.

- Dizem que os fariseus são muito poderosos e que eles têm muitos poderes e influências, sim, mas, imaginar as mãos de fariseus manipulando toda aquela situação de agravo pessoal já era demais.

Cada pensamento de Lázaro se insurgia ao fundo de sua mente e vinha arrastando antigas considerações na velocidade do furacão, destroçando velhos pontos de vista, despedaçando todos os conceitos que albergara em sua mente, menos um, a crença no Deus único e pairava além da compreensão do ser humano.

Por mais que tentasse assimilar os conceitos de divindades dos gregos ou até mesmo de um tal Odim e de outros deuses cultuados pelo norte europeu, Lázaro não conseguia abrir mão do seu monoteísmo.

- Sim, Deus é apenas um e é Onipotente, onipresente e Onisciente e não consigo vê-lo de outra forma e em relação ao meu destino, talvez Ele esteja querendo que a adversidade sirva de esmeril para desenvolver alguma virtude dentro de mim mesmo.

Lázaro havia emagrecido bastante pois só comia o necessário para sobreviver já que o seu escasso dinheiro estava no fim, agora o vinco da comissura labial estava mais pronunciado pois a sua amargura era ainda maior e mais expressiva.

O dono da pensão pediu o quarto, pois já havia terminado o período do inverno e agora na primavera, enquanto a natureza se preparava para exibir o talento da seiva nos vegetais, emergindo das raízes para dar origem aos encantos das flores, Lázaro se preparava para exibir o desalento na relva dos campos, emergindo do quarto obscuro da pensão para vivenciar seus desencantos e suas dores, pois passaria a vagar pelas ruas como andarilho.

- Duro contraste entre a natureza e eu, pensava Lázaro ensimesmado em seu mundo mental.

Lázaro ainda tentou encontrar emprego ou alguma tarefa remunerada na cidade de Jope, mas ninguém lhe dava trabalho, parecia um complô de toda a sociedade contra a pessoa de um homem só.

Havia se tornado um mendigo e ninguém lhe dava abrigo, só as vezes alguma pessoa lhe dava o que comer, mas todos evitavam a sua presença.

Joel, que havia sido o amigo mais próximo de Lázaro, sugeriu que ele se mudasse para Jerusalém, quem sabe se naquela cidade as pessoas não teriam al gum emprego para que ele voltasse a lutar pelo pão de cada dia com a dignidade de antes.

Lázaro já não prestava atenção às coisas com a mesma vivacidade e com o mesmo interesse de antes, mas considerou que aquela opinião talvez pudesse representar uma nova possibilidade para a sua vida.

Joel lhe disse algo prestativo:

- Lázaro vai sair um mercador com algumas mulas carregadas de mercadoria para comercializar em Jerusalém amanhã à tarde, ele quer aproveitar o tempo bom e a lua cheia para que assim possa caminhar até mesmo durante a noite e você poderia ir com ele para tentar a vida na cidade de Jerusalém.

- Obrigado pelo aconselhamento amigo Joel, eu vou acompanhar o mercador, se ele não se opuser, e irei para Jerusalém tentar a sorte ainda uma vez.

- Não se preocupe Lázaro eu tomei a liberdade de perguntar para ele se você por acaso o poderia acompanhar e ele já concordou.

- Mais uma vez obrigado amigo Joel, fico te devendo este favor.

- Ora, deixe disso Lázaro, eu só lamento não poder recebê-lo em minha casa, pois ela não me pertence e sim aos meus pais.

A demonstração de apreço por parte de Joel havia infundido um pouco de vida naquele homem já muito sofrido que agora era uma pálida sombra do que havia sido outrora o comerciante Lázaro.

Lázaro procurou lavar as suas roupas num ria cho próximo, comeu algumas frutas silvestres e se ar

rumou como pôde para se apresentar ao mercador Anastácio na tarde do dia seguinte à hora da partida.

Anastácio era um homem de traços rudes, mas tinha um olhar pacífico e já há muitos anos fazia o trajeto de Jope até Jerusalém levando mercadorias para serem comercializadas na grande cidade dos presunçosos fariseus e do famoso templo de Salomão.

Lázaro se apresentou e Anastácio o acolheu dizendo que poderia ir com ele e se quisesse conduzir duas das mulas ele conduziria as outras duas e depois lhe daria um pagamento por seu trabalho quando chegassem na cidade de Jerusalém.

Lázaro aceitou de bom grado e até se podia ver um pouco de animação em sua fisionomia já combalida pelos sucessivos desenganos e mal tratos.

Meia hora depois os dois homens estavam conduzindo as quatro mulas em direção à cidade de Jerusalém para o comércio usual da época.

Os dois homens caminharam três dias e três noites seguidas, com intensas caminhadas até mesmo à noite sob a claridade da lua cheia, que facilitava bastante o percurso do mercador e de Lázaro.

No segundo dia de jornada à noite eles pararam para descansar um pouco e sentaram-se nas pedras de um monte à beira do caminho, trocaram algumas palavras de encorajamento em relação ao percurso e Anastácio resolveu dormir um pouco ao lado numa clareira natural do chão propícia ao repouso.

Lázaro permaneceu acordado para nadar um pouco no oceano de suas íntimas conjecturas e de vez em quando mergulhava no âmago de suas mais obscuras adversidades não por masoquismo mas apenas por querer entender a vastidão de seus conflitos atuais.

Lázaro, como bom judeu, já ouvira os relatos bíblicos a respeito de Jó, de seus inúmeros sofrimentos e ao mesmo tempo de sua fé inabalável no Senhor e obviamente esta lembrança lhe infundia ânimo novo e uma fé sempre renovada após cada decepção.

A fé de Jó era o escafandro impermeável e inabalável que o sustentava naquele mergulho no oce-

ano de seus próprios problemas, era o escafandro vigoroso que o intuía e o alentava naquela sequencia de perdas irreparáveis que ele havia sofrido.

Será que só havia tubarões naquele oceano? Será que só existiam perigosos predadores para rasgarem com os dentes os seus sonhos e os seus ideais, que por um lado eram simples, mas para o seu enfoque emocional extremamente raros e caros.

Quando o sofrimento ou a sensação de perda parecia se abrir numa vala profunda para precipitá-lo num insondável despenhadeiro submerso, a imagem mental de Jó o sustentava naquela desdita e o escafandro o impedia de afundar ainda mais e de morrer.

Quanto tempo ficou mergulhado em seus conflitos? Lázaro não saberia dizer, mas tendo-se resistência e coragem até que é bom de vez em quando dar um mergulho no oceano das íntimas emoções.

A lua projetava a sua luz prateada de reflexão solar para fazer companhia às reflexões mentais de Lázaro até que os reflexos de ambos se encontraram numa interseção de incógnitas.

- Meu Deus, afinal como é que esse disco prateado foi parar lá no meio do firmamento? Por que emite essa luz prateada tão misteriosa? Puxa como é misterioso este mundo! Lázaro havia abandonado a condição de mergulhador para se transformar num astronauta mental, sem que em nenhuma das duas situações permitisse que a depressão lhe roubasse o apreço pela vida apesar da sua condição de andarilho.

Já estava quase amanhecendo e finalmente Lázaro pegou no sono e conseguiu descansar um pouco, só um pouco, pois logo amanheceu e Anastácio se levantou junto com os primeiros raios do sol e despertou Lázaro também, que passou a acompanhá-lo um tanto sonolento e bocejando de vez em quando.

- Não conseguiste dormir, Lázaro?

Perguntou Anastácio, curioso.

- Não muito senhor Anastácio, as mudanças na minha vida estão sendo muito rápidas e algumas até

drásticas e eu, veja só, apesar de judeu nem sequer conheço a cidade de Jerusalém.

-Não conheces Jerusalém?

Estranhou Anastácio.

- Não, nasci na cidade de Jope e nunca sai de lá até essa data.

- Ah, mas então essa viagem será ótima para você, pois Jerusalém é uma cidade muito bonita, ali vivem os homens mais influentes da Judéia e além do mais possui o famoso e majestoso templo de Salomão.

Sim já ouvi falar muito do templo de Salomão mas, ainda não tive a oportunidade de conhecê-lo, quanto aos fariseus bem, estes, eu os conheci lá memo em Jope e confesso que não gostei muito.

- Andou se indispondo com os fariseus?

- Bem, um deles esteve em meu ex-empório e se pós a criticar os meus produtos e os meus preços e então eu disse que fosse comprar em outro lugar, ele me olhou de um modo estranho e saiu do empório aparentemente contrariado e parece coincidência mas a partir dai os negócios foram de mal a pior.

- Vou te dar um conselho, Lázaro, não te metas com os fariseus, eles são um tanto misteriosos e outro tanto, multiplicado por mil, perigosos.

- Exatamente por que eles são perigosos?

- Como eu te disse o mistério que os envolve não nos deixa saber, mas eu sinto o perigo exalando de suas fisionomias e exalando também das franjas de suas roupas sofisticadas de mestres.

- É, eu fico até com calafrios de lembrar do olhar e da fisionomia do fariseu que esteve em meu empório no dia em que já te comentei.

Anastácio tratou Lázaro com distinção e respeito mas não deu mostras de que o queria junto a si após terminarem aquela viagem pois alegou que a sua vida era a de mercador e que estava acostumado a trabalhar sozinho há muito tempo e que aquela situação era a ideal para o seu modo de vida.

Finalmente aparecia ao longe a cidade de Jerusalém e Lázaro iria começar vida nova.

CAPÍTULO 5

JERUSALÉM

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

Anastácio era um homem solitário mas aparentemente havia se adaptado às agruras deste modo singular de vida e mais solitário agora estava Lázaro que não possuía nem mesmo aquelas quatro mulas por companhia para defender o seu pão de cada dia e só Deus poderia saber o tipo de dificuldades que ainda teria de enfrentar pela vida afora, por não contar com a compreensão dos que estavam à sua volta.

Anastácio deu algum dinheiro para Lázaro como havia prometido inicialmente, algumas peças de roupas que havia levado para comercializar e uma espécie de "amuleto da sorte" que tinha o formato de um candelabro em miniatura e se despediu dele com sinceros desejos de boa adaptação na nova cidade e quem sabe até de prosperidade e Lázaro se mostrou sinceramente reconhecido por sua bonomia.

Lázaro guardou as roupas recém-adquiridas e o pequeno candelabro num dos compartimentos de seu alforje, algumas frutas e pães no outro lado e se afastou de Anastácio seguindo por uma rua enquanto o Anastácio foi em direção à rua do comércio local.

Jerusalém era um dos referenciais de cultura e de desenvolvimento mais curiosos da antiguidade e toda a sua pujança e estilo de vida chamava a atenção dos outros povos que observavam todas as características hebraicas com expressiva curiosidade tanto no que se refere ao modo de vida quanto aos valores individuais cultivados principalmente em função do misterioso templo de Salomão.

Até mesmo quando Lázaro tinha o seu empório no litoral, ele percebia que aquilo que mais chamava a atenção dos estrangeiros que lá atracavam era com relação à existência do templo de Salomão, todos queriam detalhes a respeito de sua construção, dos valores que eram ensinados em seu interior, de sua procedência, de suas finalidades e de suas possíveis pretensões diante dos outros povos.

Lázaro, por sua vez, não sabia muitos detalhes a respeito do templo de Salomão, não sabia de onde havia originalmente vindo a idéia que havia pos

sibilitado o ensejo para a sua construção e acabava não podendo dar muitas informações a respeito da característica mais típica dos judeus e também a mais famosa fora da Judéia entre os outros povos.

Quando os estrangeiros perguntavam a respeito do templo no empório de Lázaro ele se limitava a dar informações evasivas sem nunca entrar em detalhes mais específicos sobre a sua construção ou sobre a sua verdadeira finalidade entre os hebreus.

Na verdade Lázaro sempre fora um judeu do litoral um tanto afastado das reais tradições que motivavam os seus patrícios mais abastados, principalmente daqueles que viviam em Jerusalém.

Jerusalém sempre foi um referencial distante da vida de Lázaro pois nunca a tinha visitado, mas curiosamente era sobre esta cidade que mais se conversava em seu empório, pois todos os marujos estrangeiros queriam saber detalhes a respeito da curiosa capital governada pelos mestres fariseus.

Jerusalém sempre fora um paradigma distante geograficamente e ao mesmo tempo próximo, em consequência da mesma raiz hebraica que tinha por denominador comum o patriarca Abraão, raiz primeira de todo o povo judeu e de toda a genealogia subsequente.

Os principais filhos da raça semítica viviam ali em Jerusalém, defendendo os ideais hebraicos mais antigos concebidos pelos primeiros ancestrais.

Lázaro agora estava em Jerusalém, a cidade que havia absorvido a maior parte do tempo dos seus diálogos travados na cidade de Jope.

Jerusalém não era mais apenas um distante referencial da tradição hebraica que Lázaro ouvira falar pelas descrições de outras pessoas, ela agora era tão real quanto o seu próprio corpo físico e estava ali mesmo para que ele a descobrisse, não precisava mais fazer suposições ou conjecturas mirabolantes para tentar explicar aquilo que ele não conseguia entender e agora poderia ele mesmo apreciar todos os valores até então eram apenas imaginados.

A nova situação havia infundido um ânimo novo na pessoa de Lázaro que olhava tudo com uma atenção redobrada e tudo, transeuntes, casas, ruas e vegetações eram minuciosamente apreciados como se nada daquilo houvesse em sua cidade de origem.

Lázaro queria saborear aquele encontro como quem toma um prato de sopa muito deliciosa e quente e vai tomando pelas bordas primeiramente para somente depois atingir o meio do prato em questão, e assim começou a conhecer Jerusalém pela periferia saboreando cada novo recanto com especial atenção, até mesmo os cães eram observados com muito interesse.

Lázaro andou um pouco mais, mas já estava entardecendo e então ele procurou um lugar mais retirado para se acomodar e para passar a noite da maneira mais confortável que conseguiu improvisar.

Os pássaros começaram a se aquietar, assim como os moradores de Jerusalém e logo a noite vestiu o seu manto escuro sobre a cidade, deixando pairar uma calma que só era quebrada de vez em quando pela agitação de pássaros noturnos como a coruja, a procura de suas presas adormecidas.

Mais uma vez Lázaro deixou a sua mente viajar como um verdadeiro astronauta, pois a escuridão da noite era esmaecida pela luz prateada da lua que agora começava a se tornar quarto minguante.

As interseções de incógnitas continuavam entre a lua e Lázaro, pois a lua projetava a reflexão da luz solar até Lázaro e ele refletia a sua luz de centelha divina na direção contrária.

As reflexões se entrecruzaram formando uma malha energética com nuances ígneas a impregnar de modo indelével a intimidade do éter físico.

O momento se eternizava a si mesmo pela peculiaridade que caracteriza cada instante vivido por cada ser com suas particularidades pessoais.

As reflexões se sucediam naturalmente mas desta vez Lázaro estava cansado e não teve dificuldades para pegar no sono e para dormir um sono pro-

fundo e reparador apesar da precariedade do leito improvisado debaixo de uma árvore copada.

Pela manhã os primeiros raios da aurora despertaram Lázaro que se ergueu disposto a continuar o seu reconhecimento iniciado antes a respeito dos limites e das características da cidade de Jerusalém.

O leito improvisado com folhas não foi macio o suficiente e isto o deixou com um ligeiro torcicolo mas que ele procurou simplesmente ignorar.

Lázaro continuou a sua caminhada para conhecer Jerusalém a partir da periferia e continuou a circundá-la pela parte mais externa, assim passava por alamedas frondosas e por matas semicerradas intercaladas por habitações mais simples em comparação com as primeiras que ele havia visto.

Tudo representava a mais deslumbrante novidade para os seus olhos que pareciam "beber as imagens" ao invés de simplesmente vê-las.

Lázaro passou por uma mata mais fechada e procurou contornar uma passagem mais estreita à beira de uma encosta íngreme e se aprofundou numa alameda composta por árvores frutíferas.

Eram oliveiras carregadas de frutos aos quais todos os habitantes tinham acesso indistintamente e assim era possível comer olivas até se fartar sem que ninguém viesse reclamar a propriedade sobre aquelas árvores tão frondosas e dadivosas.

- Puxa, aqui parece um pedaço do céu.

Pensou Lázaro depois de um suspiro profundo.

- Ah, se eu não tiver nada para comer de vez em quando posso vir até aqui para matar a fome.

- É, penso que vou me adaptar aqui e talvez até me dar muito bem, quem sabe?

A esperança é mesmo a última virtude a desaparecer da mente de um ser humano, ela é uma espécie de combustível divino que alimenta cada centelha e a incentiva para que continue sempre lutando pela vida mesmo diante das piores adversidades. Lázaro havia perdido tudo, mas ainda lhe restava a esperança.

CAPÍTULO 6
O TEMPLO
DE SALOMÃO

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

Lázaro caminhou por entre as árvores das oliveiras, respirando o oxigênio salutar que o local exalava, passando as mãos pelas árvores e pelas folhagens parecendo mesmo uma criança caminhando descontráida num jardim de sua própria casa quando o caminho se interrompeu numa encosta abrupta e só então ele percebeu que se tratava de um monte bem elevado, era o monte das oliveiras, aliás este monte iria se tornar muito famoso meio século mais tarde com a presença nele de Jesus de Nazaré e de seus apóstolos.

Lázaro estava caminhando com a cabeça baixa e quando viu que o caminho se interrompeu por causa da encosta íngreme, levantou a cabeça e de lá de cima contemplou uma vasta área à sua frente.

Se por um lado a área que se tinha para contemplar era extensa, por outro lado Lázaro parou a sua visão instantaneamente quando divisou determinada construção avantajada e soberba, era o templo de Salomão que se descortinava imponente à sua frente, com toda a sua pujança e exuberância de estilo, justificando porque ele era tão comentado até mesmo pelos estrangeiros que visitaram o seu ex-empório.

Lázaro ficou estupefato, parado e simplesmente imóvel de pasmo ao contemplar a gigantesca construção, uma das maiores da antiguidade. Quanto tempo Lázaro ficou assim boquiaberto? Ele mesmo não saberia responder se alguém lhe perguntasse, pois perdeu completamente a noção de tempo, e o espaço dentro da sua mente passou a ser preenchido apenas pela imagem do templo impregnado em suas retinas visuais.

Depois de alguns minutos de espanto Lázaro ainda passou as mãos pelos olhos como se quisesse espantar definitivamente aquela visão que mais se parecia com um sonho, ou para finalmente confirmar que ela era verdadeiramente real; novamente abriu os olhos e confirmou que não estava sonhando.

- Mas o que vem a ser essa construção tão gigantesca meu Deus?

Finalmente Lázaro formulou esta pergunta em voz alta para si mesmo, como quem acabasse de se recobrar de um susto de fazer perder o fôlego.

Obviamente estava só e por isso mesmo ninguém lhe respondeu a boca ainda permanecia entreaberta e os olhos vidrados na direção do templo com os braços e as pernas ainda extáticos.

A perplexidade se uniu à intuição e Lázaro viu um elo de coerência para as dores da humanidade desde o mais remoto passado, passando pelo presente em que vivia e indo em direção ao futuro distante e novamente um calafrio lhe perpassou a coluna vertebral como um relâmpago flamejante que o atingisse e caminhasse do alto de sua cabeça até os pés.

- Puxa, que sensação estranha meu Deus, esta construção, estas pedras, estes gigantescos edifícios, tudo isto me dá calafrios e uma sensação de mal estar, porque parece que tudo isto significa muito mais do que a minha visão está a contemplar.

As reflexões que Lázaro costumava entrelaçar com as reflexões da lua achavam agora um novo referencial, entretanto, aquelas gigantescas construções inexplicavelmente não promoviam a mesma troca reflexiva que era peculiar aos raios da lua.

Havia algo de sombrio e até de ameaçador naqueles gigantescos edifícios como que a dizer que al gum senhor prepotente era o seu dono e que ele seria implacável com qualquer um que dali se aproximasse, ainda mais ele, Lázaro, na condição de mendigo.

A opulência se tisonava com um tom ameaçador e o conjunto de edifícios parecia belo à primeira vista, mas depois adquiria uma feição assustadora.

A visão inicial foi de inteira surpresa, mas depois que Lázaro observou melhor, parecia haver algo de familiar naquele conjunto arquitetônico.

- Quem sabe, talvez eu já tenha visto esta arquitetura gigantesca em alguns de meus sonhos.

- Este só pode ser o templo de Salomão!

Concluiu Lázaro, ainda uma vez em voz alta, de si para consigo mesmo.

Lázaro aos poucos se recompôs da surpresa inaudita, daquela visão singular e das emoções que ficariam gravadas em sua memória para sempre.

Depois de respirar fundo, Lázaro se refez e começou a caminhar procurando descer do monte das oliveiras mas sem conseguir tirar os olhos do gigantesco e milenar conjunto arquitetônico.

Lázaro contornou um pouco mais para o lado e logo conseguiu descer daquele monte que ficaria bastante famoso cinquenta anos mais tarde.

No caminho em direção ao templo de Salomão, Lázaro encontrou muitas pessoas passeando, indo fazer compras ou simplesmente conversando entre si, mas ele não prestou muita atenção, queria ir direto para as proximidades do templo para contemplá-lo de perto ao menos pelo lado de fora.

Algumas pessoas o observavam demonstrando certa curiosidade, pois ele representava um completo desconhecido naquela localidade.

Lázaro não se deteve diante de nenhum olhar, pois a curiosidade em relação ao templo de Salomão era muito maior do que as pessoas que o circundavam.

Ele caminhou rapidamente até se deparar com as muralhas da frente do templo e com a principal entrada do colosso erguido em pedras.

A movimentação dos judeus em torno do templo era sempre expressiva, parecia mesmo que toda aquela população só vivia em função da existência daquele templo que a tanto tempo havia sido erguido.

Lázaro perguntou para um fariseu se aquele era o templo de Salomão e após medi-lo com estranheza o fariseu respondeu:

- Mas é claro que é, por acaso você é algum ser de outro mundo? Imagine só não conhecer o templo de Salomão! E foi saindo indignado.

- Mas, afinal, o que é que se faz dentro deste templo?

- Por que ele magnetiza tanto assim todas as mentes dos judeus e até de estrangeiros?

O templo de Salomão também era aberto às pessoas da classe pobre e então Lázaro movido por extrema curiosidade entrou no templo com toda cautela como se estivesse pisando em ovos.

O que viu panoramicamente foi mais arrebatador do que a primeira visão de todo o conjunto a partir do monte das oliveiras inicialmente.

Ele havia entrado num luxuoso templo com as paredes todas decoradas em seu interior, um templo que tinha uma altura aproximada de uns dez homens e um teto revestido com decorações que lembravam as construções mais luxuosas da antiguidade hebraica, entretanto, nas paredes havia desenhos enormes cuja origem era inequivocamente de procedência egípcia.

- Mas, o que significa isto meu Deus?

Perguntou ainda boquiaberto o mendigo Lázaro

- Por acaso este templo tem alguma coisa a ver com o Egito de onde Moisés nos libertou?

- Por acaso não estamos livres do jugo do Egito dos faraós?

- Mas, se isto é verdade, por que estas gravuras egípcias tão enormes desenhadas nas paredes interiores do templo de Salomão?

Um turbilhão de perguntas agitavam a mente de Lázaro fazendo-o momentaneamente se sentir um pouco confuso e até mesmo atordoado diante do que acabava de encontrar diante dos seus olhos.

Em todas as extensões medianas das paredes interiores do templo as gravuras que lembravam o estilo inconfundível do Egito dos faraós era marcante e preenchiam todo o espaço correspondente.

Era o segundo grande susto em menos de uma hora e Lázaro teve que se segurar e respirar muito fundo para não cair desmaiado.

Novamente aquela estranha sensação de que já tinha visto aquelas gravuras em algum lugar, talvez num sonho, ou talvez de tanto conversar a respeito do templo já tivesse imaginado o seu aspecto em algum lugar não muito bem conhecido de sua mente.

Apesar da sensação de familiaridade que o templo lhe inspirava, ele não parava de achar estranha aquela visível relação com o Egito dos faraós.

Externamente o templo não se assemelhava nem com pirâmides e nem com esfinges, mas internamente ele tinha muito a ver com o misterioso Egito.

- Afinal, o que significava aquela relação com o Egito antigo, será que Moisés havia libertado o povo judeu de lá, mas havia trazido algo dos costumes típicos daquele misterioso povo?

Lázaro procurou se equilibrar para não cair porque o turbilhão de perguntas não parava e a sua mente já rodopiava como num redemoinho.

Então pareceu que o olho de uma das gravuras egípcias da parede lateral à sua direita emitiu um raio branco que se dirigiu rapidamente para Lázaro e antes de atingi-lo se abriu num leque de matizes policrômicos e depois se projetou para ele como se fosse uma explosão sem sons, feita só de luz.

De repente Lázaro sentiu uma água fria escorrer pelo seu rosto e ele se assustou levantando ligeiramente a cabeça.

- Meu Deus, o que aconteceu?

- Onde estou?

Lázaro havia dado um susto nos frequentadores do templo de Salomão, e quando ele perdeu os sentidos eles o levaram para fora do templo e lhe jogaram um pouco de água para que pudesse se reanimar.

Lázaro ficou constrangido com o desfecho das suas emoções, pois ali estava caído, vítima de um desmaio que subtraiu a sua consciência em consequência das diferentes emoções que emergiram de seu âmagô a partir das novidades vistas no local.

- Ou será que seria fraqueza em decorrência da pouca alimentação nos últimos dias?

Pensou Lázaro, contra argumentando consigo mesmo na tentativa de justificar a sua desconfortável situação perante tantas pessoas.

Logo se levantou dizendo para as pessoas à sua volta que ele estava melhor, que havia sido ape-

nas um mal estar passageiro e que não precisavam de se preocupar porque ele já estava bem e pôs-se a caminhar afastando-se daquele local após agradecer o cuidado e a atenção que lhe demonstraram.

Lázaro estava um pouco envergonhado por haver perdido os sentidos, pois a última vez que se lembrava, ainda estava de pé, impressionado com as gravuras observadas no interior do templo e agora estava deitado fora do local e só havia acordado após lhe jogarem um pouco de água em seu rosto.

Estava sentindo apenas uma ligeira enxaqueca e um pequeno hematoma que se formou na região occipital da cabeça em consequência da inesperada queda no interior do templo de Salomão.

- É, talvez seja melhor um bom almoço hoje para repor as minhas energias, ademais foram muitas emoções sentidas só no período matutino.

Lázaro tentava se convencer de que aquele mal estar era em decorrência da escassa alimentação que havia ingerido, pois tinha pouco dinheiro, ele não queria admitir que o visual tanto externo quanto interno do templo de Salomão haviam mexido sobremaneira com o seu emocional sem que ele mesmo pudesse compreender o porquê de tanta labilidade emotiva referente àquele local com suas gravuras egípcias.

O local era considerado sagrado pelos judeus e nenhum deles comentava sobre a semelhança com o estilo egípcio daquelas gravuras pintadas nas paredes por causa do patriotismo hebraico sempre muito intenso, ainda mais que o Egito havia escravizado o povo judeu por longos quatrocentos anos, assim ninguém comentava a respeito da procedência daquelas gravuras.

Lázaro, entretanto, pela convivência no seu empório à beira do cais, já havia convivido com os mais variados povos das mais diversas regiões e sabia definir e diferenciar satisfatoriamente o estilo egípcio dos demais estilos estrangeiros.

Ele já tinha observado muitas embarcações egípcias ora atracadas no cais, ora apenas de passa-

gem pela cidade de Jope e todas elas traziam as gravuras tão típicas e características daquele povo.

Assim, Lázaro não tinha dúvidas quanto à procedência daquele estilo, mas não ousava comentar com nenhum dos judeus presentes no gigantesco templo e nem mesmo fora dele para se precaver da malquerença que possivelmente passaria a existir.

Lázaro procurou uma pensão e almoçou como não fazia há muito tempo, a refeição estava tão boa que até parecia ser procedente do paraíso, assim ele pode recuperar bem as suas energias para se refazer parcialmente dos óbices da véspera.

Ele pagou a refeição e viu que ainda tinha algum dinheiro, mas, que obviamente deveria ser economizado para eventualmente pagar de novo aquela tão saborosa e reconfortante refeição.

Agora satisfeito e reequilibrado, Lázaro não conseguiu conter a curiosidade e se dirigiu novamente para as proximidades do templo de Salomão e se pôs a caminhar delineando todo o seu perímetro, caminhava vagarosamente e as vezes parava como quem quisesse usufruir cada instante daquela tarde.

- Então este é o tão famoso e comentado templo de Salomão!

Exclamava Lázaro, em colóquio consigo mesmo.

- Qual será a verdadeira razão de se ter construído um templo assim tão gigantesco há tantos séculos aqui na cidade de Jerusalém?

- O que teria Salomão em mente quando empreendeu esta gigantesca construção?

- Na realidade eu sei que foi o rei Davi quem iniciou esta construção, mas para que?

As perguntas fluíam na mente de Lázaro como uma mina d'água incessante e assim antes que ele mesmo respondesse alguma delas outra já tomava o lugar da anterior sem que as respostas tivessem chance de marcar presença, mesmo porque ele não sabia quais eram os nexos que estabeleciam elos de coerência para aquelas perguntas formuladas por ele mesmo.

- Ah, quanto mistério e quantas complicações existem nesta vida meu Deus!

Disse Lázaro em tom de desabafo enquanto expirava longamente, como que pretendendo que aquela expiração prolongada levasse para fora de si toda a ignorância em relação àqueles fatos e que levasse também a indisposição pelos variados contratempos experimentados nos últimos tempos.

Os bens de Lázaro se restringiam àquilo que estava em seu alforje, algumas roupas, um pouco de dinheiro, algumas frutas, alguns pães e uma miniatura de candelabro feita de estanho.

Perante o comerciante que havia sido Lázaro estava na mais completa ruína, pois perdera tudo até mesmo o amor de Dorotea, sua bela noiva de cabelos dourados, de olhos vivos e de fâcies angelical, Dorotéia agora havia se sublimado em sua imaginação e havia se transformado numa espécie de fada que todas as noites velava por seus sonhos.

Enquanto passeava contornando o gigantesco templo, Lázaro alternava a sua atenção como o pêndulo de um relógio, ora o pensamento estava em Dorotea, ora voltava para os mistérios do templo.

- Meu Deus, veja só estas pedras, tão geometricamente superpostas umas sobre as outras, como será que elas foram cortadas?

O pêndulo invisível de sua imaginação abandonava momentaneamente o saudoso referencial representado por Dorotea e voltava a se fixar nas peculiaridades próprias do curioso templo.

- Puxa vida, estas pedras estão tão lisas que nenhum artista utilizando qualquer ferramenta que fosse teria condições para cortá-las assim, é, realmente este templo guarda alguns segredos interesantes que eu ainda não consegui entender.

Lázaro contornou todo o perímetro do templo de Salomão analisando cuidadosamente cada pedra sobreposta sobre as outras como se ele fosse algum pe-rito encarregado de vistoriar o local.

O templo correspondia a uma área de muitos quarteirões e por isso mesmo Lázaro gastou a tarde toda daquele dia e toda a semana seguinte apenas analisando e obviamente se admirando com as particularidades que ali havia encontrado.

Lázaro via escribas, fariseus, saduceus e doutores da lei entrando e saindo do templo de Salomão com uma expressão no rosto que dava a entender que eles não eram apenas frequentadores de um templo a mais, mas de que havia ali algo que os tornavam mais do que simples homens, que ali havia algo que os tornavam seres especiais.

Aquelas pedras que foram colocadas para formarem a estrutura arquitetônica básica para o suporte e equilíbrio daquele templo também chamavam a atenção pela simetria com haviam sido cortadas e parecia haver um mistério não revelado em toda aquela perfeição na forma de se cortar as pedras

Ao final desta inesquecível tarde Lázaro não se conteve e perguntou para um escriba que ele viu sair do templo, de que modo aquelas pedras haviam sido cortadas para que ficassem assim tão lisas e tão fáceis de serem justapostas umas sobre as outras.

Ao invés de responder o escriba se afastou rindo ironicamente enquanto que as dúvidas e a indignação se acomodavam na mente de Lázaro.

Ao invés de responder à pergunta de Lázaro o escriba havia expressado uma mímica facial de soberba e desprezo em relação a Lázaro que indicavam claramente que havia algo a mais nos bastidores daquele templo que não era dito à população.

Então Lázaro se pôs a refletir com as suas possibilidades intelectuais e disse de si para consigo mesmo indignado: puxa vida, os meus próprios conterrâneos estão agindo e guardando segredos de suas ações em relação a nós mesmos que somos da mesma raça e da mesma crença nas leis de Jeová? Por que será que isso acontece em nosso meio social?

CAPÍTULO 7

DESCOBRINDO

RELAÇÕES

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

A noite já estava chegando e Lázaro resolveu se recolher para o seu desconfortável mas tranquilo leito debaixo da árvore copada da primeira noite.

- Puxa, que dia agitado meu Deus!

- Quantas descobertas surpreendentes e interessantes num mesmo dia!

- Quantos segredos não devem se escondem por trás daquelas pedras tão lisas e tão justapostas!

- Quantos mistérios não devem se esconder por trás daqueles muros altos!

- Quantas revelações não estaria me escondendo o sorriso irônico daquele escriba!

Parecia que a queda no templo de Salomão não tinha gerado apenas um hematoma na região occipital de Lázaro, mas, também tinha aberto uma espécie de mina das interjeições em sua imaginação.

Não é necessário ser rico para se vivenciar alguns entusiasmos naturais na vida, basta se ter um pouco de imaginação e intuição enquanto se observa os acontecimentos à sua volta e Lázaro era a testemunha viva desta verdade universal.

Apesar do leito rústico embaixo da árvore, da dor na região occipital consequente ao hematoma e apesar das inúmeras interjeições que brotavam de sua imaginação, ele não encontrou dificuldades para pegar no sono e dormiu um sono reparador.

No dia seguinte a força da curiosidade despertou Lázaro com mais eficácia até mesmo do que a força dos raios solares matutinos e ele se levantou demonstrando a energia que só uma forte curiosidade pode despertar no ser humano.

Era preciso ver novamente e conferir tudo aquilo que mais se parecia com um sonho ou com um conto de fadas, era necessário verificar se o templo ainda estava lá ou se tudo não passava mesmo de fruto de sua imaginação fantasiosa.

Lázaro comeu algumas frutas e pães, tomou a água que havia trazido da pensão, colocou a alça de seu alforje nos ombros e saiu rapidamente.

Havia um tropismo que o imantava ao templo, talvez não fosse apenas a curiosidade em relação à novidade que ele representava, talvez existisse algum motivo oculto a mais, mas Lázaro não sabia dizer que motivo era este.

- Bem, esse interesse que eu estou demonstrando em relação ao templo deve mesmo ser apenas por conta da curiosidade que aliás estimula a imaginação até mesmo dos estrangeiros.

Justificou Lázaro para si mesmo diante daquele interesse expressivo e até mesmo superlativo em relação ao templo de Salomão.

Lázaro não foi até o monte das oliveiras para depois ir ao templo, pois havia um caminho mais curto que não passava pelo referido monte, neste caminho escolhido ele avançava por dentro da cidade, sem contornar toda a periferia como havia feito da primeira vez no dia anterior.

Quando Lázaro deu por si já estava na frente do gigantesco templo para conferir aquilo que havia visto no dia anterior e finalmente viu que o templo não pertencia ao seu mundo imaginário e sim à realidade, que às vezes surpreende até mesmo a ficção.

Muito cedo Lázaro percebeu que não deveria fazer muitas perguntas aos seus conterrâneos de Jerusalém pois eles não estavam dispostos a dar informações a respeito daquele templo e então ele se pôs a caminhar contornando o colosso com toda a calma pois teria que descobrir por si mesmo tudo aquilo que fosse referente àquele conjunto arquitetônico.

Tal como no dia anterior lá estava Lázaro caminhando e observando atentamente tudo que era referente àquele local, a dimensão dos edifícios chamava demais a atenção de qualquer pessoa que o contemplasse e o fato de ocupar o espaço de vários quarteirões também era bastante impressionante, mas Lázaro fixava a sua atenção especificamente nas superfícies lisas das pedras integrantes da estrutura.

Lázaro não conseguia afastar a perplexidade de ver pedras cortadas de modo tão preciso deixando

superfícies tão lisas para uma perfeita justaposição e sem dúvida eram elas as responsáveis que possibilitavam a construção de todo aquele complexo, sem aquelas pedras nada daquilo seria possível.

Lázaro até fez mais algumas tentativas perguntando aos seus conterrâneos de Jerusalém a este respeito e alguns chegaram até mesmo a serem mal educados com ele, levando-o a conclusão de que aquele assunto não deveria ser discutido.

Assim, algo decepcionado Lázaro continuava caminhando e via sempre as mesmas pedras, o enigma continuava mas, o cenário à sua frente não se alterava e ele não obtinha as respostas às íntimas perguntas que vinha formulando desde o início.

O sol já ia bem alto no céu e o seu calor se fazia presente aquecendo aquelas pedras e todos ao seu redor e o mormaço combinava com um certo desânimo de Lázaro na busca daquela verdade e assim ele caminhava lenta e descontraidamente chutando algumas pedras e gravetos pelo caminho.

Lázaro percebeu que um vulto estava se aproximando dele mas não deu importância e continuou andando em seu caminho, o vulto se aproximou de Lázaro e ao invés de passá-lo, voltou-se para ele e disse com um sorriso de satisfação:

- Meu Deus, é mesmo você Lázaro?!

Lázaro levantou o olhar e contemplou com satisfação a fisionomia amistosa de Jean Verne.

- Puxa vida, que satisfação senhor Verne, o senhor por aqui, não imaginei encontrá-lo por aqui.

- Sim, a razão de ter vindo até o seu país foi justamente para conhecer o templo de Salomão e eu já estou aqui em Jerusalém a quatro dias.

- É realmente uma grande satisfação poder reencontrá-lo senhor Verne.

Finalmente Lázaro podia conversar com alguém que o tratava como amigo e isto lhe infundiu momentaneamente um novo ânimo diante das circunstâncias.

- Você já almoçou Lázaro?

- Ainda não senhor Verne.

- Então você está convidado a almoçar comigo e não vou aceitar um não como resposta.

Jean Verne percebeu a situação difícil que Lázaro atravessava e quis deixá-lo a vontade.

- Lázaro sorriu e concordou com o convite.

- Jean Verne o levou a uma cantina mais sofisticada, mas, o deixou a vontade para que não se sentisse constrangido em momento algum.

Lázaro precisava de um amigo e Jean Verne por sua vez também precisava conversar com alguém que o ouvisse mais de perto, pois não conseguia se aproximar satisfatoriamente dos fariseus ou das pessoas em geral que viviam em Jerusalém.

Eles se sentaram na cantina como se fossem velhos amigos e pediram o almoço.

Jean Verne estava transbordante de vivo entusiasmo como se houvesse descoberto uma mina de ouro, enquanto que Lázaro apenas se sentia um pouco melhor pela companhia de alguém que o tratava com digno respeito e com fraternal consideração, mas não conseguia esconder o desapontamento que sentia em relação aos seus próprios conterrâneos que o tratavam tão mal, enquanto que um estrangeiro o tratava com dignidade.

Os olhos de Jean Verne pareciam duas janelas abertas para o infinito e expandindo ainda mais este infinito olhou para Lázaro e disse:

- Adivinhe o que eu descobri a respeito do templo de Salomão?

Lázaro observou aquele olhar de quem acabava de fazer uma descoberta importante e imediatamente relacionou o entusiasmo à sua causa e respondeu:

- Que ele tem suas verdadeiras raízes no Egito dos faraós.

- Puxa vida também você descobriu isto.

- Sim, quando entrei no templo eu vi aquelas gravuras na parte mediana das paredes do templo e com certeza aquelas gravuras têm a sua de origem do Egito dos faraós, pois já vi muitas embarcações egípcias que trazem aqueles estilos.

- Parabéns Lázaro, eu bem percebi um grande alcance mental em você desde que o vi no empório.

Quando Jean Verne mencionou o empório ele viu uma sombra de tristeza vagar pela fisionomia de Lázaro, mas preferiu não perguntar o motivo e sem deixar quebrar o clima de entusiasmo disse:

- Eu na verdade vim da Gália, mas antes de vir para a Judéia eu estive no Egito dos faraós e visitei as pirâmides, a esfinge e muitos túmulos que eram considerados sagrados por eles e desta viagem eu trouxe muitos papiros com as principais gravuras da mitologia egípcias desenhadas neles.

Neste momento o sóbrio Jean Verne mais se parecia com uma criança que estava contando ao seu amiguinho as suas descobertas além dos limites a que habitualmente estavam acostumados a ir.

Jean Verne colocou sobre a mesa vários papiros com gravuras da mitologia egípcia e pôs-se a discorrer sobre elas com o mesmo entusiasmo juvenil.

- Sim Lázaro, você tem razão aquelas gravuras que se veem nas paredes do templo têm origem no Egito dos faraós e uma delas é esta, e mostrou a gravura da deusa Maât a Lázaro.

Lázaro também era muito curioso e imediatamente experimentou algo da satisfação que dinamizava a alma de Verne ao reconhecer na gravura da deusa Maât a mesma deusa que estava desenhada nas paredes interiores do gigantesco templo.

- Meu Deus, então é verdade, o templo de Salomão é mesmo uma extensão do Egito dos faraós.

- Entende agora o meu entusiasmo Lázaro? Esta é uma descoberta interessante pois o seu povo não quer admitir esta verdade insofismável, e até mesmo se nega a comentar qualquer coisa a este respeito como se isto o ferisse de alguma forma.

É, eu também percebi este aspecto senhor Verne, eles não gostam de comentar nada a respeito nem de sua procedência e nem do modo como foi construído, eu do meu lado não sou judeu de tradição, sou de

família pobre, mas não vejo porque escondem tanto assim os fatos a respeito deste templo.

O mais interessante Lázaro é que eu consegui chamar a atenção de um deles quando eu mostrei esses papiros do Egito e após uma conversa mais íntima ele me convidou para assistir a uma sessão secreta que normalmente os habitantes comuns não assistem e nesta reunião eu pude ver a prova definitiva sobre a origem deste templo, pois durante esta reunião o mestre fariseu que presidia o ato em si levantou dois cetros cruzados sobre o peito exatamente igual ao que faziam e ainda fazem os faraós do Egito, tal como você pode ver neste papiro que eu trouxe.

Jean Verne mostrou um papiro a Lázaro onde havia um faraó exibindo os seus dois cetros curiosísimos cruzados sobre o peito.

- Quer dizer que nesta sessão secreta que o senhor assistiu o mestre fariseu assumia esta mesma postura que é típica dos faraós?

- Sim Lázaro.

Aquele momento para Jean Verne era o máximo, seria comparado ao entusiasmo que teria um antropólogo que acabasse de descobrir um esqueleto intacto do homem de Neandertal e estivesse revelando o fato a um colega que soubesse o valor do achado.

Lázaro estava novamente boquiaberto, parecia que Jerusalém estava sempre fadada a surpreendê-lo e sempre em relação ao templo de Salomão.

A perplexidade de Lázaro era diretamente proporcional à satisfação que Jean Verne experimentava ao ver que alguém comungava com ele o valor científico e histórico daquela descoberta.

O almoço já estava esfriando quando eles resolveram comer, tal foi o interesse que a conversa despertou em ambos, Jean Verne era desses amantes do saber que de vez em quando nascem no mundo, Lázaro por sua vez não tinha o mesmo alcance de Verne, mas sabia admirar toda aquela descoberta surpreendente.

Lázaro percebeu que Verne havia avançado muito na compreensão a respeito do significado do famo-

so templo e agora enquanto comiam não conseguiam parar o diálogo e Lázaro comentou:

- Eu acho todo este somatório de descobertas extremamente relevante senhor Verne e o senhor está de parabéns por estabelecer estas conexões curiosas e verdadeiras a respeito do templo, mas tem uma coisa que eu considero muito importante e que ainda não consegui compreender.

Os dois agora estavam comendo com vontade mas Jean Verne olhava para Lázaro demonstrando que estava prestando a máxima atenção e sugerindo com um aceno de cabeça que ele continuasse e revelasse aquilo que era o motivo de sua dúvida crucial.

Lázaro terminou de mastigar, tomou um pouco de água e disse com uma expressão de arrebatamento na fisionomia:

- Aquelas pedras que compõem o colosso arquitetônico, elas são tão bem cortadas, são tão lisas e tão bem justapostas que...

Lázaro não terminou de dizer toda a frase que expressaria a sua dúvida pois Jean Verne começou a rir com uma expressão misteriosa e atalhou:

- Sim Lázaro, este é o ponto chave de todo o mistério, se você conseguir um modo de cortar pedras daquele jeito tão preciso o restante da obra será apenas uma questão de encaixe e de justaposição.

Lázaro se limitou a ouvi-lo atentamente enquanto continuava comendo e após mastigar mais um pouco Jean Verne continuou atencioso:

- Quando eu ainda estava na Gália eu já havia visualizado a possibilidade deste templo ter a sua origem no Egito dos faraós, pois se Moisés havia libertado os judeus de lá então essa hipótese por si só já devia automaticamente ser considerada.

- Foi então que eu resolvi primeiro ir ao Egito para observar todas as estátuas e gravuras lá existentes e então eu consegui comprar estes papiros que você está vendo aqui em cima da mesa.

- Veja este papiro que eu trouxe que representa as pedras cortadas para se erguer um monumento

em questão, veja como as pedras são cortadas de maneira retilínea e veja como elas são justapostas de uma forma semelhante ao que aqui no templo de Salomão nós também podemos constatar.

Lázaro estava boquiaberto, realmente aquelas pedras demonstradas naquele papiro eram tão bem cortadas quanto àquelas que ele via compondo a estrutura do templo de Salomão e disse:

- Puxa senhor Verne, mas esta é uma descoberta sensacional e até mesmo revolucionária em relação aos conceitos que eu costumava a aceitar.

Jean Verne se sentia um bem sucedido professor de antropologia diante de um entusiasmado pupilo que também era amante do saber e assim, enquanto comia, remexia os papiros a procura de algum outro que merecesse uma especial atenção.

- Veja, por exemplo, este aqui que expressa a escrita hierática, que é uma abreviação ou síntese da escrita tradicional hieroglífica do Egito e agora veja esta escrita semítica, própria dos judeus, que eu copiei do talmude, note que elas guardam inequivocamente uma certa semelhança.

Lázaro observou mais aquela demonstração de espírito de análise e de pesquisa por parte de Jean Verne e disse impressionado:

- É mesmo senhor Verne, estas escritas são mesmo bastante semelhantes e a escrita semítica pode perfeitamente ter se derivado com certa alteração e acomodação ao longo do tempo desta hierática.

- Sim Lázaro, nós temos que considerar que se a escrita original era a escrita hierática, na época da libertação do povo judeu do Egito dos faraós, ela ao longo do tempo e da longa peregrinação pelo deserto foi sofrendo o processo natural de adaptação ao jeito de ser do povo judeu.

Jean Verne se sentia num congresso de alta respeitabilidade fazendo revelações a um público extremamente exigente e que estava embevecido com as suas exuberantes descobertas, todavia, era apenas Lázaro que usufruía daquelas revelações.

- Veja agora Lázaro, este curioso e intrigante papiro a respeito do olho de Ra, veja estas olheiras simbólicas expressas no papiro, o que significa isto? Ninguém no Egito me soube responder e agora aqui mesmo em Jerusalém eu vi um homem com olheiras que se não são exatamente iguais a estas ao menos são muito semelhantes e nenhum dos integrantes do templo sequer se dignou a comentar o assunto; mas eu imagino uma evidente relação destas olheiras com as atividades secretas de ambos os povos.

Lázaro era a perplexidade em pessoa e ouvia a tudo atentamente, enquanto Jean Verne percebendo a repercussão de suas palavras continuava:

- Veja este outro papiro representando a circuncisão que era feita no Egito dos faraós e é só relacionar com as circuncisões que são feitas sistematicamente por todo o povo judeu.

- Até mesmo este candelabro que eu vi e tomei o cuidado de desenhar neste papiro em branco que eu trouxe para estas ocasiões se você pensar um pouco vai estabelecer conexões ao menos indiretas, pois veja você, que a divindade do Egito era o bezerro de ouro, mas Moisés quis modificar esta crença e passou a cultuar outro símbolo, o candelabro, entretanto, analogamente, também feito de ouro.

- Eu já havia previsto ainda no Egito que algumas daquelas gravuras eu deveria encontrar reproduzidas no interior do templo de Salomão, dito e feito, no momento em que eu entrei no templo há quatro dias quando aqui cheguei eu observei as paredes interiores e imediatamente reconheci a deusa Maât representada nas paredes medianas do local.

Lázaro que ouvia com todo o interesse do mundo considerou após este argumento:

- Curiosamente eu não conhecia a deusa Maât do Egito, senhor Verne, mas quando entrei no templo eu também tive a sensação de que já conhecia aquele local e me surpreendi expressivamente, tanto que cheguei a perder momentaneamente os sentidos e só os recobrei do lado de fora do colosso de pedras.

- Isto é muito curioso Lázaro, algo dentro de você reconheceu aquele local, mas, que algo seria este, bem este é um outro assunto e talvez até mais complexo do que identificar a origem do templo, nós gauleses chamamos de "déjà vue" e representa uma futura pesquisa que eu ainda terei que fazer.

Lázaro se enchia de admiração pela vontade e pelo amor ao saber daquele estrangeiro vindo da Gália, porém, não queria interrompê-lo e se limitou a prestar atenção em suas palavras esclarecedoras.

- Em relação às pedras que você citou Lázaro, eu também percebi que aquele era e é o principal elo de coerência para se decifrar completamente o mistério a respeito desta construção, pois também nas obras do Egito existem as pedras cortadas, mas, quando perguntei aos diversos representantes do templo eu conclui que eles jamais diriam nem para mim e nem para ninguém qualquer coisa a este respeito.

Lázaro então percebeu que não apenas ele mas também Jean Verne havia sido desconsiderado pelos misteriosos fariseus para se preservar a maneira de cortar pedras no mais completo segredo só compreendido e dinamizado por eles mesmos.

Os dois amigos terminaram o almoço e depois foram até o interior do templo para conferir a semelhança do papiro que mostrava a deusa Maât com aquela que estava nas paredes do templo pois Jean Verne fazia questão de mostrar o fato ao amigo.

- Veja Lázaro, aqui neste papiro você tem a deusa egípcia Maât e lá na parede do templo..., observe a nítida semelhança. Em relação àquela outra figura de homem com as asas abertas, eu não consegui nenhum papiro representativo de suas abrangências e nem mesmo sei o seu nome, mas as asas abertas lembram a proteção reverenciada pela mitologia egípcia.

Depois os dois amigos saíram do templo de Salomão e ainda conversaram bastante tempo e por fim Jean Verne disse algo pesaroso:

- Bem Lázaro, eu vou retornar para a Gália ainda hoje e até já aluguei um cavalo junto de uma

caravana de quadrilheiros que vão descer para o litoral no dia de hoje. Eu aluguei esta montaria por recomendação do mesmo fariseu que me franqueou a entrada na reunião secreta do templo e daqui a pouco eles vão partir e eu já vou ao encontro deles, porque senão vai ficar muito difícil encontrar uma nova oportunidade para fazer a mesma viagem em tão boas condições e também pela companhia.

Lázaro acompanhou Jean Verne até o local de sua partida como se fosse se despedir de um parente muito próximo pela natural simpatia que os unia e logo depois o gaulês já estava empreendendo a sua viagem de volta à Gália e se despediu de Lázaro com demonstrações de verdadeiro apreço, enquanto Lázaro se emocionava com aquela amizade desinteressada.

Lázaro se pôs a refletir novamente sobre os homens de sua raça. Por que eles o tratavam de maneira tão distante? Ele acabava de comprovar que um estrangeiro da longínqua Gália o tratara melhor do que seus contemporâneos que até mesmo facultaram um acesso daquele estrangeiro ao interior do templo de Salomão, e ele que, também era judeu, eles o tratavam como nem mesmo sendo digno de conhecer mais profundamente aquele templo.

Lázaro procurou encontrar justificativas pertinentes para aqueles comportamentos, mas o máximo a que pode chegar foi de que talvez eles quisessem estabelecer boas relações com habitantes de outras nações para, quem sabe, alguma forma de relacionamento diplomático com outros povos.

De qualquer maneira, Lázaro se sentia extremamente discriminado em sua própria terra e os seus irmãos judeus o tratavam como se ele não fosse digno da mais ínfima consideração.

Ele era, portanto, naquela sociedade, um mendigo que se tivesse oportunidade para comer alguma coisa já deveria se considerar privilegiado.

CAPÍTULO 8

O GAVIÃO

E O PARDAL

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

Depois que Jean Verne foi embora de volta para a Gália, Lázaro se sentiu na mais completa solidão porque a sua própria gente o ignorava como se ele não fosse mesmo um ser humano, entretanto Lázaro não se sentia deprimido, ao menos na primeira semana, pois ainda estava muito curioso a respeito das possíveis origens do templo de Salomão.

A primeira semana, Lázaro não sentiu passar, pois a novidade do templo e até mesmo das outras localidades de Jerusalém o absorveram completamente, mas na medida em que o tempo foi passando, o escasso dinheiro foi acabando e as novidades também.

Lázaro tentou desesperadamente conseguir algum trabalho para garantir o seu sustento para evitar pedir as esmolas do alheio, mas tudo foi totalmente inútil pois ninguém lhe dava trabalho e ainda o expulsava com demonstrações de impaciência.

Ele já havia absorvido muitos impactos da vida, todavia a vida exigia que ele absorvesse cada vez mais impactos e cada vez eles eram piores.

Um dia Lázaro sentou-se numa grande pedra à margem de uma das ruas e pensou consigo mesmo:

- É, talvez Manoel Dias tenha razão, o meu nome trás o azar oculto entre as suas letras e tudo isto está parecendo mesmo um destino irreversível.

A miséria, o tédio e a solidão já estavam transformando aos poucos a fisionomia de Lázaro carregando-a do aspecto taciturno que já vinha se delineando há algum tempo em seu ser.

Já havia passado um ano desde aquele inesquecível almoço com Jean Verne, sim, um ano passa rapidamente, mas para Lázaro parecia mais um século.

Lázaro já não tinha mais nenhum dinheiro para as suas despesas com a alimentação e agora estava mais parecido com um pardal, um pássaro que vive nas cidades a cata de algumas migalhas para comer.

O pardal não tem compromisso com nada, voa daqui para ali, de vez em quando pousa acolá, procura algumas migalhas, entretanto, também se satisfaz com o que encontrar em outro local e assim também se

tornou Lázaro, perambulando pelas ruas e catando algumas migalhas e restos de comida para saciar sua fome quando ninguém lhe desse o que comer.

Este pardal não tinha sequer um ninho e ao invés de dormir na copa, dormia debaixo da árvore, ao menos havia preservado a mesma árvore como abrigo para se recolher no período noturno.

Lázaro havia perdido tudo e só tinha agora o seu velho alforje vazio, vazio não, ainda tinha a miniatura de candelabro dentro dele. Lázaro se lembrou do pequeno candelabro dado por Anastácio, enfiou a mão dentro do alforje, pegou-o e pôs-se a admirar a pequena escultura feita de metal.

O sol do meio dia refletia sobre o brilhante candelabro fazendo-o parecer uma joia valiosa, este era o último bem material de Lázaro e ele contemplava a última sensação de posse que lhe restara na vida após tantas e irreparáveis perdas.

Ele sabia que aquele candelabro não tinha nenhum valor material verdadeiro, o seu valor era apenas sentimental, como o último elo materialista que ainda o prendia às coisas próprias deste mundo.

Era agradável ver o reflexo do sol sobre aquele objeto de metal e momentaneamente ele se permitia iludir que havia encontrado um tesouro que valia muito dinheiro e que agora mudaria a sua sorte.

É curioso o poder de adaptabilidade do ser humano, pois na mais crucial adversidade, Lázaro ainda encontrava até senso de humor para brincar de tesouro com uma miniatura de candelabro que verdadeiramente era apenas uma singela bijuteria.

Absorto no meio das ideias que criava para si mesmo enquanto observava aquele objeto, Lázaro não percebeu a aproximação de uma pessoa que parou perto dele e se pôs a observá-lo, era Ibrahim um fariseu rico e opulento que morava nas proximidades do famoso templo de Salomão.

- Bom dia meu jovem, vejo que tem bom gosto, disse o fariseu com uma voz algo amistosa.

- Lázaro levou um grande susto e levantou-se automaticamente ao mesmo tempo em que ficava desconcertado diante daquele senhor tão bem vestido com roupas de cor púrpura e com grandes franjas ornamentando as suas vestimentas tão ao gosto da época. Ele estava acostumado a ser maltratado todas as vezes que abordava alguém e agora aquele senhor fariseu de vestimentas tão caras estava conversando com ele e isto era no mínimo uma situação inusitada.

Ibrahim era um fariseu de sessenta anos de idade e realmente vestia-se muito bem para os padrões da época, tinha um olhar agudo e profundo que juntamente com um nariz adunco e os lábios finos lhe davam uma fisionomia de gavião.

A perspicácia, a determinação e a altivez exalavam de sua fisionomia espontaneamente, e este somatório de características pessoais obviamente inibiram Lázaro deixando-o muito desconcertado.

- Fique a vontade meu jovem, estou apenas observando o seu bom gosto.

- Bom gosto em relação ao que senhor? Sou apenas um mendigo sem emprego e sem rendimento para custear as minhas próprias despesas.

- Pode até ser pobre, pode até ser mendigo, mas tem o bom gosto de trazer junto de si uma miniatura do candelabro, o maior símbolo hebraico.

- Ah sim, o candelabro, eu o ganhei de presente do senhor Anastácio quando eu o ajudei a trazer as suas mulas aqui para Jerusalém.

- Anastácio, eu o conheço, é ele quem trás as minhas encomendas da região do litoral.

Ibrahim sentiu algum tipo de simpatia por aquele jovem, talvez fosse o candelabro, talvez fossem os seus modos respeitosos e perguntou após refletir por um momento:

- Qual é o seu nome meu jovem?

- É Lázaro senhor, as suas ordens.

As dificuldades da vida em Jerusalém já haviam dado um quê de humildade a Lázaro que inicialmente não demonstrava.

- O meu nome é mestre Ibrahim, onde você co
tuma se alimentar meu jovem?

Na antiga Jerusalém era muito comum os fari-
seus se apresentarem na condição de mestre e faziam
mesmo questão de serem chamados como tal.

- Bem mestre Ibrahim, não existe um lugar
certo, eu como quando encontro comida, ou quando me
dão alguma coisa, pois não consegui nenhum emprego.

- Em consideração ao seu gosto tão apurado
para recordações vou permitir que você vá periodicamente
à minha casa para comer as sobras e as miga-
lhas que caírem de nossos banquetes.

Que caminhos escabrosos podem levar uma alma
humana a se tornar tão empedernida que mesmo sendo
exageradamente pedante pensa estar sendo generosa?
mas, era assim que viviam os antigos fariseus.

Momentaneamente Lázaro se lembrou de Edward
Kant e finalmente compreendeu que realmente as adver-
sidades da vida acabam quebrando a crosta concreta
do comportamento grosseiro que herdamos da sociedade
materialista e assim uma luz abstrata de humildade
reluziu no âmago de sua alma e ele disse:

- Ficarei muitíssimo honrado com a sua gene-
rosidade mestre Ibrahim.

- Muito bem, meu jovem Lázaro, eu moro na
rua da Páscoa número 100, duas quadras na direção
leste do templo de Salomão.

- Muito obrigado mestre Ibrahim, que o todo
poderoso Jeová continue abençoando a sua vida.

Ibrahim se afastou com a sensação de que ha-
via feito a sua boa ação do dia. Ah! como a diferen-
ça de ideais pode levar um homem a tomar um compor-
tamento até grotesco como sendo generosidade? Mas,
enfim, a Judéia estava produzindo homens tão empede-
rnidos por causa da ação do templo de Salomão que Je-
sus de Nazaré teve de nascer poucos anos mais tarde
para mostrar-lhes os seus graves equívocos e lamen-
tavelmente ao invés de ouvi-lo, para corrigirem os
seus erros, eles o encaminharam para a cruz.

CAPÍTULO 9

O GALO

E O PARDAL

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

Lázaro não ficou propriamente feliz com a demonstração de relativa solidariedade de Ibrahim, mas se sentia um pouco mais a vontade diante das adversidades da vida, pois ao menos com migalhas ele poderia contar para sobreviver a partir dali.

No dia seguinte Lázaro refletia um pouco mais a respeito do que havia acontecido no dia anterior, afinal aquela recordação que Anastácio lhe deixara estava servindo para alguma coisa e era melhor guardá-la com mais cuidado.

Lázaro estava examinando novamente a recordação deixada por Ibrahim quando uma nova personagem bem trajada para os padrões da época se aproximou dele como quem desejasse conversar.

- Bom dia jovem.

- Bom dia senhor...

- Bertoldo, o meu nome é mestre Bertoldo e sou pertencente à seita dos saduceus.

Bertoldo era uma personagem exótica como a grande maioria dos judeus daquela época que se vestia com uma roupa amarela, bem larga e com tiras a enfeitá-la, ele usava também um solidéu que cobria apenas o alto da cabeça, mas curiosamente apresentava no alto uma saliência avermelhada o que lhe dava uma expressão parecida com a de um galo.

Este personagem estranho caminhava de peito estufado como se fosse mesmo um galo tentando demonstrar pelo modo de caminhar que ele era o dono daquele terreiro em que Lázaro se encontrava e que ele não admitiria outro galo naquelas paragens.

Assim para expressar a autoridade que ele julgava possuir ou que os outros o fizeram crer que possuía, Bertoldo perguntou com certa soberba:

- Qual é o seu nome meu jovem?

- Lázaro senhor, ao seu dispor.

Lázaro já assimilara a convicção de que a virtude da humildade seria um escudo eficiente que o protegeria em meio àquele desfile de presunçosos.

- Bertoldo torceu os lábios de um jeito peculiar como se o nome que ele estivesse ouvindo não

significasse nada segundo a sua refinada capacidade de apreciação e que ele indiscutivelmente se encontrava acima daquele interlocutor maltrapilho e que o simples fato de conversar com ele já representava uma benevolência de sua parte e disse algo altivo:

- Senhor Lázaro, saiba que somos mantenedores da lei e da ordem em nossa cidade e que estamos atentos às ações de todas as pessoas em nossa cidade para a preservação dos bons costumes, pois a cidade tem a sua dinâmica característica e pode até ser pacata mas todos nós gostamos dela do jeito que está e não aceitaremos quaisquer arruaças por aqui.

Lázaro percebeu que estava diante de uma autoridade policial que na época era representada pela seita dos saduceus e perguntou assustado:

- Mas o que foi que eu fiz mestre Bertoldo?

Bertoldo sentiu a efervescência da empáfia que evolava das profundezas de seu âmago e ele particularmente sentia-se muito bem quando encontrava alguém para que ele pudesse oprimir e ridicularizar e disse levantando a cabeça com soberba:

- Eu não disse que você tenha feito qualquer coisa de errado Lázaro, apenas estou te dizendo que esta cidade tem mantenedores da ordem e dos bons costumes e que estamos atentos a todos que aqui vivem.

- Ah, sim, mestre Bertoldo, eu não havia entendido, desculpe a minha falta de percepção.

- Sim, jovem Lázaro, é necessário que haja muita percepção para poder sobreviver neste mundo, não se pode contrariar as leis e as normas existentes que controlam toda a sociedade.

- Vez por outra alguns maus elementos são perseguidos e mortos impiedosamente, pois se desviaram do caminho da retidão, alguns são presos e outros se tornam mendigos maltrapilhos.

Lázaro se sentia humilhado pois ele havia se tornado mendigo maltrapilho mas era porque não havia conseguido encontrar nenhum tipo de trabalho digno para fazer pois ninguém lhe dava oportunidade, além do mais Bertoldo gostava de expor as mazelas alheias

pois isto indiretamente exaltava a sua pessoa, pois se Lázaro era um mendigo esfarrapado, a comparação estava subentendida, ele Bertoldo era mestre saduceu e portanto era superior ao mendigo.

Lázaro sem captar a real extensão da hipocrisia, da manipulação e do sarcasmo de seu interlocutor tentou se refazer da última observação procurando contra argumentar humildemente:

- Eu estou nesta condição de mendigo, mas é temporária mestre Bertoldo, pois estou procurando al gum trabalho e com a bênção de nosso Deus Jeová, ha verei de encontrar muito em breve.

Bertoldo gostava de ter as pessoas em suas mãos para fazer demonstrações de autoridade, gostava de exhibir os seus predicados e os seus títulos só para se sentir superior aos outros e ali diante de um mendigo ao invés de cultivar a virtude da comise-ração ele se aproveitava para se exaltar ainda mais.

Normalmente os seres humanos não se prestam a cultivar esses tipos de vícios ou de defeitos de alma que expressam a mais degradante e envilecida condição humana, entretanto, não se pode esquecer que a Judéia antiga vivia numa situação usualmente atípica, sob a égide do templo de Salomão.

Se apenas meio século de convívio num templo como aquele de Salomão já seria suficiente para deturpar completamente os valores de qualquer sociedade, imagine a Judéia dos anos vinte antes de Cristo com a sua sociedade que já estava vivendo há uns mil anos cultivando aqueles valores tão débeis.

Assim, quando se via uma figura presunçosa como aquela que exhibia o saduceu Bertoldo, poder-se-ia pensar que ele representasse uma exceção à regra, e que na verdade apenas ele possuía tais defeitos, entretanto, ele era o reflexo da grande maioria dos frequentadores do templo e o narcisismo, a manipulação, a hipocrisia e até mesmo o abuso de poder lamentavelmente eram comuns a quase todos eles.

A quem observasse a cena só como expectador poderia até parecer que Bertoldo estava preocupado

em alertar Lázaro apenas como um bom condutor, doando-lhe algumas coordenadas para que ele pudesse se prevenir de possíveis abismos simbólicos que encontrasse pelo caminho, mas a realidade era outra e ele se preocupava mais em mostrar que ele era a autoridade ali presente e que Lázaro o deveria reverenciar chamando-o de mestre e respeitando-o como se deveria fazer a um senhor de estirpe superior à sua.

O galo ciscava em seu terreiro e dava demonstrações de que ele era o senhor daquela região e que o pardal também deveria reconhecer a sua autoridade, não contrariando as normas por ele estabelecidas.

- Aprecio que esteja procurando trabalho Lázaro, pois não gostamos de vagabundos por aqui, entretanto, não perturbando a ordem nas ruas, você já estará fazendo um bom papel social.

- Não mestre Bertoldo eu não pretendo mexer com ninguém nas ruas, não quero roubar nada de ninguém e não sou dado a fazer arruaças.

- Muito bem Lázaro, isto é o que nós esperamos de você e espero não ter que adverti-lo novamente sobre qualquer ação que deponha contra o seu comportamento como homem em nossa cidade.

Bertoldo falava como se estivesse advertindo Lázaro de algum grave episódio de deslize moral por parte deste, mas tudo não passava de um ensejo para evidenciar e exaltar a sua própria imagem.

- Sim mestre Bertoldo, eu não sou de criar desavenças, não tenho nada, é verdade, mas eu me conformo com minha pobreza e ando pela vida somente com aquilo que as pessoas me dão e à noite eu vou dormir na periferia de Jerusalém debaixo de uma árvore caída e faço isto desde que aqui cheguei.

Ao invés de se sentir penalizado diante de tanta miséria e humilhação o coração empedernido de Bertoldo se sentia bem pela demonstração de autoridade que havia feito diante daquele homem miserável e finalmente ele se despediu com sua soberba:

- Até logo Lázaro, lembre-se destes conselhos que eu te dei e seja um bom homem.

CAPÍTULO 10

O PAVÃO

E O PARDAL

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

A conversa com Bertoldo deixou Lázaro um pouco apreensivo e entristecido de ver a qualidade de mestres que existiam na cidade de Jerusalém, de ver o grau de presunção e possivelmente até mesmo o abuso de poder que eles poderiam promover.

Naquela noite Lázaro foi dormir, mas não conseguiu pegar fácil no sono e ficou pensativo a noite toda, pensando porque o ser humano descia no grau de consideração e de apreço de uns para com os outros até aquele ponto tão lamentável, mas finalmente conseguiu dormir pela manhã um pouco antes da aurora.

Lázaro só despertou perto do meio dia e se levantou com um pouco de dor de cabeça e de indisposição, mas procurou se animar e logo encontrou forças para espantar o seu mal estar e sair dali.

Ele voltou para as proximidades do templo de Salomão e novamente se assentou numa pedra ao longo do caminho em que costumava se assentar.

Novamente Lázaro pôs-se a examinar pensativo o candelabro em miniatura que trazia consigo, quando outra personagem exótica se aproximou dele, era um escriba de aproximadamente cinquenta anos de idade, trajando suas vestes largas num tom entre o verde e o cinza e cheias de tiras e franjas e foi logo cumprimentando e ao mesmo tempo perguntando:

- Bom dia jovem, qual é o seu nome?

- Bom dia senhor, o meu nome é Lázaro.

- Muito prazer Lázaro, o meu nome é mestre Hildebrando, você mora aqui nos arredores?

- Bem mestre Hildebrando, na verdade eu moro um pouco mais afastado desta região central, eu sou um mendigo e moro debaixo de uma árvore na periferia da cidade de Jerusalém.

- Mas, diga-me jovem Lázaro, porque está observando esta miniatura de candelabro?

- Bem mestre Hildebrando, eu ganhei esta miniatura de candelabro do senhor Anastácio quando aqui chegamos vindo da cidade de Jope há um ano, eu de mudança e ele vindo para comercializar.

- Entendo, e o que esta miniatura de candelabro significa para você Lázaro?

- Eu não sei ao certo mestre Hildebrando, já ouvi dizer que é um símbolo importante para todos nós judeus, mas eu não sei ao certo o porquê.

- Isto é decepcionante Lázaro, você deveria conhecer o significado do maior símbolo hebraico, afinal antes de tudo você também é um judeu.

- Lázaro ficou vermelho, ele não tinha mais nada, havia perdido a noiva, os bens materiais e até mesmo o seu trabalho mas Lázaro ainda tinha amor próprio, mas não quis comentar o que Jean Verne havia lhe dito pois relacionar a Judéia com o Egito dos faraós ele já sabia que não era uma boa idéia.

Percebendo que Lázaro havia ficado desconcertado, Hildebrando argumentou com moderação:

- Não faz mal, algum dia você ainda saberá.

- Você tem esposa ou namorada Lázaro?

- Já tive mestre Hildebrando, quando eu era um comerciante na cidade de Jope, mas depois eu perdi a noiva e o cômodo do comércio e hoje eu sou apenas um mendigo e sem noiva ou namorada.

- Você não sente falta de uma namorada ou de uma esposa jovem Lázaro?

- Sim mestre Hildebrando, eu sinto muita falta mas o que eu posso fazer? Não tenho teto, não tenho mais o meu ganha pão, o que fazer?

A cada resposta que Lázaro dava para Hildebrando um lampejo de curiosidade brilhava como chispa no interior dos seus olhos e ele mal conseguia se conter para fazer uma nova pergunta.

Lázaro não estava acostumado a todo aquele interrogatório e achava um tanto curioso o fato de um mestre do templo de Salomão estar tão interessado em fazer perguntas tão pessoais a seu respeito.

Hildebrando, da seita dos escribas, usava muito mais tiras e franjas do que os integrantes da seita dos fariseus e dos saduceus, o que o fazia assemelhar-se a um pavão vaidoso, onde as penas do pavão corresponderiam às suas tiras e às suas franjas

coloridas, gerando um visual exótico e então o pavão resolveu abrir a sua cauda.

- Sabe Lázaro eu te faço todas estas perguntas porque a cada resposta que você me dá abrem-se novas perspectivas de compreensão da mente humana e nós os escribas somos estudiosos do comportamento e das emoções comuns à todas as pessoas.

O pavão abriu a sua cauda para mostrar as suas penas imponentes, para mostrar que cada uma de suas penas da cauda trazia um olho desenhado e cada um daqueles olhos representavam os pontos de visão mental que os escribas pretendiam abrir com os seus discernimentos milenares analisando as pessoas.

O pavão exibia-se para o pardal que por sua vez não entendia muito bem do que ele estava falando e nem quais valores ele estava cultivando.

Lázaro sentiu-se um pouco menos a vontade com Bertoldo do que com Hildebrando pois aquele estava mais preocupado em chamar-lhe a atenção e até em preveni-lo de possíveis agressões caso ele se desviasse do caminho da retidão e dos bons costumes enquanto que este estava preocupado em conhecer o mundo emocional dele como ser humano.

Hildebrando não se dava por satisfeito e continuava com as suas perguntas preocupando-se mais com as suas próprias interpretações do que com o que pensava Lázaro a respeito de seu comportamento:

- O que faria se tivesse dinheiro Lázaro?

Lázaro percebeu que aquilo se parecia mais com um jogo de palavras, mas não se incomodou de continuar respondendo às perguntas.

- Bem mestre Hildebrando, eu daria um jeito de comprar o meu cômodo de comércio de volta e acharia um jeito de reencontrar a minha bela Dorotea e assim eu diria a ela que já poderíamos nos casar porque então eu já estaria rico.

- Hildebrando esboçou um sorriso curioso, um misto de perspicácia, ironia e soberba, mas a curiosidade ainda continuava se sobrepondo em relação às diferentes emoções que lhe fluíam da alma.

- Se o todo poderoso Jeová lhe concedesse três desejos Lázaro o que você escolheria?

Lázaro percebeu que havia algo de infantil naquela tentativa que Hildebrando fazia para tentar conhecer a profundidade da mente das pessoas, mas não se importou com aquilo, afinal de contas era com poucas pessoas que ele podia conversar.

- Bem senhor, eu desejaria ter o meu cômodo de comércio de volta, desejaria ter a minha bela Dorothea também de volta e finalmente eu desejaria ter dinheiro suficiente para garantir a minha felicidade e a minha vida quotidiana imutável.

Havia um brilho estranho no olhar de hildebrando que oscilava quanto à intensidade e quanto à qualidade enquanto ele ouvia as palavras e quando Lázaro terminou esta resposta ele perguntou:

- Seus desejos seriam nesta ordem Lázaro?

Lázaro percebia que Hildebrando olhava para ele não preocupado exatamente com as suas emoções mas era como se apenas estivesse observando um bicho estranho que fosse o alvo de seu estudo e aquela conversa já começava a ficar enfadonha e Lázaro respondeu demonstrando um certo desconforto:

- Não sei se necessariamente nesta ordem, mas, é o que eu pediria ao poderoso Jeová.

Hildebrando percebeu a demonstração de enfado por parte de Lázaro e então o pavão fechou a sua cauda ocultando também os olhos que eram perceptíveis em cada pena nela encontrada.

- Bem Lázaro, eu desejo sinceramente que um dia você possa encontrar ou o poderoso Jeová ou algum gênio que venha a satisfazer os seus desejos pois eu como pobre mortal infelizmente não posso; desejo que você tenha sorte em sua vida pois você sabe que o destino as vezes muda muito.

- É, esta é uma verdade, o destino pode mudar muito em nossa jornada pela vida.

Havia algo de amargura nestas palavras, mas o escriba já estava satisfeito e se despediu deixando Lázaro com as suas íntimas reflexões.

CAPÍTULO 11

O CORVO

E O PARDAL

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

Lázaro voltou para debaixo de sua árvore, é ele já a considerava como sendo sua, com uma sensação de mal estar um tanto diferente da sensação que ele sentiu na noite anterior. Afinal quem eram na realidade aquelas personagens tão estranhas e tão diferentes das pessoas comuns? Por que a presunção sempre exalava de cada um deles como se fosse uma extensão de seus próprios corpos? Todos eles afirmavam ser mestres do templo de Salomão e quantos mistérios não haveriam por detrás daqueles muros erguidos com pedras cortadas de modo estranho?

Lázaro quase se afogava na enchente de suas próprias reflexões, mas como sempre, lutava para não perder o autocontrole de sua vida tão conturbada.

Apesar do dilúvio de reflexões e de emoções contrastantes Lázaro não teve dificuldades para dormir naquela noite e mais uma vez a luz da lua o ajudava a harmonizar as suas íntimas emoções.

Pela manhã Lázaro já estava desperto juntamente com os primeiros raios da aurora e sentia-se bem pela noite de sono revigorante, entretanto as intensas reflexões não o abandonavam:

- Estes mestres do templo de Salomão são um tanto estranhos, usam roupas de cores berrantes com tiras e largas franjas e olham as pessoas como se estivessem em cima de um pedestal que eles mesmos erigiram uns para os outros, que coisa bizarra!

- Mas enfim tenho que aprender a coexistir e a conviver com estes seres estranhos, frutos desta fábrica de presunção que é o templo de Salomão.

Lázaro comeu um pedaço de pão que guardara em seu alforje e novamente se encaminhou em direção àquela pedra na qual gostava de se assentar à beira do caminho nas proximidades do imponente templo.

Daí a alguns minutos Lázaro já estava no local em que mais se podia encontrá-lo, aquela pedra na qual se assentava à beira do caminho.

Novamente Lázaro observava a sua miniatura de candelabro e pensou consigo mesmo:

- Nos últimos três dias todas as vezes que peguei este candelabro para o observar vieram três personagens estranhas deste templo de Salomão, será que hoje eu vou encontrar uma quarta figura exótica?

Não se passou muito tempo depois que Lázaro elaborou aquela pergunta para si mesmo, e apareceu uma nova figura exótica diante dele, era um rabino ou um doutor da velha lei mosaica e estava vestido todo de preto, da cabeça até os pés, tinha os cabelos encaracolados caídos próximos das orelhas, era um homem que aparentava ter mais de sessenta anos de idade uma fisionomia dura que exteriorizava rigor extremo, mesmo para as coisas mais simples da vida e como os anteriores também cumprimentou Lázaro com uma certa empáfia e já foi logo se apresentando:

- Bom dia jovem, o meu nome é mestre Ataíde e eu poderia saber qual é o seu?

- Bom dia mestre Ataíde, o meu nome é Lázaro, as suas ordens.

Ataíde tinha um olhar penetrante com um teor mais frio e lúgubre do que os anteriores, na verdade ele parecia mais ser uma espécie de "ataíde" ou talvez de um agente funerário de mau agouro.

- Puxa vida, os outros eram muito exóticos, mas este é fundamentalmente sinistro, e o seu visual é de dar arrepios, pensava Lázaro, já algo acostumado a ver as figuras bastante exóticas geradas pelo templo de Salomão.

- Vejo que você está admirando a figura sagrada do candelabro, você sabe o que ele significa?

- Não mestre Ataíde, eu não sei o real significado que ela possui mas gostaria de saber.

Ataíde teve um esboço de sorriso, apenas um esboço, pois não chegou a sorrir e considerou:

- Tudo na vida tem um custo Lázaro, todo aprendizado também tem o seu custo, veja você, nós somos mestres do templo de Salomão e lá nós temos os nossos gastos e temos que assumir os nossos compromissos para somente assim merecermos os benefícios de um adequado e proveitoso aprendizado.

Enquanto Ataíde falava, Lázaro já percebia que ele não iria lhe dar a resposta adequada a respeito do significado do candelabro e então Lázaro passava a contemplar aquele festival de exibicionismo, de soberba e também de narcisismo.

Ataíde se assemelhava a um corvo com a sua vestimenta toda negra e logo as suas palavras passaram também a lembrar do crocitar ou o grasnar típico da ave de mau agouro que ameaçava o pardal.

Ataíde falava como um mensageiro sinistro, cujas palavras eram o veículo de disciplinas que os seres humanos devem sempre cultivar, mas eram veiculadas na forma de suas próprias ameaças ocultas e o que é pior, com o respaldo da agressiva lei mosaica.

Ataíde assumia uma postura de autoridade máxima e incontestável que traduziria aparência expressiva perante quaisquer tribunais da Terra, como se a verdade absoluta fosse patrimônio de sua pessoa, sim as verdades referentes aos dez mandamentos que ele evocava enquanto falava, eram verdades, porém os hipócritas, já de longa data, condenavam os vícios de conduta humana só para o alheio e consideravam os mesmos vícios como sendo legítimos para quem já tivesse compreendido os mistérios do templo.

Assim, Ataíde, como representante máximo da hipocrisia lembrava ao Lázaro o pecado de se cobiçar a mulher do próximo ameaçando-o até mesmo com o perigo de morte enquanto que no fundo de sua alma havia uma censura oculta que gritava para ele mesmo "hipócrita, censuras no alheio os defeitos de sua própria alma", Ataíde lembrava o mandamento "Não matarás" e em sua alma mais uma vez uma voz lhe censurava "Hipócrita, você se levanta de madrugada para fazer suas falsas justiças matando o alheio que você condenou, passando por cima do mandamento de Deus."

De vez em quando Ataíde se sentia um pouco mal perante a sua própria consciência, entretanto a hipocrisia que ele cultivava com os seus irmãos de templo de Salomão acabava falando mais alto e ele continuava se impondo pela força das palavras.

- Se você for apanhado cobiçando a mulher do próximo Lázaro você vai sofrer sérias consequências pois a lei o proíbe para todos indistintamente.

Era exatamente no meio de palavras como estas que Lázaro percebia um certo mal estar brotando do íntimo de Ataíde, sim, porque o seu espírito estava fanatizado pelo templo de Salomão, todavia ele já possuía algum grau espiritual verdadeiro.

- Se vier a matar alguém Lázaro, você terá infringido um dos mandamentos sagrados e sofrerá as consequências em relação ao seu ato.

Novamente um mal estar passeava no semblante de Ataíde, como que lembrando que ele era o agente da morte em várias situações de falsa justiça que ele ajudava a promover condenando o alheio.

Ataíde condenou também os roubos e momentaneamente ainda uma vez se sentiu mal pois os verdadeiros roubos, aqueles mais expressivos tanto na política que eles comandavam, como até em relação as viúvas daquela época tinham nos integrantes do templo os maiores representantes das extorsões, mas, Ataíde não podia abandonar a sua cumplicidade em relação aos seus irmãos templários e assim ele continuava como se a sua censura íntima não existisse.

Lázaro observava o íntimo conflito naquele homem estranho que condenava os vícios humanos com uma fisionomia dura e até cruel mas era inevitável observar algo lutando dentro dele mesmo, uma espécie de auto-juiz que condenava a sua velha hipocrisia.

Lázaro percebeu que se contrariasse qualquer dos mandamentos da lei mosaica teria um fim dramático, pois provavelmente seria apedrejado ou espancado até a morte e aquele doutor da lei estava ali para o alertar daqueles perigos existentes, mas Lázaro não era nenhum bobo, era apenas pobre e percebeu a íntima luta moral daquele homem templário que condenava nos outros, defeitos que também eram seus.

Ataíde se despediu e foi carregando os seus conflitos, enquanto que Lázaro passou a suspeitar da existência deles com um sentimento de indignação.

CAPÍTULO 12

A ÁGUIA

E AS OUTRAS AVES

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

Caius Julius César Octavius, que recebeu o cognome de Augusto, havia vencido Marco Antônio e Cleópatra na batalha do Áccio e havia tomado todo o poder Romano para si e agora estava expandindo este poder também até a região da Judéia.

Augusto era amante das artes, é verdade, haja vista que havia patrocinado e mesmo custeado toda a produção artística do poeta Publius Virgilius Maro, para que escrevesse uma epopeia para o mundo de Roma, a Eneida, que ressaltava os feitos heroicos dos guerreiros latinos naquela época, mas, Augusto César não era só amante das artes ele também era amante das conquistas territoriais e assim estava expandindo o seu poderio para a região da Judéia e os judeus a partir daquele momento passariam a ver o símbolo da águia romana dominando as suas terras.

Os judeus já haviam sido escravizados pelos egípcios, mais tarde foram escravizados pelos babilônicos comandados pelo rei Nabucodonosor, depois eles ainda foram dominados por Alexandre, o grande, e agora estavam sendo dominados pelos romanos.

O que sempre manteve os judeus coesos foi a rígida disciplina imposta por seu libertador Moisés que chegava mesmo a apedrejar prostitutas, ladrões, adúlteros e até quem trabalhasse nos sábados, esta rígida disciplina, se por um lado representava a cal que corroía a autenticidade de cada um, por outro lado também era o cimento que os mantinham unidos e assim eles puderam sobreviver a tantos conquistadores que utilizavam meios bélicos para os oprimir.

Agora todas as aves simbólicas de presunção e de vaidade milenar seriam subjugadas pelo poder da águia latina que abria as suas asas de dominação perante todas as culturas e todos os povos civilizados do mundo conhecido naquela época.

Os gaviões, os galos, os pavões e os corvos teriam que se contentar em curvar a cerviz de empáfia mal disfarçada perante aquela águia belicista que ali se impunha pelo poder das armas.

Para os pardais ou seja para os pobres mendigos existentes na Judéia como era o caso de Lázaro na realidade aquela situação não mudava muita coisa porque para eles obedecer a um galo, a um gavião ou a uma águia traduzia quase que a mesma indignação.

Os mendigos eram excluídos da sociedade verdadeira que existia entre os judeus e para eles que dormiam debaixo das árvores a Judéia nada mais representava do que um local de duras provações.

Os soldados romanos chegaram trazendo a empáfia e o abuso de poder próprios de Roma e isto apenas iria incomodar os moradores que gozavam das regalias sociais da Judéia mas não iria alterar em nada a vida de carências dos mendigos.

Lázaro já estava acostumado com as figuras exóticas produzidas pelo templo de Salomão e agora iria se acostumar também com a soberba típica dos soldados romanos conquistadores da região.

Num dia de sol intenso chegaram os romanos e mais parecia um desfile de tropas militares exibindo as suas insígnias coloridas por toda a Judéia.

Para os judeus tradicionalistas aquilo era mais uma difícil afronta a ser suportada em sua terra prometida de tantos confrontos e conflitos, mas para os mendigos era apenas um pouco mais de cores exóticas a desfilarem pelas ruas das cidades.

A rigor os mendigos não eram herdeiros de nada, nem da cultura hebráica e nem dos patrimônios nela existentes, eles herdavam apenas as vicissitudes naquela localidade, portanto para eles a chegada dos romanos representava apenas a presença de alguns prunçosos a mais para se conviver e se tolerar.

Para o dia a dia de Lázaro e dos outros mendigos ali existentes não haveriam mudanças expressivas, não haveriam alterações que pudessem significar qualquer possibilidade de esperança para transformar a sorte de qualquer um deles e assim passaram a ver aqueles acontecimentos até com certa indiferença.

Os pardais continuavam vagando pela cidade de Jerusalém a cata de migalhas e de restos de ali-

mentos para preservarem as suas vidas e as suas condições iriam continuar as mesmas, mas os gaviões, os galos, os pavões e os corvos mostravam-se muito contrariados com a chegada da águia dominadora, pois ela iria tirar um pouco da fachada de autoridade a que todos eles já estavam habituados, e os romanos até a associavam ao imperador dizendo: "Ave César!"

Flavius Severus era o tribuno que chegava conduzindo quatro destacamentos de soldados comandados por quatro centuriões que obedeciam cegamente às suas ordens por uma questão de hierarquia.

Os velhos e orgulhosos fariseus eram novamente obrigados a ver os novos conquistadores e invasores de seu território exibirem a sua cavalaria com mais de quatrocentos cavaleiros fardando um uniforme que não era aquele próprio de sua agredida nação.

Lázaro podia contemplar e analisar a fisionomia de arrogância e de presunção exteriorizada pela águia latina e paralelamente a fisionomia de decepção momentânea das outras aves hebraicas de tradição mais antiga e por isso não menos presunçosas, mas sem ter o que fazer diante da força das armas.

Flavius Severus estava ali em território da Judéia para preparar previamente o terreno para a chegada a posteriori dos reais governadores daquela província englobada no poderio do César Augusto.

Ao tribuno coube a missão de se instalar na província e criar o vínculo de relações e de hierarquia entre o povo judeu e eles os romanos para que somente depois viesse o governador daquela região.

Ante os olhares curiosos e indignados os romanos avançaram cavalgando dentro da cidade de Jerusalém, passaram na frente do templo de Salomão e foram até uma grande construção pública que eles tomaram como sendo propriedade do César e ali instalaram aquele governo de colonização.

No mesmo dia Flavius Severus mandou chamar os principais fariseus, saduceus, escribas e doutores da lei locais e com eles estabeleceram as bases do governo que ali estavam instalando.

Os olhares dos líderes hebraicos expressavam mais indignação do que submissão e isto deixava um certo mal estar no tribuno incumbido de instalar o comando de César no local, mas a força das armas já lhe havia moldado o caráter a ferro para ignorar a pouca hospitalidade de povos rebeldes a Roma.

A sua função era estabelecer a força bélica, as leis do senado, o respeito e a obediência incondicional ao César tido como divindade na época.

É óbvio que este já representava o primeiro ponto de desentendimento entre estes dois povos, pois enquanto os romanos apresentavam o seu César Augusto como uma divindade vivendo aqui na Terra, os judeus não abriam mão de sua crença milenar no Deus Jeová ensinado a eles pelo libertador Moisés.

Se por um lado, pelas palavras arrogantes do tribuno, eles não tinham dúvidas de que teriam que obedecer as ordens vindas do César que para eles era uma divindade, por outro lado nada retiraria dos corações dos hebreus a crença milenar em Jeová.

O tribuno Flavius Severus percebeu que aquela região da Judéia seria uma área de constantes problemas para a jurisdição de Roma e que deveria ficar atento, com pulso forte para preservar o local sem abrir espaço para fraquezas que o comprometessem até a chegada do governador da província.

O tribuno era um homem experimentado, desinibido e detentor de um grande poder belicista e isto o deixava bastante a vontade no poder, entretanto o ar de ironia e de escarnecimento misturado com uma exagerada dose de presunção que vinha dos olhares dos judeus o deixava sempre com uma sensação de mal estar que a muito custo conseguia disfarçar.

Era como se eles estivessem olhando dentro de sua alma e quando eles olhavam uns para os outros um simples olhar parecia querer dizer muito mais de uns em relação aos outros e muito dele mesmo também, isto com certeza representava um obstáculo esquisito mas, Roma não abriria mão de sua província por causa de fisionomias estranhas e ele procurava se conter.

CAPÍTULO 13

BRINCADEIRA

DE MAU GOSTO

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

Lázaro havia feito amizade com alguns mendigos e assim já conhecia satisfatoriamente suas fraquezas, suas carências, muitos sonhos despedaçados, dramáticos anseios, seus temores e suas aflições.

Bernardo era um mendigo que costumava se abrir e expor a sua trajetória de infelicidade de vez em quando para Lázaro e em prova de companheirismo Lázaro também fazia o mesmo, sim, os protocolos, as etiquetas e as cerimônias são diretamente proporcionais ao poder aquisitivo e social e por isso mesmo não existiam reticências e mesuras que servissem de obstáculos formais entre eles.

Lázaro conhecia quase toda a vida de Bernardo e ele por sua vez também conhecia a história e os sofrimentos de Lázaro, contados reciprocamente em longas conversas durante as suas caminhadas pelas ruas e pelas praças de Jerusalém.

Bernardo tinha a profissão de pintor e fazia alguns serviços aqui e ali mas ultimamente não conseguia arrumar nenhum trabalho e quando Lázaro lhe contou que discutira outrora com um fariseu em sua cidade natal Jope e a partir dali tudo passou a dar errado para ele, Bernardo se lembrou que havia discutido também com um fariseu e que a partir dali ele também não encontrou mais nenhum trabalho e então se puseram a fazer indagações e suposições recíprocas.

Os dois estavam caminhando e conversando como usualmente faziam quando viram ao longe a comitiva dos soldados romanos chegarem ao prédio da administração pública tomado em nome de César.

Bernardo vivia em seu próprio mundo enxergando quase que apenas os seus problemas, mas aquela cena chamava demais a atenção e ele perguntou:

- Mas o que vem a ser tudo isto Lázaro?

Lázaro momentaneamente também abandonou os seus próprios pensamentos que analisavam as suas paixões e os seus sonhos frustrados e direcionou a sua atenção para os cavaleiros estrangeiros e disse:

São soldados romanos, eu já os conheço desde o cais lá da cidade de Joze, mas o que será que estão fazendo em número tão expressivo por aqui?

- É, eu também não sei Lázaro, mas vou perguntar para aquele escriba que vai passando ali.

Bernardo se afastou um pouco de Lázaro e perguntou ao escriba sobre o significado de tantos cavaleiros estrangeiros em solo hebraico e teve de ouvir frases ríspidas misturadas com impropérios, mas afinal ficou sabendo que eram romanos que ali estavam para tomarem conta da administração da cidade de Jerusalém e de toda a Judéia em nome de César.

- Estão tomando a Judéia em nome de César!?

Lázaro estava perplexo com aquele evento militar, político e administrativo que estava se desenvolvendo diante dos olhos de todos os cidadãos, mas na realidade em nada iria mudar a sua vida e nem a de Bernardo, o seu companheiro de desdita.

Ambos preferiram observar os acontecimentos de longe, pois à distância mesmo dava para ver um dos soldados espancando um outro mendigo que ousara se aproximar demais deles naquele momento.

Enfim Lázaro ponderou resignado:

- Eu também não gosto de ver a nossa terra sendo invadida por estrangeiros belicistas, mas a nossa realidade de mendigos que era feita só de limitações e de carências continuará exatamente como tem sido há tanto tempo, inalterável amigo Bernardo.

Bernardo percebeu o quanto de emoção aquelas palavras arrancavam do âmago de Lázaro, sim a "sorte" deles não iria se alterar em nada, eram apenas aqueles senhores fariseus que se rendiam às forças das armas de outros senhores estrangeiros que lamentavelmente também os tratariam com arrogância.

Bernardo ainda se deixou iludir por um pensamento infantil e perguntou a Lázaro:

- Será que pode melhorar alguma coisa para nós os mendigos que vagamos pelas ruas Lázaro?

Lázaro tinha mais maturidade do que Bernardo e lhe disse sem titubear:

- Não Bernardo, não se iluda, as agruras do nosso destino continuarão sendo as mesmas e é até mais provável que piorem, pois o senhor que toma estas terras tem sede de poder e de posses.

Bernardo se conscientizou de que o destino de ambos assim como de todos os mendigos estava selado, pois ele até tinha visto um romano espancar um dos mendigos como se estivesse em sua própria terra.

Bernardo era algo impetuoso e não queria aceitar aquele destino de dificuldades intermináveis e assim se despediu de Lázaro um tanto contrafeito e pôs-se a caminhar como se esperasse encontrar um lenitivo ou uma resposta em alguma parte do caminho.

No outro dia Bernardo ainda fazia perguntas aos escribas, sim ele preferia conversar com os escribas pois eles gostavam um pouco mais do diálogo com as pessoas em geral, aparentemente para estudarem as suas palavras e o comportamento das mesmas, mas um escriba aproveitando-se da labilidade emocional de Bernardo lhe disse com aparente seriedade:

- Olhe Bernardo ouvi dizer que estes romanos são terríveis, eles agora vão administrar a Judéia e eles não gostam de mendigos eu ouvi um deles dizer que se encontrasse qualquer mendigo vagando pelas ruas que ele pessoalmente iria castrá-lo.

Bernardo não percebeu que o escriba estava apenas brincando com as palavras, já que ele estava dizendo tudo aquilo de modo tão sério e aparentemente entristecido pela má sorte que teoricamente os mendigos passariam a ter a partir daquela data.

Bernardo até agradeceu ao escriba aparentemente generoso e saiu demasiadamente preocupado com o seu destino que ao invés de amenizar piorava a cada dia e entre a indignação e o desespero pensava:

- Era só o que faltava para nós os mendigos sermos vítima de castração depois de tantos sofrimentos pelos quais já passamos.

Enquanto os pensamentos fluíam e se somavam Bernardo atingia um acme de desespero e sentindo-se totalmente desprotegido à mercê das desgraças mais

acerbas que se poderiam imaginar começou a correr uma corrida insana de desespero e sem propósito, o sol já estava se pondo e a noite começava a pairar no ambiente enquanto Bernardo movido por seu desespero corria insana e incansavelmente.

Bernardo não percebeu que na rua em que ele agora estava correndo havia um grupamento de quatro soldados romanos, mas tão logo ele os enxergou, fez meia volta e pôs-se a correr mais ainda na direção contrária, o que obviamente despertou a curiosidade dos romanos que correram até alcançá-lo e capturá-lo, para depois o levarem até o tribuno.

Enquanto Bernardo era levado pelos quatro soldados romanos a sua mente quase entrou no plano da loucura, pois para ele os sofrimentos que já havia experimentado até ali já eram demasiados e agora ele experimentaria o máximo do suplício ao ser castrado por aqueles romanos invasores cruéis.

Os quatro romanos entraram no prédio da administração controlado pelo tribuno Flavius Severus e disseram que haviam surpreendido aquele homem correndo pelas ruas e ao avistá-los fez meia volta e pôs-se a correr mais ainda e então eles o capturaram e ao interrogarem por que ele corria ele apenas dizia que era para não ser castrado pelos romanos.

Flavius Severus ainda estava tentando entender aquela gente de costumes tão estranhos e assim deixou Bernardo bem a vontade e valendo-se de um dos soldados que dominava bem a língua hebraica conversou calma e demoradamente com o mendigo.

Depois que finalmente Flavius Severus compreendeu toda a história narrada pelo mendigo Bernardo, desatou numa gargalhada estridente que assustou Bernardo inicialmente, mas vendo que o tribuno estava calmo pôs-se a rir com ele também.

O tribuno deu ordens para que se liberasse Bernardo contando a ele a verdade, fazendo-o compreender que os romanos estavam ali para administrarem a região da Judéia mas não para cometer atrocidades sem fundamento ou sem qualquer senso de justiça.

Bernardo ficou mais calmo e agradeceu aos romanos pelas palavras que o tranquilizavam em relação aos seus tormentos da véspera, mas eles deixaram bem claro que não iriam molestá-lo daquela forma, entretanto também não endossavam quaisquer pessoas desocupadas vagando a esmo pelas ruas.

Bernardo chegou até a se sentir feliz, afinal o mundo em que vivia não era a reprodução de uma espécie de inferno que segundo revela a religião é existente no mundo espiritual invisível ao ser humano que ainda vive cego na matéria em relação a ele.

Afinal ele Bernardo e os outros mendigos teriam apenas que amargar a pobreza mas não teriam que se preocupar com a possibilidade de serem castrados pelos conquistadores romanos pois aquilo não passava de uma brincadeira de mau gosto do escriba.

Por outro lado o tribuno se reuniu com os quatro centuriões depois que Bernardo saiu e disse:

- Estão vendo, trata-se de um povo desunido que prega peças terríveis uns nos outros, eles representam um povo que privilegia os frequentadores do templo de Salomão e cassa todos os privilégios a que os outros hebreus teoricamente também deveriam ou poderiam ter juntamente com eles.

O centurião Cornélius também estava surpreso com aquele episódio, não conhecia as limitações a que eram submetidos os mendigos de Jerusalém e nem mesmo aquela relação de exclusão social a que eram submetidos e chegavam a acreditar em pilherias tão grotescas como aquela vivenciada pelo mendigo Bernardo e comentou também contrafeito:

- Também fiquei surpreso tribuno, não pensei que a desunião deste povo chegasse a este ponto.

O tribuno ficou pensativo por um momento e acabou considerando após este comentário:

- É, vamos ter que averiguar bem os costumes deste povo, desde os mais pobres até os mais ricos para encontrarmos uma forma de governar respeitando ao menos parcialmente os seus costumes.

Enquanto o tribuno conversava com os seus quatro centuriões sobre a forma mais adequada de governar aqueles hebreus fanatizados por aquele templo de Salomão, Bernardo retornava sentindo um certo alívio em relação às suas apreensões anteriores que não chegava a ser um sentimento de felicidade mas traduzia uma sensação que o deixava mais aliviado.

Bernardo retornou para a região da periferia de Jerusalém, onde ele também dormia, cantarolando algumas musiquetas típicas de sua época.

Os homens não se pareciam mais com os demônios que ele havia visualizado na véspera do diálogo com os romanos recém-chegados à sua terra.

- Quem sabe estes romanos podem até ser benevolentes conosco os mendigos?

- Se me trataram com um certo respeito não poderão tratar assim os outros também?

Assim, uma enchente de perguntas inundou a imaginação de Bernardo, mas ele continuava em seu curso sem se deixar afogar em suas próprias emoções.

Ele tinha necessariamente que passar pela árvore debaixo da qual Lázaro costumava dormir para somente depois alcançar aquela que lhe servia de "abrigo" em suas noites de penúria.

Já sob a claridade da lua Lázaro viu aquela figura cantarolando e andando em sua direção, não sentiu nenhum sobressalto, pois o personagem parecia estar descontraído e até mesmo feliz.

Logo Lázaro percebeu que se tratava de Bernardo e ele foi depressa se expressando:

- Lázaro, não precisamos mais nos preocupar com aquela possibilidade de sermos castrados pelos soldados romanos.

- Mas do que você está falando Bernardo?

- Então você não ouviu aquele boato de que nós os mendigos seríamos castrados pelos romanos?

Ao invés de responder, Lázaro pôs-se a rir convulsivamente e ao invés de se sentir constrangido por parecer um bobo perante o amigo, Bernardo também pôs se a rir com o companheiro de sofrimento.

CAPÍTULO 14

SOFRIMENTOS

EXACERBADOS

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

Lázaro acordou um pouco mais tarde do que o habitual no dia seguinte mas ainda sentindo vontade de rir da simplicidade de seu amigo Bernardo.

Levantou-se e pela primeira vez sentiu uma vontade irresistível de ir até a casa de Ibrahim mais para conhecer a sua moradia do que propriamente pedir alguma coisa para poder se alimentar ou quem sabe até alguma roupa melhor do que as suas.

Ele percebeu mais adiante Bernardo ainda dormindo profundamente e não quis perturbá-lo e assim saiu procurando a residência de Ibrahim que tinha sido até gentil com ele em diálogo anterior.

Lázaro passou em frente ao templo de Salomão e se dirigiu para o casario situado na parte leste, onde estavam localizadas as melhores residências, todavia ele ia poucas vezes para aquele lado.

Ele já tinha passado pela rua da páscoa anteriormente mas não tinha prestado uma atenção detalhada nas residências daquele bairro.

Lázaro experimentava uma certa apreensão:

- Será que mestre Ibrahim estava falando a sério quando me convidou para passar em sua casa para conseguir alguma sobra de refeição ou será que era apenas um teste ou quem sabe só uma brincadeira?

A incerteza existia e era expressiva, pois o abismo social que separava Ibrahim de Lázaro era enorme e isto por si só já representava uma barreira gigantesca, difícil de ser transposta, mas nada disto parecia demovê-lo da decisão de ir até lá.

Lázaro entrou na rua da primavera e percebeu com mais clareza que ali estavam as construções mais belas e sofisticadas de Jerusalém e a rua da páscoa era a rua seguinte paralela àquela.

Lázaro ainda não havia caminhado ao longo daquela rua repleta de casas tão imponentes e exuberantes situadas de cada lado da via.

Era um visual magnífico, cada uma das construções exibiam um colorido e uma decoração completamente diferente e original em relação às demais.

Realmente ali naquela rua estavam materializados os mais finos e sofisticados gostos da aristocracia hebráica, pois ali moravam os mais expressivos mestres do milenar templo de Salomão.

Lázaro até passou a caminhar lentamente observando atentamente as belas residências e os seus estilos tão aprimorados e talentosos e mesmo não tendo jamais a condição sequer de sonhar em morar em alguma delas, Lázaro não parava de as admirar.

Ele tentava se animar intimamente:

- Esta é a rua da primavera e a estação também é a da primavera, assim começa o ano novo hebráico e quem sabe até me reservando novas esperanças.

Lázaro continuava caminhando e selecionando pensamentos positivos para se animar na vida apesar das inequívocas adversidades de sua sina, o visual o casario levava-o intimamente a se animar e até mesmo se permitia sonhar com alguma reviravolta do destino favorecendo-o quem sabe com alguma oportunidade de trabalho digno que o retirasse daquela condição tão precária que o debilitava e o acabrunhava.

Lázaro reparou atentamente numa casa erguida com uma arquitetura magnífica, era uma verdadeira obra de arte da engenharia hebráica e ainda havia um belo jardim na frente do palacete repleto de hortências e de rosas de todas as tonalidades.

Ele estava caminhando muito mais lentamente contemplando a beleza ímpar daquela residência quando os seus olhos pararam numa figura singular que caminhava naquele jardim tão florido, era a dona da casa que cantarolava baixinho enquanto caminhava e colhia algumas flores de sua predileção.

Lázaro teve que se virar e assentar abruptamente na calçada da via pública porque não estava conseguindo se suportar nas próprias pernas.

Aquela era Dorotea a deusa de seus sonhos, mas não poderia vê-lo naqueles andrajos, não poderia vê-lo tão alquebrado pelos sofrimentos excessivos.

Assim, Lázaro apenas ficou sentado na sarjeta como o mendigo que realmente ele se tornara procu

rando não chamar a atenção, passaram-se alguns minutos, o suficiente para que ele recobrasse o melhor de suas forças e então viu um fariseu se aproximar, pa sar por ele e entrar naquela mesma casa.

O fariseu mal entrou e já se pôs a conversar com a mulher que caminhava no jardim:

- Dorotea, meu amor, senti muita falta de você, como sempre acontece.

- Ah, você é tão gentil Asdrúbal, nem parece que já estamos casados há um ano.

- É, Dorotea, mas é que o meu amor só cresce na medida em que o tempo passa.

- Vamos para dentro meu amor, zenóbia nos preparou um almoço maravilhoso.

- Sim vamos entrar Dorotea.

O romântico casal entrou para as dependências da mansão sem perceber que aquele mendigo sentado na sarjeta estava semimorto, mas as sequencias de decepções de certa forma já haviam calejado a alma sofrida de Lázaro e as adversidades pareciam mais uma espécie de rotina em sua vida.

Por mais calejado e resistente que Lázaro tivesse se tornado aquele episódio representava um ácido extremamente corrosivo em sua já fragilizada alma e era com muito custo que ele se esforçava para não perder os sentidos ali na sarjeta e ainda conseguia pensar com alguma prudência:

- Se eu perder os sentidos aqui os moradores poderão vir até aqui e Dorotea vai acabar percebendo em que espécie de trapo humano eu me transformei, não, definitivamente isto não pode acontecer.

Cobrando energias sem saber de onde Lázaro conseguiu se levantar e fazendo um esforço hercúleo conseguiu caminhar retornando por onde havia chegado arrastando os pés que pareciam feitos de chumbo.

Parecia mais um zumbi mal assombrado vagando pelas ruas sem destino e sem vontade de viver, que encontrava forças para caminhar apenas para se distanciar do foco de seus sofrimentos excessivos.

Inicialmente Lázaro apenas perambulou a esmo sem saber exatamente para onde ir, não sabia mais onde estava não sabia mais onde estava indo e não sabia nem mesmo se desejava continuar a viver.

Parecia que as suas pernas caminhavam sem o comando cerebral, pois o seu cérebro estava em curto circuito emocional e, portanto impossibilitado de comandar qualquer músculo em suas ações, mas as suas pernas continuavam a caminhar, num destes mistérios que os cientistas têm dificuldades para entender.

Lázaro caminhava sem ver os obstáculos do caminho e assim ia chutando paus e pedras sem sentir dor ou qualquer mal estar por causa deles, o mal estar emocional anestesiou o lado somático e Lázaro se parecia mais com um robô em curto circuito.

Instintivamente Lázaro se direcionou de volta para a periferia de Jerusalém, para debaixo de sua árvore para descansar daquele martírio pungente, sem prestar a menor atenção no trajeto seguido.

A intuição guiou Lázaro de volta para debaixo de sua árvore e ele já estava quase chegando quando caiu num buraco de mais ou menos um metro de profundidade e apenas conseguiu emitir um grito.

Bernardo estava mais ou menos próximo do local e ouviu quando Lázaro gritou, virou-se e o viu com as mãos e a cabeça para fora do buraco e então pôs-se a correr para ajudar o amigo.

- Lázaro, Lázaro, o que aconteceu meu amigo?

Lázaro não respondeu e nem conversou nada com Bernardo, apenas gemia, gemia uma dor muito mais emocional do que física.

Bernardo o ajudou a sair daquele buraco e percebeu que as pernas de Lázaro tinham ficado feridas naquela queda, mas também pode perceber que as verdadeiras feridas estavam na alma e não no corpo físico do companheiro de desventura.

Lázaro tinha um olhar vago e quando olhava para Bernardo parecia olhar através dele para um ponto distante perdido lá no infinito.

Por mais que Bernardo tentasse argumentar, questionar ou sugerir algum tipo de assunto, Lázaro se mostrava inteiramente surdo às suas palavras, era como se o seu espírito tivesse se ausentado e o seu corpo de matéria estivesse entre a vida e a morte.

Bernardo procurou resolver os problemas visíveis, e visíveis eram as feridas nas pernas de Lázaro, assim Bernardo levou-o para debaixo de sua árvore e caminhou até a sua outra árvore para pegar algumas ervas que tinham poder terapêutico e trouxe de volta para fazer uns curativos algo improvisados que estancaram a hemorragia do amigo moribundo.

Depois que Bernardo conseguiu estancar alguns pontos hemorrágicos expressivos dos membros inferiores de Lázaro ele procurou conversar com o amigo perguntando o que havia acontecido:

- Lázaro, o que está acontecendo com você?

- Eu caí e me machuquei.

- É, eu sei Lázaro, você caiu num buraco de mais ou menos um côvado e meio de profundidade e se machucou um pouco mas agora eu fiz um curativo em suas pernas e você já está melhor não está?

- Sim, eu caí num buraco, mas ele não tinha um côvado e meio de profundidade, era um buraco infinito e eu não me machuquei só um pouco, eu morri.

- Mas o que é isto Lázaro, você apenas machucou um pouco as pernas e agora já está bem, tanto é que está conversando normalmente comigo.

- É, você tem razão, mas eu não consigo entender como é que eu pude morrer e ao mesmo tempo ainda estar aqui conversando com você.

Bernardo passou a ficar preocupado com as estranhas palavras de Lázaro e com aquele olhar vago que o mirava na condição de interlocutor mas que nitidamente estava olhando através dele e com uma ausência quase completa de emoções e disse:

- Será que você bateu forte a cabeça Lázaro?

- Não, foi o azar que bateu forte em mim.

- Puxa, você está falando de um modo tão estranho, Lázaro, tem certeza de que você está bem?

- Sim, Bernardo, obrigado por ter me socorrido, eu estou bem, apesar de ter caído num buraco infinito e estou vivo apesar de estar morto.

- Meu Deus, eu nunca vi você tão confuso como hoje, acho que essa queda te fez muito mal.

Bernardo conhecia a história da vida de Lázaro e sabia também sobre o romance que Lázaro tivera com Dorotea ainda na região do litoral, mas não tinha ligado aquele mal estar emocional com o reencontro de Lázaro com a ex-noiva agora casada e, o que é pior, com aquele fariseu que o havia destrutado em seu empório e havia se tornado mesmo uma figura de mau agouro, pois depois de sua visita tudo passou a dar errado na vida do ex-comerciante.

Lázaro já havia comentado com Bernardo a respeito de suas ilusões, de seus ideais e de seus sonhos de ventura conjugal que foram destruídos quase que concomitantemente com os do comércio e fazendo um esforço gigantesco narrou com uma voz entrecortada o reencontro com a ex-noiva sem que ela se desse conta de sua presença e a sensação de caos emocional quando viu os dois conversando como cônjuges.

Bernardo sentiu momentaneamente um certo alívio de ver que o amigo não tinha perdido a razão por causa da queda naquele buraco, mas logo percebeu a extensão dos ferimentos emocionais e chegou à conclusão de que talvez fosse melhor se ele apenas tivesse batido com a cabeça no barranco e disse:

- Puxa vida Lázaro, eu estava muito preocupado pensando que você talvez tivesse batido com a cabeça no chão, mas agora eu acho que esta possibilidade seria até preferível do que ver você assim.

- Não se preocupe comigo Bernardo, você também já tem os seus problemas superlativos e eu te agradeço sinceramente tudo o que fez por mim.

A adversidade tem o dom de unir desinteressadamente, as pessoas e o sofrimento compartilhado são como um cadinho que depura e unifica a sensibilidade de ambos e a verdadeira amizade aparece como fruto do acrisolamento ígneo.

CAPÍTULO 15
A AMIZADE
SINCERA

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

Bernardo ainda conversou um pouco com Lázaro e vendo que ele estava com o seu sangramento estancado e ainda muito triste, todavia algo equilibrado, foi para debaixo de sua árvore para dormir.

A lua, companheira de reflexões de Lázaro, estava ausente naquela noite e uma densa neblina começava a tomar vulto nublando toda a região e mesmo assim Lázaro ainda teve dificuldades para pegar no sono e ficou refletindo amargamente consigo mesmo:

- Meu Deus, por que tantas adversidades? Por que tantas dores ininterruptas sem direito a qualquer tipo de lenitivo a que o mais miserável dos homens teria direito? O que de verdade pode significar tanto sofrimento humano para o nosso Criador?

As reflexões eram muito mais doloridas do que as anteriores, Lázaro mais parecia um ser humano projetado em pleno inferno questionando calmamente o significado de seu impiedoso destino, querendo entender se por traz de todos os seus sofrimentos, Deus ainda continuava preocupando-se com sua vida.

Com certeza Deus se colocava num plano inacessível à compreensão de Lázaro, pois se ele era um de seus filhos, por que a adversidade era tão implacável com ele, destruindo todas as suas esperanças, vilipendiando todos os seus ideais e não deixando a mínima possibilidade sequer para se sonhar?

Lázaro nunca perdeu a fé em Deus, só não estava apto para compreender o que tantas adversidades em um único indivíduo poderia significar para o Criador do mundo e das pessoas.

- Com certeza deve haver algum propósito em todo o meu sofrimento eu sinto isto lá dentro de mim entretanto tenho de reconhecer que ainda estou carente de discernimento para entender tudo isto.

A postura mental de Lázaro não era a de revolta com o Criador da vida e sim de uma certa aceitação em relação às suas próprias deficiências e era justamente por causa delas que ele não estava à altura para entender a dureza de seu destino.

Novamente ele se lembrou de Jean Verne, no diálogo em que havia lhe contado que quando entrara no templo de Salomão, era como se já tivesse estado ali em alguma época de sua vida, sim, isto fazia parte do mistério que envolvia a sua vida e até Jean Verne disse que algum dia estudaria este assunto.

Quando era comerciante lá no litoral um dia Lázaro conversou com um peregrino indiano chamado Hadji, que foi fazer compras em seu empório e acabou lhe dizendo que ele acreditava em várias encarnações, que os espíritos devem nascer e renascer muitas vidas até superarem as suas fraquezas na longa jornada de sublimação de si mesmos e Lázaro agora estava considerando bem aquela possibilidade:

- Será que os indianos estão corretos? Será que já vivemos muitas vidas e voltamos a nascer na matéria até vencermos a nós mesmos? Bem se esta possibilidade for verdadeira acaba esclarecendo muitos pontos obscuros da vida, acaba esclarecendo até mesmo a sensação de já ter estado dentro do templo de Salomão antes mesmo de conhecê-lo.

- Neste caso quem seria de verdade Dorotea na minha vida? E o fariseu Asdrúbal quem seria? É, se esta possibilidade for verdadeira devo admitir que Deus estaria enxergando tudo numa abrangência muito superlativa enquanto que eu estaria limitado pela compreensão de apenas uma única vida.

Este último pensamento atuou como uma forma de lenitivo na alma de Lázaro, a simples lógica de um raciocínio pode trazer apaziguamento para uma alma em situações que ninguém compreenderia sem o auxílio de uma reflexão bastante profunda.

- Eu sou judeu e acredito em um único Deus, Jeová, mas e se este mesmo Deus Jeová também necessitasse de muitas vidas para disciplinar nós os seus filhos na correção dos vícios e defeitos íntimos tal como imaginam os religiosos indianos?

Lázaro estava bastante mais calmo do que na véspera de suas reflexões e a vida agora se parecia mais com um duro teste de superação de si mesmo pe-

rante as inúmeras adversidades vivenciadas, caberia a ele fortalecer o seu íntimo perante os males e os desenganos que a vida ainda lhe reservaria e esta calma adquirida lhe possibilitou dormir.

No dia seguinte Bernardo acordou mais cedo e foi ver se Lázaro estava bem e o viu dormindo num so no profundo e assim retirou-se sem fazer barulho para o deixar recuperar bem as suas forças.

Bernardo admirava a força de vontade de Lázaro, pois ele estava sempre otimista na vida apesar dos seus inúmeros desenganos e nunca se queixava de Deus era, pois, um exemplo de fé para a sua vida.

Bernardo voltou para debaixo de sua árvore e também se pôs a pensar nas adversidades da vida:

- Puxa meu Deus, que golpe tenebroso do destino em cima de Lázaro, por que será que nós os mendigos temos que passar por tantos males assim? Por que será que mesmo assim Lázaro não se revolta contra o destino e muito menos contra o Criador?

Bernardo estava tão deprimido pela tragédia de Lázaro que voltou a dormir, ademais a neblina ainda continuava densa e convidava mesmo ao repouso como se a natureza também quisesse apenas dormir.

Tanto Lázaro quanto Bernardo possuíam duas peles de camelos encontradas entre os despojos da rua do comércio e eram elas que os aqueciam nos dias mais frios como era aquele dia nebuloso.

As nuvens e a neblina não permitiram ao sol espargir os seus raios plenamente e o dia ficou com feição de noite em todas as suas horas.

Bernardo ainda acordou por duas vezes e voltou a observar Lázaro que dormia um sono pesado, um sono febril ou mesmo um sono de depressão.

Lázaro passou todo o dia dormindo, ele também acordou por duas vezes durante o dia, mas a falta de motivação, a sensação de contusão nas pernas e as dores musculares o convidaram a dormir de novo.

As dores musculares generalizadas e particularmente as dores nas pernas eram intensas, mas in-

significantes se comparadas com a ferida emocional aberta em seu peito irreversivelmente.

As grandes dores ou decepções representam um marco interessante na vida de qualquer pessoa pois ou se morre de desgosto, ou se suicida para tentar por um fim incoerente às dores, ou então o indivíduo acaba emergindo do oceano de suas provações para vir à tona de sua própria compreensão para respirar o oxigênio da auto superação de si mesmo.

Lázaro era um mendigo, é verdade, mas antes de mais nada era um sobrevivente que havia permanecido vivo mesmo diante dos fariseus narcisistas, pervertidos, manipuladores, dissimulados, hipócritas e presunçosos que só enxergavam as suas necessidades pessoais e ignoravam completamente as do alheio.

A depressão era extensiva a Bernardo, pois também vivenciava as decepções do companheiro de dest dita e fonte de inspiração de sua vida, pois o ânimo de Lázaro o ajudava a suportar aquela vida tão difícil sustentada na mais completa miséria.

Lázaro estava momentaneamente deprimido e com ele também Bernardo, o qual percebia agora que o bem estar ou o mau estar do companheiro refletiam diretamente e instantaneamente no seu também.

As duras provações representam momentos de intensa amargura e de dor mas são justamente estas provações que criam os vínculos mais sinceros e perenes entre duas almas companheiras de destino.

Um profissional que estuda as emoções do ser humano chaga a respirar fundo para não se envolver com elas enquanto que um amigo ao ouvir os relatos que traduzem a extensão do ferimento que vai na alma, se entristece também pelo envolvimento sincero que os liga pelo companheirismo, e quando um amigo se sente querido de outro amigo é como se a tristeza ficasse reduzida pelo meio e na conscientização de que a sua tristeza representa também motivo de tristeza para o alheio o indivíduo sente que há alguém torcendo por sua íntima felicidade.

Sentir-se querido por um amigo por si só já injeta ânimo novo em qualquer pessoa e o sofrimento altera as suas características iniciais.

Portanto nenhum terapeuta jamais conseguirá substituir as benesses e o envolvimento sincero que une duas pessoas pela amizade desinteressada.

A amizade desinteressada e verdadeira estabelece elos invisíveis de simbiose entre as duas almas que nenhum analista jamais conseguirá estabelecer com nenhum de seus pacientes.

Assim, nas duas vezes em que Lázaro despertou naquele dia nebuloso padecendo suas dores físicas e morais ele pode virar para o lado da árvore de Bernardo e vê-lo também quieto, triste e sonolento, confirmando que a sua tristeza era repartida por intermédio de uma amizade sincera.

Em cada uma das duas vezes que Lázaro despertou, ele viu Bernardo também debaixo de sua árvore e pensou consigo mesmo:

- As minhas dores nitidamente também são dores do meu amigo Bernardo e assim, meu Deus, mesmo na desdita, obrigado por esta amizade sincera.

Lázaro sentia inequivocamente a dor da perda de sua amada Dorotea, mas tinha maturidade para perceber que em meio à sua desgraça ele podia comprovar que possuía uma amizade sincera.

É óbvio que a relação de importância era insofismável, Dorotea era muito mais importante para Lázaro do que Bernardo, entretanto Dorotea não havia sido fiel a ele em sua jornada pela vida enquanto que a amizade de Bernardo era nitidamente espontânea e assim perde-se o vínculo com uma alma e se ganha outro pela amizade sincera enquanto que com um analista perde-se completamente esta noção de valores e o profissional tenta tratar os sentimentos como algo emocional que apenas deve ser superado.

O profissional das emoções lida com elas apenas no campo racional sem substituir a emoção ferida por nada, buscando apenas a compreensão do con-

flito em si, enquanto que a amizade sincera já está acrescentando uma relação de simbiose a mais.

Por isso Lázaro ao se despertar e ver Bernardo na árvore ao lado visivelmente velando por ele disse intimamente como quem reconhece o amigo:

- Grande Bernardo, obrigado por sua amizade.

O ser humano é o resultado de um binômio de valores bem distintos entre si, um é o valor racional e o outro é o valor sentimental, o valor racional cresce no sentido inverso do valor sentimental, assim o racional cresce centripetamente, ou seja, cresce de fora para dentro e se expande pela leitura de muitos livros ou pelo aprendizado prático de muitas profissões que trazem um conhecimento deixado por outros para o seu mundo interior.

O valor sentimental cresce no sentido inverso, assim se um indivíduo vê uma bela e recatada moça, sente uma atração natural por algo que nasceu espontaneamente em seu íntimo e que cresce de dentro para fora, este algo pode ser cultivado e assim terá seu desenvolvimento centrifugamente, entretanto pertence ao mundo emocional e não racional, portanto se o analista tentar resolver a sensação de perda emotiva segundo um enfoque racional tudo o que conseguirá fazer é detectar que realmente aquela pessoa deixou um vazio no mundo das emoções mas esta compreensão não representa a superação do conflito só porque se compreendeu a situação em si, enquanto que o amigo, ao se envolver com o problema, mostra que se houve uma lacuna no mundo emotivo, ele próprio já representa nova aquisição neste mesmo mundo afetivo.

Lázaro não tinha nenhum terapeuta para analisar o precipício emocional em que se precipitara, não podia analisar a sua sensação de perda e nem a sua depressão que o fazia dormir o dia todo sem cobrar ânimo para se levantar e caminhar um pouco, entretanto, ele tinha a amizade sincera de Bernardo e mesmo sem dizer nada apenas quieto nas proximidades velando por sua tranquilidade ele despertava o nascimento de um novo valor no mundo emotivo de Lázaro.

CAPÍTULO 16

OS ENCAPUZADOS

DE JERUSALÉM

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

Lázaro permaneceu deitado debaixo de sua árvore por muitos dias, como se a vida tivesse parado ou perdido o sentido para ele como ser humano.

Bernardo assistia àquela manifestação de depressão e de perda total de interesse pela vida ou pelo resquício de vida que lhes restava sem ter muito o que fazer já que a sua vida em quase nada diferia da de seu companheiro de sofrimento.

Bernardo sabia que não adiantaria tentar demover a sensação de perda do âmago de Lázaro pois o acontecimento tinha sido grave demais e nada e ninguém supriria ou preencheria aquele vazio em seu mundo íntimo causado pela perda de Dorotea.

Assim, dia após dia Bernardo se empenhava em fazer companhia a Lázaro como quem acompanhasse a um moribundo, ou a uma pessoa que impossibilitada de se mover dependesse dos préstimos do alheio.

Lázaro permanecia apático e com uma fisionomia que demonstrava que na verdade o seu eu estava muito distante daquela localidade e que ao mesmo tempo também estava extremamente entristecido, apenas suportando os desígnios de estar vivo por alguma determinação divina que ainda escapava ao seu entendimento em relação à verdadeira finalidade.

Lázaro não conseguia diferenciar muito bem os dias das horas e a noção de tempo estava totalmente embaralhada em sua imaginação pois na verdade nem o passar dos dias e nem tão pouco o das horas tinham qualquer significação para ele.

Lázaro passou a vivenciar a essência da expressão anti-ideológica de viver por viver, de estar vivo apenas porque os órgãos estão em funcionamento, mas sem nenhum atrativo significativo em si.

Bernardo acompanhava todo aquele desinteresse algo preocupado com a estabilidade emocional do companheiro de sina e assim tentava sempre que possível despertar alguma nova emoção em seu íntimo:

- Sabe Lázaro, estou observando e ao mesmo tempo noto que estou sendo observado com interesse por Zulmira, uma jovem que trabalha na casa de uns

fariseus não muito longe daqui, ela também é pobre mas, até que é bastante simpática.

Lázaro sabia que Bernardo nitidamente estava apenas querendo animar o companheiro de destino com novos assuntos ou com as novidades em geral, mas por outro lado sabia que a vida dele também necessitava de algum estímulo para sobreviver e assim abandonou momentaneamente as suas reflexões para considerar a respeito do que Bernardo dissera:

- É, você faz bem em continuar sonhando Bernardo, porque os sonhos tornam a vida mais colorida e dão um sentido altaneiro às emoções.

- Sim, Lázaro hoje mesmo eu vou conversar com ela, pois apesar de mendigos nós também somos seres humanos e temos direito ao amor.

- Muito bem Bernardo vá em frente e cultive algum bom sentimento em sua alma para provar a si mesmo que continua vivo e que até sabe amar.

Bernardo ficou feliz pelas palavras de ânimo que Lázaro lhe dedicou e depois era comum observá-lo nas proximidades da casa em que Zulmira trabalhava, namorando-a a distância e sendo correspondido.

Finalmente, um dia Bernardo disse a Lázaro que havia consumado um romance mais íntimo com Zulmira e que para ele era o renascimento do significado para a vida por intermédio da pessoa dela.

- O romance que estou tendo com Zulmira me dá um novo sentido para a vida Lázaro e agora eu vou me empenhar para conseguir algum novo trabalho para muito em breve constituir a minha família.

Lázaro chegou a ficar feliz de ver a vida renascer naqueles olhos tão sofridos de seu companheiro de tragédia e o animou o quanto pode:

É, Bernardo, eu fico muito feliz de ver o entusiasmo voltar para a sua vida e eu realmente espero que você consiga se dar bem com este novo romance e que encontre uma forte razão para viver.

A depressão de Lázaro contrastava com o visível entusiasmo que demonstrava Bernardo, pois agora tinha um novo romance e ainda podia cuidar de seu

amigo Lázaro e sentir-se bastante útil, mesmo assim não havia muito alimento para ambos e justamente por causa da hipoproteïnemia, as lesões nas pernas de Lázaro não apresentavam uma adequada cicatrização.

Um dia Lázaro percebeu que Bernardo estava mais feliz do que nos dias anteriores e disse:

- É Zulmira, não é Bernardo?

- Sim, Lázaro, finalmente ela correspondeu ao meu amor completamente.

Quando disse isto, Bernardo exprimiu uma energia e em entusiasmo no olhar que Lázaro ainda não tinha visto em seu companheiro e percebeu que o romance realmente passara a significar muito para Bernardo e sentiu um pouco da alegria do amigo:

- Nestes momentos é que a gente percebe que mesmo os mendigos miseráveis como nós ainda podem e devem continuar sonhando pois no meio de nosso deserto de desventura ainda é possível encontrar algum oásis de contentamento e de realização.

- Sim, Lázaro, apesar de ser mendigo eu estou muito feliz pelo romance correspondido com a minha bela Zulmira e veja só, isto serve para você também, pois com o tempo vai esquecer a sua Dorotea e ainda irá se apaixonar novamente também.

- Não está nos meus planos apaixonar novamente, Bernardo, mas eu fico muito eufórico de ver você correspondido em seu novo romance.

- É, a minha doce Zulmira é meiga, feminina e também demonstra muito carinho por mim apesar da minha depreciativa condição de mendigo, pois ela acredita que eu posso sair desta situação e arrumar algum trabalho para vivermos dignamente.

- Estou torcendo sinceramente por você Bernardo, que Jeová ilumine os seus passos para que você consiga reequilibrar sua vida e seu destino.

- Não Lázaro, o nosso, pois se eu conseguir arrumar algum trabalho para abandonar a condição de mendigo você também vai comigo.

- É como eu disse Bernardo, o ser humano deve continuar a sonhar sempre pois mesmo na mais

cruel adversidade ainda se consegue ver as benesses da fraternidade nascer espontaneamente nas pessoas e quando encontramos esses diamantes de virtudes nós até nos sentimos garimpeiros de muita sorte.

Mais alguns dias se passaram e Lázaro estava se recuperando parcialmente, sim, apenas parcialmente pois a hipoproteïnemia continuava dificultando a cicatrização das feridas nas pernas.

Numa noite lúgubre característica daqueles tempos de desgraça social, Lázaro foi despertado no meio da noite por gritos lancinantes de pavor e de dor, inicialmente ele pensou que fossem as vozes do além inundando a sua imaginação e levando-o para as proximidades da loucura por enfrentar tanta adversidade sem qualquer trégua ou lenitivo.

Entretanto os gritos continuavam cada vez mais fortes e desesperados e vinham da direção da árvore de Bernardo e assim Lázaro apesar de toda a sua fraqueza e ferimentos conseguiu se levantar e foi se arrastando pela área escura à sua volta na direção dos gritos que agora já haviam silenciado.

Quando Lázaro chegou próximo da árvore de Bernardo ele viu uns dez homens trajando roupas pretas e com capuzes cobrindo totalmente as suas cabeças com aberturas apenas nos olhos.

Um dos homens encapuzados parou ao lado de Lázaro e disse em tom macabro:

- Está vendo Lázaro, o que acontece com aqueles que não cumprem a lei de Deus? Este ai desonrou uma moça que era prometida a um sobrinho meu e agora teve o que mereceu por desígnio de Jeová.

Lázaro já tinha ouvido aquela voz antes e se parecia com a do doutor da lei Ataíde que se afastava com os seus companheiros de assassinato como se apenas tivessem cumprido um nobre dever.

Lázaro correu para o companheiro caído e ergueu a sua cabeça totalmente ferida e desfigurada mas ainda conseguiu ouvir antes de Bernardo morrer:

- É, Lázaro, o amor de Zulmira foi o meu pasaporte para a vida no outro mundo.

Lázaro ficou observando o Bernardo desfalecer em poucos segundos após as suas últimas palavras e curiosamente não teve lágrimas para derramar pela morte do amigo, talvez a decepção de ver Dorotea casada com o fariseu Asdrúbal tivesse lhe atrofiado os canais lacrimais e a sensibilidade também.

Fosse o que fosse Lázaro estava apático pelo excesso de sofrimento e a sua fisionomia nem sequer se alterou ao ver aquela desgraça e assim quem apenas o observasse naquele momento poderia conceber a errônea conclusão de que ele se tornara insensível.

o excesso de sofrimento fez com que Lázaro admitisse no fundo de sua alma a explicação do india no Hadji para a vida e assim ela deveria continuar no mundo espiritual e mais tarde Bernardo deveria voltar para uma nova vida pela reencarnação.

Esta concepção espiritualista passada a ele por Hadji era a única que fazia sentido para todas aquelas desgraças incessantes que ele presenciava.

No fundo Lázaro imaginava que o fato de Bernardo morrer para aquela vida de misérias só representava um desligamento em relação àquele sofrimento atroz e um possível retorno do amigo para alguma região que possibilitasse a sua recuperação pessoal, ou seja, espiritual, moral e intelectual.

Lázaro permaneceu ao lado do corpo do amigo até amanhecer o dia mergulhado em seus pensamentos que antes de mais nada buscavam a lógica e a coerência que dessem significação ao destino dos homens.

Muitas vezes os pensamentos progrediam até labirintos intransponíveis e Lázaro necessitava retornar em suas considerações e reflexões.

A tristeza era perceptível em sua fisionomia mas havia uma tranquilidade mesclada com uma certa serenidade que fazia um contraste muito curioso.

O sol já ia alto quando apareceram alguns quadrilheiros da guarda hebráica e disseram:

- Fomos informados que existe o cadáver de um homem aqui e nós viemos para levá-lo para a devida sepultura para evitar contaminações.

Lázaro simplesmente mirou o corpo do amigo pela última vez e se levantou resignado mas com o olhar algo petrificado pelo excesso de sofrimento.

Os quadrilheiros levaram o corpo de Bernardo para sepultá-lo e Lázaro retornou para debaixo da árvore que lhe dava sombra nos dias ensolarados.

Lázaro voltou a ficar só, debaixo de sua árvore, e desta vez estava se sentindo muito mais só do que antes, pois Bernardo era um tanto ingênuo mas representava um ser humano que preenchia muitas horas de sua vida e até mesmo o havia ajudado sobremaneira quando se feriu antes na queda acidental.

Novamente o lado filosófico de Lázaro estava exacerbado e a sua mente emitia raios reflexivos de questionamentos e de considerações, só que ao invés dos raios da lua, eram os raios solares que agora se entrelaçavam enigmaticamente com os seus.

Lázaro esforçava-se para entender a vida tal como ela é, mas a abrangência de situações e de enigmas diante de um cosmo infinito leva qualquer ser humano à uma sensação de impotência e assim ele olhava para o sol como se olhasse para a própria divindade, como que buscando uma resposta para as suas inúmeras perguntas, entretanto as suas reflexões se inibiam diante da intensa claridade solar.

Os seus olhos lacrimejavam e começavam a doer, é como se a criatura humana não conseguisse encarar a luz de coerência do Criador porque ela se encontra no nível de luminosidade pura e plena enquanto que o ser humano só consegue encarar aquilo que ainda está ao menos um pouco próximo de seu limiar.

Lázaro permaneceu assim a tarde toda enxergando escotomas de tanto olhar em direção ao sol.

Os escotomas simbolizavam a criatura humana contundida, sem que ela estivesse ao alcance de compreender desígnios da vida à volta de si mesma.

O sol continuava o seu trajeto no firmamento espargindo os seus raios luminosos que não eram indiferentes à vida de Lázaro, posto que continuasse aquecendo-o e vivificando o seu organismo humano,

todavia, a sua dinâmica luminosa se processava independente das conjecturas que a mente de Lázaro emitia do poço de suas decepções.

O astro luminoso assemelhava-se à Divindade, pois enquanto continuava a emitir as suas luzes, movimentava-se no Céu sustentando a vida dos homens, todavia permitindo que as adversidades testassem a resistência dos mesmos a um limite às vezes extremo.

Lázaro então concluiu que a permissão por parte da Divindade em relação aos padecimentos humanos nada mais representava do que um ensejo para se possibilitar o desenvolvimento das virtudes que ainda neles existiam em estado de vida latente, mas que, o ser humano, ao tentar entender os elos de coerência deste mecanismo divino de aperfeiçoamento dos homens, consegue ver apenas escotomas dentro de sua própria imaginação ofuscada.

Ele próprio já percebia alguma mudança em seu íntimo na medida em que ia suportando as adversidades, pois havia cultivado em si mesmo satisfatoriamente a resignação, a paciência, a humildade e a fé inabalável naquele Criador ainda desconhecido para ele, em consequência de suas limitações, mas que deveria estar pleno de discernimento e de compaixão por seus padecimentos experimentados.

Afinal de contas a resignação, a paciência, a humildade e a fé não são virtudes ou valores nobres que deveriam se desenvolver dentro de todas as almas? Então esta é a prova definitiva de que Deus está trabalhando justamente mais nos seres humanos que parecem deserdados da sorte, pois Ele está testando as suas forças íntimas nos limites mais inconcebíveis dentro do próprio mundo individual.

Talvez não houvesse mesmo outro meio de disciplinar as virtudes que dormitam no imo de cada ser humano, e ao permitir que as adversidades provem os seus valores pelas agruras da dor e do sofrimento, Deus estaria trabalhando o despertar destes valores que haveriam de, num futuro longínquo, nortear todos os valores e todas as ações na esfera pessoal.

Lázaro agora conseguia "ver", apesar dos escotomas, a luz da Divindade despertando as suas virtudes adormecidas para a plenitude de si mesmo em algum dia das suas vidas futuras.

Quando ele mais pensava estar abandonado pelo Criador, eis que esta nova compreensão, nascida do sofrimento, veio aclarar que era justamente nele, Lázaro, que Deus estava trabalhando mais intensamente, acelerando o despertar de seus valores íntimos.

Tudo depende mesmo do referencial com que se analisa uma questão, assim um cego pode se considerar um deserdado da sorte pela privação do dom da visão, mas se ele fizer um esforço poderá superar-se a si mesmo poderá chegar à conclusão de que aquela é apenas uma excelente oportunidade, para se desenvolver e aperfeiçoar ao máximo os outros sentidos.

Aquela reflexão comovente não lhe subtraiu a condição de mendigo, nem tampouco mudou a realidade à sua volta, todavia passou a emprestar à fisionomia de Lázaro um misto de resignação raciocinada e de gratidão por estar sendo alvo da atenção Daquele que trabalha silenciosamente na alma de cada um, que algumas pessoas que passavam próximas daquele mendigo rústico sob a árvore não puderam deixar de perceber algo de um estranho embevecimento na sua fisionomia.

Lázaro já havia tirado as principais conclusões de suas deduções e agora estava no final de suas reflexões assim como o sol que já estava se pondo na linha do horizonte. É como se a própria Divindade, compadecida dos sofrimentos de Lázaro, tivesse doado a sua luz de discernimento juntamente com os raios solares para iluminar o seu entendimento humano e agora estivesse deixando-o com as suas íntimas reflexões para uma melhor auto-avaliação.

O horizonte apresentava-se em tom arroxeadado, como se daquela inter-relação invisível entre Divindade e ser humano, algo da tristeza do homem tivesse pairado no semblante do Criador, em matizes policrômicos que contrastavam com a luz inicial.

CAPÍTULO 17

O OPRÓBRIO

E AS VIRTUDES

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

Naquela noite, apesar da sensação de tristeza pela perda de Bernardo, Lázaro dormiu um sono leve e reparador e ao despertar pela manhã sentia uma nova energia em seu organismo, o suficiente para se levantar do seu rústico leito sob aquela árvore que lhe testemunhava os padecimentos.

As chagas de seus membros inferiores não se cicatrizaram, aliás eram bem visíveis e assim além da condição de mendigo, Lázaro agora tinha várias de las espalhadas pelo corpo. A hipoproteïnemia em que vivia impossibilitava a cicatrização e sua aparência se rebaixara à mais lamentável forma humana.

As pessoas haviam se tornado totalmente indiferentes a ele e quando o reparavam era apenas para demonstrar nojo e rejeição à sua condição de vida precária e de sujeira corporal. Lázaro as vezes banhava-se e lavava as suas roupas num rio das proximidades, mas a verdade é que dormindo debaixo daquela árvore amanhecia coberto de poeira, que sujava novamente as suas roupas, e até mesmo dificultava ainda mais a cicatrização de suas chagas.

Apesar de todos esses óbices, Lázaro cobrou ânimo novo, levantou-se do "leito" sob a árvore e pôs-se a caminhar, estava faminto demais e uma fraqueza indesejável limitava os seus movimentos, mas, por isso mesmo, deveria mover-se e procurar algum alimento para lhe saciar a fome.

Lázaro lembrou-se de Ibrahim e novamente dirigiu-se para a sua residência na rua da páscoa. Os seus movimentos agora eram muito mais lentos, eram mesmo arrastados, como se fosse apenas um fantasma a arrastar correntes pesadas pelas ruas. Ele tinha o firme propósito de evitar a rua da primavera onde residia Dorotea para não exacerbar seus sofrimentos.

Foi assim que, após enorme esforço físico, Lázaro chegou à casa de Ibrahim, o qual estava sentado na varanda conversando com um homem que por sua vez estava de costas para a rua.

Ibrahim reconheceu Lázaro e demonstrando que não queria intimidades com ele, disse ao mesmo tempo

que poderia catar as migalhas de pão e os restos de carne de galinha que ali se encontravam.

Lázaro percebeu o evidente muro que separava a sua pessoa de Ibrahim, que ele não desejava intimidades com ele, mas sim somente possibilitar-lhe algumas migalhas de pão apenas para manter viva a sua miserável vida. Era como se os fariseus necessitassem contemplar os mendigos pela cidade para se sentirem vencedores na disputa pela vida.

A fome de Lázaro era tamanha que ele não quis filosofar muito a respeito daquela figura de fariseu, símbolo de presunção de sua época, e pôs-se a comer as migalhas avidamente.

Uma voz feminina veio quebrar o silêncio momentâneo que se fizera entre os dois fariseus palestinos que agora observavam o mendigo.

- Vocês desejam mais galinha assada?

Uma voz cavernosa impregnada da mais acerba presunção respondeu em tom misterioso:

- Sim, minha querida Dorotea, eu sozinho como mais uma inteira e acredito que Ibrahim também.

Ela respondeu pressurosa:

- Aguardem mais um instante que eu e Sara já estamos terminando de assar mais duas neste momento.

Antes de retornar ao interior da residência pousou os olhos naquele mendigo e reconheceu o seu ex-noivo Lázaro e um misto de angústia e de pena se espelhou em sua fisionomia, mas logo se recompôs e tentando ainda aparentar não tê-lo reconhecido, voltou diligente ao interior da residência.

Lázaro que até então não havia visto a fisionomia do outro fariseu que conversava com Ibrahim, voltou-se para ele e viu aquele mesmo olhar agudo e sarcástico de Asdrúbal a fitá-lo com desdém.

As migalhas até que estavam deliciosas, tal era a fome de Lázaro, mas de repente ele havia perdido toda a fome, pois no lugar do vazio que havia em seu estômago, agora havia uma pesada bola de indignação indigesta e nauseante.

Foi assim que Lázaro, após algumas poucas palavras de agradecimento pela gentileza de Ibrahim, retirou-se apressadamente para na esquina seguinte sofrer uma crise de ênese mal contida.

A indignação pelo olhar de escarnecimento de Asdrúbal, pelo olhar de comiseração de Dorotea e pelo olhar de presunção de Ibrahim fora tão exacerbada que havia excitado os centros nervosos a ponto de não conter as sequencias eméticas.

Lázaro havia comido apenas migalhas e assim não tinha muito que vomitar, mas a crise emética persistia, com feições de convulsão. Depois da crise ele ainda conseguiu arrastar-se para um terreno baldio nas proximidades e humilhado, faminto e desidratado, perdeu os sentidos.

Quem observasse apenas a opulência do templo de Salomão naquela época não poderia jamais imaginar as tramas e as peripécias que envolviam os fariseus e os mendigos deserdados da sorte naquela cidade de Jerusalém, que se por um lado era ocupada pelos romanos, por outro lado não deixara de viver as suas tradicionais manipulações e abusos de poder.

Para Deus pouco importa a opulência e as tradições milenares dos seres humanos, o que obviamente lhe importa é o relacionamento que existe entre os seus filhos ali existentes. Foi por isso mesmo que Ele enviou o seu Filho vinte anos depois para lhes ensinar o verdadeiro amor entre as diferentes pessoas naquele tão sofrido local. Entretanto o fanatismo pelas tradições milenares daquele templo, pelas manipulações, pelas dissimulações e pelo abuso de poder falaram mais alto na alma dos fariseus e eles acabaram manipulando até mesmo os romanos para o crucificarem, ficando aparentemente isentos de qualquer responsabilidade pelo ato execrável da crucificação.

Nesta época do ano vinte antes de Cristo, os fariseus não tinham qualquer escrúpulo com as suas vítimas, pois a bússola ideológica de respeito e de consideração pelos deserdados da sorte ainda não tinha nascido por intermédio da pessoa de Jesus de Na-

zaré e assim para eles qualquer manipulação, qualquer escarnecimento, qualquer hipocrisia e qualquer abuso de poder que existissem à sombra das pedras do templo de Salomão, ainda estavam justificados.

Lázaro dormiu o sono do desmaio, da depressão física e moral, eivado de delírios e de picos febris que lhe denunciavam a debilidade orgânica; entretanto acordou relativamente recuperado em suas forças pela manhã e só então se deu conta de que não dormira, como de costume, debaixo de sua árvore e sim naquele terreno baldio cheio de detritos.

Mal ele acabava de acordar e dois homens mal encarados apareceram no terreno e sem nenhum preâmbulo disseram de modo ríspido para que ele passasse tudo o que ele tivesse de valor para eles, pois aqui-lo era um assalto e era melhor ele não reagir.

Lázaro lhes disse que tudo o que ele possuía de valor eram as suas virtudes que Deus estava despertando por intermédio do sofrimento e das provações ininterruptas e que embora invisíveis eram verdadeiras joias do comportamento humano.

Um assaltante mirou o outro e disse:

- Estás vendo, temos que assaltar para não acabarmos desse jeito, sem nada de valor e louco.

Os dois homens se afastaram, pois viram que Lázaro não tinha nada além dos farrapos que mal lhe cobriam a pele e foram tecendo suas considerações filosóficas no sentido de tentarem justificar as suas vidas desregradas e pervertidas.

Lázaro até se sentiu orgulhoso da resposta que havia dado ao assaltante e aquela era uma demonstração de que se a vida o castigava, ele, entretanto era conhecedor de um propósito altaneiro muito além da compreensão dos homens rústicos.

Assim, depois de bem meditar no significado de seus padecimentos e na evolução de suas virtudes, Lázaro resignou-se até mesmo a voltar à casa de Ibrahim para comer aquelas migalhas e para extrair mais virtudes a partir de seu opróbrio.

CAPÍTULO 18
A EXPANSÃO
DO TEMPLO

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

O destino havia sido implacável com Lázaro, entretanto uma luz diferente estava nascendo no seu íntimo, pois aquela resignação ganhara maior dimensão, a humildade estava mais expressiva, a sua paciência agora era um verdadeiro baluarte de sua personalidade e finalmente havia adquirido uma fé imorredoura que havia sobrevivido mesmo quando os seus sofrimentos foram mais significativos.

Foi assim que, vencendo o seu constrangimento, Lázaro retornou à casa de Ibrahim para comer algumas migalhas caídas de seus banquetes diários.

Ao avistar Lázaro, Ibrahim até se mostrou um pouco mais amável, deu-lhe pão para comer pois viu o extremo abatimento orgânico a que ele fora reduzido, Asdrúbal e Dorotea já haviam voltado para casa e Ibrahim estava só com a sua esposa.

Sentindo-se extremamente generoso por dar de comer a Lázaro, Ibrahim respirou fundo e desviando o olhar de gavião para o firmamento disse num tom que se parecia mais com uma profecia:

- Sabe Lázaro, eu antevejo um futuro glorioso e radiante para a nossa raça de hebreus, algum dia no futuro, todos os povos se renderão à nossa ciência de conduzir as pessoas pela vida. O templo de Salomão há de se espalhar pelos quatro cantos do mundo e todos os povos se maravilharão com a nossa técnica milenar que é memorável e perfeita.

- Veja você, Lázaro, nós ocupamos uma região no mar mediterrâneo que é singular, pois se se considerarmos o sul do continente europeu como um dos lados e o norte do continente africano como sendo o outro, nós no oriente médio do continente asiático unimos os dois extremos numa espécie ferradura que protegeria as patas de um cavalo imaginário.

A Judéia é o centro desta ferradura e haverá de ser o centro do mundo também. O cavalo representa o trabalho e a dinâmica para as diferentes produções agropecuária e a ferradura é a sua adequada proteção. Todos os povos do planeta Terra se renderão ante as provas inequívocas de que o templo de Salomão

e sua dinâmica é a melhor e a mais acertada forma de se conduzir as diferentes pessoas pela vida.

Lázaro contemplava aquele Ibrahim nestes instantes de elucubração farisaica e notava invisíveis faíscas, chispas e relâmpagos a tismarem a sua fisionomia sobressaltada por um êxtase estranho e não conseguiu conter um calafrio que lhe perpassou a coluna de alto a baixo, fazendo ao mesmo tempo os pelos de seu corpo eriçarem-se estranhamente.

Lázaro não sabia porquê, mas pela fisionomia de Ibrahim ele pode perceber que havia muito mais naquelas palavras do que ele estava entendendo e novamente se lembrou do mal estar súbito que havia experimentado quando entrara no templo de Salomão pela primeira vez e reparou que agora a simples menção de Ibrahim a respeito do templo estava sendo o móvel desencadeador de um estranho calafrio.

Ibrahim ainda teceu vários comentários enaltecendo a tenacidade e a determinação de seu povo no intuito de fazer prevalecer aquelas antigas tradições legadas a todos eles por Moisés e então após alguns comentários conclusivos a mais, a serenidade voltou a pairar em seu semblante.

Lázaro estava perplexo com aquela alteração de fisionomia, pois inicialmente nem parecia que Ibrahim estava conversando com ele e sim com fantasmas invisíveis que ora o ameaçavam e ora o aplaudiam. De qualquer forma Ibrahim agora estava calmo e Lázaro arriscou uma pergunta para saciar uma antiga curiosidade sua aproveitando o momento:

Mestre Ibrahim, o que as pessoas realmente fazem dentro do templo de Salomão?

Ibrahim lançou um olhar agudo em Lázaro que reluziu como se fosse o brilho de uma lâmina afiada e, em seguida, disse dissimulando suas emoções:

- Ah Lázaro, você não pode entender os verdadeiros significados e mistérios da vida, desculpe-me a sinceridade meu amigo, mas você é daqueles que passam pela vida sem conseguir lhe depreender o verdadeiro significado e a extensão dos mistérios exis-

tentes dentro de cada ser humano. Mas uma coisa eu posso te dizer, pode ser que exista um Deus que fez a terra, as estrelas que estão no Céu e os homens que aqui vivem, mas seguramente é o templo de Salomão que serve para educá-los e discipliná-los.

Lázaro aproveitava a liberdade que Ibrahim estava lhe dando e ainda perguntou:

- Mas de que maneira o templo de Salomão pode educar e disciplinar os homens mestre Ibrahim?

Um novo brilho estranho emergiu qual lampejo de dentro das pupilas de Ibrahim e com um sorriso irônico ele concluiu enigmaticamente:

- Foi o que eu disse Lázaro você não tem condições de entender todos estes mistérios, entretanto você não percebe que muitas pessoas se reúnem dentro do templo na hora da noa para orações? Você não percebe que é justamente as ações do templo que mantem todos nós judeus unidos?

Lázaro percebeu que Ibrahim não falaria nada a mais a respeito das dinâmicas internas do templo de Salomão, mas mesmo assim levando em consideração aquela atenção que lhe era dispensada indagou:

- Mestre Ibrahim, certa vez, quando cheguei a Jerusalém eu me encontrei com Jean Verne uma pessoa da região da Gália com quem fiz amizade quando ainda morava em Jope, ele aqui esteve em Jerusalém e estava todo eufórico com algumas descobertas que havia feito a respeito do templo e ele havia dito que os princípios e fundamentos do mesmo haviam sido extraídos do Egito dos faraós, que dizes?

Ibrahim esboçou um ar de enfado e disse um tanto contrafeito:

- Os nossos fundamentos estão vinculados ao Egito dos faraós? Que nada, não temos nada a ver com o Egito dos faraós, a dinâmica que temos em nosso templo de Salomão é essencialmente hebraica e os nos sos costumes não têm absolutamente nada em comum.

Os egípcios gostam de pirâmides, nós não temos o hábito de produzi-las, os egípcios cultuam suas múmias, nós enterramos os nossos mortos e não é

só isso temos muitas outras diferenças de personalidade e de conduta como seres humanos.

Aproveitando o ensejo para a conversação, Lázaro comentou com Ibrahim sobre os dois homens que só não o assaltaram porque ele era um mendigo e assim sendo não possuía nada de valor, mas lembrou-se de que aqueles dois homens possuíam estranhas olheiras, que lembravam pés de galinha nos cantos externos dos olhos e perguntou ao fariseu se ele saberia decifrar aquele mistério.

Ibrahim franziu a testa por um momento e disse com ares de conselheiro:

- Na vida nós necessitamos de andar por um bom caminho Lázaro, mas há aqueles que escolhem caminhos tortuosos para serem trilhados e então atraem para si toda a espécie de malefícios inclusive aquelas olheiras estranhas que você observou.

Lázaro achou a resposta muito evasiva e sem subsídios para uma adequada compreensão e indagou:

- Mas o que de verdade representam aquelas olheiras mestre Ibrahim?

Ibrahim fazia flexionar os músculos da expressão facial de tal maneira que eles lhe davam um ar de superioridade, de que ele, "na verdade", sabia muitos segredos da vida e que Lázaro perto dele era só uma criança, demorou um tempo como que embevecido pela dimensão de seus conhecimentos e disse:

- As pessoas que se desviam dos bons caminhos, Lázaro, estão fadadas a se encontrarem com Belzebu e a marca deste demônio dos infernos é estes pés de galinha nos cantos dos olhos. Belzebu deixa esta marca para que possam ser reconhecidos como aqueles que são pertencentes ao seu nefasto rebanho.

Lázaro deixou-se impressionar momentaneamente por aquelas considerações estranhas, mas deixando um pouco de lado as suas superstições retornou para o aspecto mais prático e lógico do diálogo e disse:

- Eu me lembro, quando Jean Verne aqui esteve de ter visto que um de seus papiros trazia uma representação sobre o olho de Rá e que aquele olho mi-

tológico guardava uma certa semelhança com os olhos daqueles assaltantes, que pensas a respeito mestre?

Ibrahim não se fez de rogado e disse:

Eu também vi os papiros que Jean Verne trazia consigo, aliás, justamente por causa daqueles papiros interessantes, foi eu mesmo quem o convidou para entrar e assistir a algumas reuniões secretas dentro do templo de Salomão e eu me lembro do papiro referente ao olho de Ra que logicamente me chamou muito a atenção a seu respeito. Mas, eu me pergunto o que na verdade teria este tal de Ra a ver com Belzebu? Seria a mesma entidade maléfica com nomes diferentes para egípcios e hebreus? Bem, eu não sei responder a essa questão, mas sei que as olheiras estão relacionadas com o erro e o mal.

- Oh então o senhor conheceu o meu amigo Jean Verne? Pessoa bastante curiosa não é mesmo? Ele é um estudioso nato.

- Você tem razão Lázaro, é um homem muito raro, desses que saem pelo mundo para decifrar parte de seus intermináveis enigmas, mas mesmo Jean Verne ficou cheio de interrogações quando viu um homem de olheiras e tentou estabelecer analogias com o olho de Ra pintado num de seus papiros. Assim imagino que os egípcios também poderiam ver esses sinais nos olhos das pessoas, mas como não sabiam o que era, apenas os representavam em papiros, enquanto que nós já sabemos que é a obra sinistra de Belzebu que está agindo por trás das pessoas. Como eu lhe disse Lázaro, não existe nada neste mundo que tenha ações e esclarecimentos parecidos com aqueles que desenvolvemos dentro do templo de Salomão.

Depois de uma pausa, Lázaro arriscou ainda uma nova pergunta:

- Jean Verne assistiu a uma sessão secreta dentro do templo e disse que o dirigente daquela reunião tinha dois cetros cruzados sobre o peito semelhantemente ao que ele havia observado sobre o peito dos antigos faraós em ilustrações gravadas nos papiros que ele trouxe do Egito.

Ibrahim esboçou uma nova fisionomia de enfado e disse franzindo a testa:

- Uma ou outra semelhança pode até existir, mas não há nada parecido com o templo de Salomão.

Lázaro percebeu que a fisionomia de Ibrahim havia se alterado bastante e havia se distanciado muito do início quando Ibrahim se pôs a sonhar com a expansão do curioso templo e agora a lembrança das semelhanças com o Egito dos faraós havia lhe subtraído o bom humor deixando-o desgastado.

Lázaro ainda comeu algumas migalhas que estavam caídas no chão mas percebendo pela expressão fisionômica que o assunto já não estava agradando a Ibrahim tratou logo de se despedir:

- Bem, mestre Ibrahim, eu agradeço pela nutritiva comida e por seus generosos esclarecimentos que me clarearam muitas dúvidas a respeito da existência humana, mas pelo adiantado da hora, já vou-me embora pois não quero esperar cair a noite pois tenho um certo receio em relação àqueles assaltantes que estão rondando por estes lados e embora eu não tenha bens para serem roubados, mas ainda assim tenho minha própria vida que, mesmo sendo só a de um mendigo, eu prezo tal como jóia rara.

Ibrahim esboçou um sorriso tentando disfarçar a sensação de enfado e disse:

- Muito bem dito Lázaro, a joia mais rara que existe no mundo é o próprio ser humano, é pena que a maioria das pessoas não saiba disto e quanto a estes assaltantes podes ficar tranquilo porque as autoridades locais já estão informadas sobre eles e não vão demorar muito para porem um paradeiro em suas ações inspiradas por Belzebu.

Lázaro percebeu outro brilho estranho nos olhos de Ibrahim e perguntou de si para consigo mesmo: Belzebu pode até inspirar os assaltantes para o erro, mas por que somente diante do mestre Ibrahim é que eu sinto um arrepio sinistro a me percorrer todo o corpo como se fosse sinal de mau presságio?

CAPÍTULO 19

A INFLUÊNCIA

DE BELZEBU

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

Lázaro se despediu de Ibrahim e apesar do receio por causa dos assaltantes pôs-se a caminhar tranquilamente auferindo as benesses dos últimos raios solares da tarde daquele dia.

Apesar do abismo social existente entre eles, Ibrahim o havia tratado com relativa educação, embora frequentemente não lhe desse mais do que simples migalhas de pão para comer. Ainda assim estava feliz, pois teve a oportunidade de estabelecer um diálogo quase no mesmo nível a que estava habituado quando ainda morava na cidade de Jope.

De vez em quando Lázaro olhava atentamente para os lados a procura dos possíveis assaltantes embora não tivesse nada de valor para ser roubado, mas, pensava ele, e se resolvem me matar justamente de raiva por eu não possuir nada para lhes dar?

Na medida em que estes pensamentos ganhavam proporção ele acelerava o passo, entretanto as chagas dos membros inferiores começavam a doer significativamente e logo o faziam refrear o ímpeto inicial e de novo ele prosseguia como que se arrastando.

Que destino misterioso, pensava Lázaro, eu era um comerciante bem situado, possuía uma bela noiva e tinha muitos planos para o futuro e agora aqui estou miserável, sem alimentação adequada, vestindo andrajos e farrapos e ainda correndo o risco de ser morto por assaltantes a qualquer hora. Se existem outras vidas que já vivemos em outras encarnações como acreditava o indiano Hadji, então eu devo ter sido muito perverso e agora estou resgatando os meus débitos contraídos pela ignorância deste mecanismo. A cada dia que passa eu vejo mais e mais coerência nesta crença exposta por Hadji.

Lázaro tinha certa facilidade para filosofar e tempo também ele tinha de sobra, assim estava frequentemente mergulhado em suas íntimas conjecturas e mal via o tempo passar.

A noite já havia descido o seu manto negro sobre toda a cidade de Jerusalém e a maioria das pesoas já haviam se recolhido ao aconchego de seus la-

res deixando as ruas semi-desertas e apenas algum transeunte mais apressado passava aqui ou acolá.

A cada transeunte que passava Lázaro procurava alguma possível semelhança com os assaltantes, para, quem sabe, achar alguma forma de se desviar do seu raio de ação, mas durante todo o trajeto não conseguiu identificar nenhum deles.

Lázaro já estava chegando próximo da árvore sob a qual costumava dormir, mas pela morosidade com que caminhava já era noite plena e mal dava para enxergar o caminho por onde pisava, quando ouviu uma voz dizer em tom imperativo:

- Alto! quem vem lá?,

Lázaro levou um susto, mas procurando se controlar respondeu aparentando tranquilidade:

- É o mendigo Lázaro senhor.

- Hum, o mendigo Lázaro! Aproxime-se rapaz.

Lázaro se aproximou e viu que lá embaixo da árvore em que ele costumava dormir estavam os dois assaltantes que ele tanto desejava evitar, mas procurou aparentar uma certa calma apesar do receio.

- Boa noite senhores.

- Boa noite mendigo Lázaro, acho que já nos encontramos antes não é mesmo?

- Não estou muito bem lembrado senhores.

- Ora Lázaro nós tentamos assaltá-lo, mas você disse que não tinha dinheiro.

- Ah, é verdade, vejam só é mesmo. Bem, como veem sou apenas um mendigo e não possuo bens.

- Onde você costuma dormir Lázaro?

Lázaro não queria se indispor com aqueles malfeitores e então não quis aparentar ser o dono daquela árvore e disse de forma displicente:

- Bem, às vezes eu durmo debaixo desta árvore, as vezes durmo debaixo de outra qualquer, como vocês podem ver eu sou um errante e não tenho um paradeiro muito certo.

- Você deixou algum pertence seu por aqui Lázaro?

- Bem senhor, eu apenas tenho umas roupas velhas e um candelabro de metal que costumo deixar atrás dos arbustos, mas não tenho nada de valor.

O assaltante estendeu a mão esquerda com o embrulho e disse:

- Aqui estão Lázaro, para nós também não tem nenhum valor, pegue isto e vá deitar debaixo daquela outra árvore acolá e se esta pele de camelo que aqui está for sua, não tem porque se preocupar porque debaixo daquela outra árvore também tem outra pele.

- Ah, sim, muito obrigado senhor, é o meu candelabro de estimação que não tem nenhum valor comercial, fiquem a vontade eu vou ficar debaixo daquela outra árvore.

- Escute Lázaro, estamos foragidos, e nos ausentamos do casebre que costumamos dormir porque percebemos umas pessoas suspeitas rondando a localidade e vamos permanecer aqui, mas não diga a ninguém que nos viu, não nos denuncie e evite encrenca conosco.

- Podem ficar tranquilos senhores, a minha vida é muito modesta, mas eu gosto dela assim mesmo e sempre evito encrencas na medida do possível.

- Boa noite, Lázaro.

- Tenham uma boa noite senhores.

Os assaltantes até foram gentis com Lázaro, uma vez que não conheciam ninguém por aqueles lados e de mais a mais, um mendigo não representaria nenhum perigo, pensavam eles.

Lázaro se encaminhou para debaixo da árvore em que Bernardo costumava dormir, levando as suas roupas velhas e o pequeno candelabro que já há muito tempo não examinava, pois já há algum tempo não o tirava de trás dos arbustos em que o havia escondido, por falta de interesse mesmo pelas coisas corriqueiras da vida, já que a sua vida havia se tornado apenas uma caricatura do que ele gostaria que fosse.

Ele ajeitou a pele de camelo em que Bernardo costumava se acomodar e sentou-se fatigado e deixou que o seu lado filosófico alçasse um vôo mental:

- Afinal não é tão ruim ser um mendigo, a gente não corre risco de vida perto de assaltantes, veja só, esses malfeitores até me deram as minhas roupas e o meu pequeno candelabro. Às vezes é muito bom não ter nada de valor, pois numa ocasião como essa se eu tivesse bens materiais, o bem mais precioso de minha vida, que é ela mesma, estaria correndo perigo, mas como eu nada tenho de bens materiais, o meu bem mais precioso não corre nenhum perigo verdadeiro. Ah, quanto paradoxo!

Lázaro havia mergulhado num oceano de conjecturas que o havia tragado para o fundo de seus limites e ele se mostrava completamente absorto.

A presença dos assaltantes não representava perigo para a sua pessoa, pois eles sabiam que ele nada tinha dos valores que ambos almejavam e assim até mesmo se esqueceu da proximidade com eles.

Uma densa neblina ofuscava a visão e quando Lázaro olhava na direção deles não conseguia ver nada nitidamente e a limitação da capacidade de visão com a quietude que passou a reinar no local levou Lázaro a filosofar com certa languidez.

Os pensamentos de Lázaro, a sua hipoproteïnemia e a neblina que havia naquele local formaram uma tríade de valores que desencadearam uma espécie de vertigem momentânea e ele então passou a ver tudo girando intensamente ao seu redor:

- Será que estou sofrendo de alguma doença que me é totalmente estranha meu Deus? O que significa essa tontura que faz com que tudo fique girando à minha volta? Ao invés de obter qualquer resposta, uma nova onda de vertigem parecia tragá-lo num redemoinho misterioso dentro dele mesmo.

A neblina tornara-se mais densa e havia limitado a visão quase que completamente, Lázaro tentava perseguir os seus pensamentos, mas a vigília ha-via se tornado muito difícil.

Gritos e urros de pavor e de dor ecoaram lugubrememente pelo ar e Lázaro despertou-se sobressaltado, movendo automaticamente a cabeça na direção da

árvore onde costumava dormir e que agora estava ocupada pelos assaltantes. Ele percebeu então que deveria ter dormido por um bom tempo, pois já não havia mais a neblina de antes, a lua estava iluminando bem a localidade e dava para ver que dez homens vestindo roupas pretas e capuzes também pretos acabavam de matar aqueles dois homens assaltantes.

Depois que terminaram aquela macabra execução os dez homens encapuzados passaram relativamente próximo de onde Lázaro estava e um deles disse:

- Está vendo Lázaro, quem se deixa levar pelas intuições de Belzebu acaba se dando mal na vida e encontra a morte bem mais cedo. A justiça que vem de Jeová impera sempre.

Aquele homem havia dito essas palavras enquanto os seus companheiros caminhavam lentamente e ele também quase não parou para proferir aquelas considerações que testemunhavam a sua convicção. Depois ele se afastou recomendando a Lázaro que não se afastasse do caminho de retidão.

Lázaro então pôs-se a pensar:

- Mas que caminho de retidão é este meu Deus? Por acaso estou seguindo algum caminho de retidão que agrada aos homens?

Lázaro havia reconhecido a voz de Ibrahim naquelas considerações proferidas pelo encapuzado e continuou pensando sem conseguir estancar a torrente de perguntas que desaguavam na sua imaginação:

- O encapuzado disse que quem segue as intuições de Belzebu acaba se dando mal na vida e encontra a morte mais cedo, mas quem são estes homens que se julgam donos do destino do alheio dando-se liberdade para levantar de madrugada e matar as pessoas dessa forma? Não seriam eles também vítimas de alguma intuição maligna de Belzebu? É bem verdade que estes dois homens eram assaltantes, mas será que antes de assaltantes eles não eram vítimas de alguma injustiça social como eu mesmo sofri? Não seria mais digno procurar denominadores comuns satisfatórios pa

ra se encontrar uma relação social onde todos os seres humanos pudessem coexistir pacificamente?

As perguntas desaguavam abundantemente na mente de Lázaro sem dar tempo para que alguma resposta pudesse emergir de seu âmago sob a forma de lenitivo que pudesse apaziguar as suas aflições.

Lázaro olhou para a árvore que lhe servira de abrigo por tantas noites e viu os dois homens esticados de maneira lúgubre sob a sua copa e então ele ainda se perguntou melancolicamente:

- Será que aqueles arrepios que várias vezes eu senti percorrer o meu corpo enquanto conversava com mestre Ibrahim, de alguma maneira, não estariam querendo dizer-me alguma coisa a mais? Será que também o mestre Ibrahim não está deixando que a sua pessoa juntamente com a pessoa de cada um dos outros encapuzados se submetam à uma influência imperceptível, porém nefasta, do maligno Belzebu?

O dia já estava recebendo os primeiros raios da aurora e logo apareceram quatro quadrilheiros da guarda urbana que silenciosamente trataram de recolher os dois corpos para o cemitério a fim de lhes providenciar as devidas sepulturas.

Eles se comportaram tão mecanicamente que é como se alguém os tivesse mandado até lá para fazer aquele serviço e assim não necessitavam nem mesmo de perguntar nada a ninguém sobre o ocorrido.

Lázaro observava todo aquele desenrolar de situações em que mãos invisíveis pareciam extrair as emoções dos seres humanos para substituí-las por comportamentos semiautomáticos e indiferentes, enquanto as mesmas perguntas já formuladas voltavam a sufocá-lo numa torrente de curiosidade e indignação.

Finalmente os homens se retiraram, tão silenciosos quanto chegaram, levando consigo os corpos dos dois ex-assaltantes com suas estranhas olheiras.

Lázaro havia refletido muito sobre aquelas olheiras e havia formulado muitos questionamentos de si para consigo mesmo. Seriam elas um estigma de Belzebu ou de algum espírito do mal que deixaria ne-

les uma espécie de marca própria de seu rebanho? Mas este questionamento se mostrava inconsistente, pois Lázaro havia presenciado alguns apedrejamentos de prostitutas condenadas pela lei de Moisés, entretanto nenhuma delas apresentava aquelas olheiras tão características dos dois assaltantes. Se tanto os Assaltantes quanto as prostitutas estavam contrariando a lei, por que apenas os assaltantes apresentavam aquelas malfadadas olheiras? Se Belzebu ou qualquer outro espírito estava colocando aquelas olheiras em seres humanos para identificar os seus malfeitores, por que essa diferença tão marcante?

Aqueles assaltantes eram bem conhecidos do templo de Salomão e logicamente os integrantes do templo não gostavam nem um pouco deles; quanto às prostitutas, também eram conhecidas dos integrantes do templo, mas não eram malquistas por todos os iniciados fariseus e alguns até saiam com elas e ele, Lázaro, até já tinha visto tal cena.

Será que o templo por si só, pelo somatório das energias mentais teria o poder de deixar aquelas marcas nos olhos de quem todos eles odiassem e por isso as prostitutas, que não eram odiadas por todos, escapavam daqueles estigmas bizarros?

Tudo isto eram apenas elucubrações e Lázaro não tinha como comprovar, nem o mestre Ibrahim com suas suposições e nem mesmo o curioso Jean Verne havia chegado a uma satisfatória conclusão.

O tempo todo Lázaro não conseguira sair de baixo da árvore onde Bernardo costumava dormir, refletindo e contemplando tudo a distância, até porque a hipoproteïnemia lhe conferia um estado de fraqueza tal que lhe subtraía o ânimo físico, preservando apenas o ânimo para a capacidade de reflexão.

Lá estava o seu "lar" novamente livre e desimpedido e enfim Lázaro voltou para lá, pegou a pele de camelo suja de sangue e foi se banhar num riacho próximo para deixar que a água corrente levasse embora as manchas de sangue e de má impressão que as atividades do templo de Salomão ali haviam deixado.

CAPÍTULO 20

OS MANDAMENTOS

DE DEUS

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

Lázaro percebeu que estava rodeado de fariseus, saduceus, escribas e doutores da lei por todos os lados e que eles, através de julgamentos que ainda escapavam ao seu entendimento, julgavam e condenavam as pessoas para depois executarem as punições que imaginavam adequadas levantando-se de madrugada, e faziam aquilo tipicamente encapuzados, pretendendo ser justiceiros em ação, e até mesmo ainda recomendavam as pessoas, como recomendaram a ele mesmo, Lázaro, que não abandonassem o caminho da retidão.

Lázaro percebia que o templo de Salomão era o denominador comum entre eles e lembrava-se do entusiasmo com que Ibrahim falava a respeito do mesmo, sugerindo que aquele templo um dia haveria de se expandir por todo o mundo como a melhor bússola ideológica para se conduzir as pessoas.

O mendigo Lázaro percebia que aquela sociedade era fechada e estava sendo conduzida por aqueles fariseus com mãos de ferro e que ele, Lázaro, tal como o seu amigo, o mendigo Bernardo, havia perdido até mesmo a chance de se apaixonar, caso não quisesse correr o risco de se indispor com algum fariseu que pretendesse guardar a referida jovem para algum de seus protegidos e que não adiantava ele querer se indignar com aquela condição de mendigo para começar a assaltar como aqueles dois marginais assassinados, pois teria o mesmo fim deles.

Curiosamente havia um mistério muito grande envolvendo todos aqueles acontecimentos. Sim, aquelas olheiras que ambos os assaltantes apresentavam, representavam este mistério quase insondável, já que o olho de Ra do Egito antigo parecia ter alguma relação, mas curiosamente, Ibrahim o associava a uma possível influência de um tal de Belzebu que era uma espécie de senhor das ações maléficas. Fosse qual fosse a explicação a respeito daquele fato, a verdade é que não passava de elucubrações a respeito de alguma força que agia de modo invisível aos olhos humanos, mas que produzia efeitos bem visíveis.

Ibrahim, e possivelmente todos os outros frequentadores do templo de Salomão, considerava aquelas olheiras como uma evidente manifestação do mal, mas curiosamente ele, Ibrahim, estava entre aqueles mascarados que assassinaram os dois assaltantes. Ora, todos os hebreus sabem que um dos dez mandamentos de Deus é justamente o que diz: "Não matarás" e que este mandamento não abre nenhuma exceção a este princípio, e assim aqueles fariseus estavam flagrantemente quebrando um dos mandamentos ao matarem aqueles dois assaltantes, mesmo levando-se em conta de que ambos estavam vivendo erroneamente.

Lázaro dava livre curso às suas ideias:

- Mestre Ibrahim conhece bem a lei de Deus e ele sabe que a lei diz claramente: "Não matarás" e que esta mesma lei não abre exceção para ninguém, assim sendo, por que será que ele estava entre aqueles mascarados que assassinaram os dois assaltantes? Ele alegou que aquelas olheiras eram influência de Belzebu, mas será que ele não percebe que ao contrariar a lei de Deus matando aqueles homens errôneos, ele também estava se ligando com alguma força proveniente do mal, tenha ela o nome de Belzebu ou não?

- Agora eu consigo avaliar um pouco melhor aqueles calafrios que me percorriam a coluna dorsal quando o mestre Ibrahim falava do templo de Salomão, pois ele se coloca na condição de juiz do alheio mas ele também está cometendo ações errôneas. Será que esse tal de Belzebu não estaria seduzindo e ludibriando todos os integrantes do templo de Salomão, fazendo-os acreditarem que são juízes do alheio somente para levá-los a quebrar um mandamento de Deus tão sério como este: "Não matarás"?

Lázaro permaneceu deitado durante todo o dia padecendo de uma espécie de depressão por ter presenciado aqueles assassinatos tão dramáticos. Ele dormiu a maior parte do tempo e de vez em quando despertava para se dar conta de que as suas úlceras nos membros inferiores lá estavam doloridas, com suas secreções purulentas e às vezes até sangrantes, que

as suas emoções também estavam ulceradas por contusões gravíssimas que o destino havia desferido contra as suas ilusões mais caras, mas procurando ignorar os seus padecimentos físicos e emocionais, Lázaro voltava a se inspirar na paciência de Jó.

Ao despertar pela manhã do dia seguinte Lázaro viu um pão sobre a pele de camelo que pertencera a Bernardo, mas que agora ele estava utilizando para dormir já que a sua ainda estava molhada. Ele comeu avidamente aquele pão, pois a fome e a hipoproteinemia eram exacerbadas em seu dia a dia.

Lázaro tomou alguns goles de água e percebeu o benefício imediato daquela refeição e imediatamente pôs-se a considerar indignado:

- Meu Deus até parece que eles querem me manter vivo apenas para que eu possa contemplar as suas riquezas e os seus prazeres. É como se eles necessitassem de expectadores para quem sabe poder continuar chamando-os de mestre e aplaudir os seus excessos na alimentação, na vida social, na vida sexual, nas suas vestimentas exóticas, nas suas ações duvidosas do templo de Salomão e até mesmo nos seus assassinatos pela madrugada.

- Quem será que Belzebu estava influenciando mais intimamente, os dois assaltantes de olheiras, ou os mascarados que os assassinaram na madrugada?

As perguntas de Lázaro ecoavam dentro de sua própria imaginação, mas a sua vida de solitário fazia com que aquele eco ficasse sem resposta.

Lázaro agora já tinha forças para se levantar e quem sabe deveria andar um pouco para procurar algumas migalhas para completar a sua "refeição do dia" e assim pôs-se a caminhar apesar da extrema fraqueza que o limitava e das dores das úlceras dos membros inferiores que nunca chegavam a se cicatrizar.

O instinto de sobrevivência falava mais alto do que as dores físicas e do que as dores emocionais e assim ele se levantava do leito para buscar um meio de continuar existindo naquela qualidade de vida misérrima, mas ainda assim era a sua vida. Ele sen-

tia que a única coisa que era verdadeiramente sua era o seu próprio eu, indissolúvel até mesmo na mais extrema penúria, continuava caracteristicamente sendo ele mesmo, íntimo dele mesmo e fiel a ele mesmo.

Lázaro passou a caminhar pelas ruas de Jerusalém, mais parecia uma sombra humana ou talvez uma alma penada, arrastando o seu pesado fardo na mais completa indigência e descaso social.

Ele era totalmente indiferente para aquela população, que ignoravam os seus sonhos, seus objetivos ou os seus ideais, ele era apenas mais um mendigo que vagava pelas ruas e nada significava para nenhum deles. O único que ainda se preocupava de doar-lhe algumas migalhas era Ibrahim, mas não passavam de migalhas que mal o mantinham vivo para continuar chamando Ibrahim de mestre.

Maquinalmente Lázaro se encaminhou para a casa de Ibrahim, para comer as suas migalhas de opró**u**rio muito mais social do que individual.

O zumbi vagava pelas ruas, parecia que Lázaro estava morto antes de morrer, os seus adversários das sombras eram implacáveis e não ficaram contentes em fazer o seu comércio do litoral falir, foram ao extremo de subtraírem-lhe a noiva, de não deixá-lo conseguir qualquer forma de emprego e só tinha direi**u**to de comer algumas migalhas.

Enquanto caminhava em estado de extrema fraqueza Lázaro considerou tristemente:

- Já não tenho dúvidas, Belzebu existe mesmo, e está inspirando todos os integrantes do templo de Salomão a serem perversos como são. Aquelas olhei**u**ras devem ter alguma explicação que eu ignoro e que os egípcios também deveriam ignorar e assim se limitavam apenas a relacioná-la ao olho de Rá. Se os assaltantes estavam errados e os integrantes do templo de Salomão também estavam, mas mesmo assim conseguiram matar aqueles, então é porque existe uma maior proteção de Belzebu a estes últimos.

Os pensamentos de Lázaro demonstravam toda a sua indignação para com aquela sociedade hipócrita e

cruel que o relegara a mais ínfima condição humana, da qual nem mesmo os cães padeciam.

Em sua caminhada de desilusão Lázaro passou pela rua da primavera, mas a sua visão já não via beleza no estilo aristocrático do casario e sim apenas a crueldade, a indiferença e a hipocrisia de seus moradores. Ainda sentia orgulho de ser hebreu, mas lamentava a bússola ideológica que os seus conterrâneos estavam seguindo de forma tão fanática e tão engeguecida em relação à nação como um todo.

Os pensamentos e os sentimentos de Lázaro eram tão profundos que pareciam gerar uma neblina espessa em seus olhos impedindo-o de ver o casario e as pessoas à sua volta, entretanto, num dado momento, alguns raios luminosos fizeram a neblina mais translúcida, espargindo a névoa existente e Lázaro pode contemplar a beleza exuberante de Dorotea que o mirava significativamente consternada.

As decepções do dia a dia haviam anestesiado a sensibilidade de Lázaro e ao contemplar Dorotea, ele não quis mais fugir, não sentia mais nada em relação a ela e nem em relação a ele mesmo, simplesmente abaixou a cabeça e continuou caminhando.

Jó sempre fora uma inspiração muito forte na vida de Lázaro e agora parecia mesmo que não conseguia mais parar de pensar na história da vida dele.

Na medida em que a fraqueza progredia, as úlceras se exacerbavam, que o descaso social o achincalhava e o destino parecia se divertir com sua desgraça mais crescia a resignação e a paciência de Lázaro de maneira inversamente proporcional. Sim, as virtudes cresciam em sua alma na razão inversa dos acontecimentos, assim, quanto menos oportunidades e direitos ele tinha mais cresciam aquelas virtudes. É como se um cadinho de provações estivesse num processo de acrisolamento pessoal, purificando as suas íntimas virtudes para selecioná-las para que ele pudese usufruir delas em outro mundo com outras pessoas diferentes daquelas que ali viviam.

O velho Jó havia sido a âncora de Lázaro, as suas inspirações, a sua fé e a sua força de vontade traduziam a sintonia que dava sustentáculo para a vida daquele sofredor crônico, que nunca se dava por vencido e continuava sempre lutando por sua vida.

O processo de acrisolamento representado por suas provações chegava mesmo a ser cruel e assim o cadinho de sua vida no dia a dia seria insuportável mesmo para muitas pessoas extremamente fortes.

Lázaro chegou na casa aristocrática de Ibrahim e lá estava ele vestido de púrpura com toda a sua opulência sentado na enorme mesa onde costumava receber seus convidados para ceiar e conversar. O seu banquete era sempre faustoso e a variedade de carnes e frutas era para se considerar um exagero.

Lázaro viu aquele banquete com água na boca, porém sabia que nada daquilo seria oferecido a ele, parecia que Ibrahim o queria apenas para ser chamado de mestre, para contar as suas vantagens pessoais e de vez em quando fazer ares de superioridade em relação a assuntos que Lázaro ignorava, quando então aproveitava para chamá-lo de homem infantil.

O mendigo já havia se habituado a insensibilidade por parte de Ibrahim, embora o homem Lázaro sempre questionasse aqueles "valores de avareza" de si para consigo mesmo. Mas como aquela sociedade havia apagado o homem Lázaro, permitindo que apenas o mendigo pudesse se exprimir, ele se resignava e se humilhava para ter direito àquelas migalhas que lhe sustentavam a sua "quase vida".

A insensibilidade empedernida de Ibrahim detectou através de suas pupilas a imagem de Lázaro e se exprimiu com seus "valores":

- Ah, é você Lázaro, pode pegar algumas migalhas que estão aí pelo chão, e comprove como eu além de mestre fariseu sou tão generoso.

A indignação pedia para Lázaro volver nos calcanhares e se retirar daquele local, mas o mendigo estava faminto demais e afinal aquelas migalhas lhe representariam um pouco de sustento.

Lázaro percebia a luta constante das virtudes em seu íntimo e mais uma vez a virtude da resignação se fazia vitoriosa diante daquela demonstração de insensibilidade grotesca.

Lázaro havia separado a sua personalidade de ex-comerciante e pensador nato da personalidade daquele mendigo que ele era obrigado a ser; assim é como se existissem dois Lázaros diferentes dentro dele mesmo. Enquanto o mendigo comia as migalhas oferecidas com tanta "generosidade" por Ibrahim, Lázaro tentava encontrar o fio daquele enigma anterior e comentou com Ibrahim:

- Sabe mestre Ibrahim, aconteceram dois assassínatos horríveis ontem de madrugada debaixo da árvore em que eu costumo dormir. Veja só aqueles dois assaltantes foram dormir debaixo da minha árvore, segundo eles, fugindo de algumas pessoas e de madrugada eles foram assassinados.

Ibrahim interveio com arrogância:

- Eles não foram assassinados Lázaro, eles receberam o que mereceram.

Lázaro lembrou-se daquela voz do homem mascarado que havia conversado com ele e sabia que era a de Ibrahim, mas não quis tocar no assunto, entretanto disse demonstrando curiosidade:

- Mas mestre Ibrahim, um mandamento da lei de Deus diz claramente "Não matarás" e esta lei não abre exceção para nenhuma cláusula, nem mesmo para se matar assaltantes como eles eram. Somos todos judeus, pertencemos à mesma raça e temos a mesma ideologia que vem desde o patriarca Abraão e se a sociedade fosse um pouco mais generosa e complacente teria encontrado uma forma de orientar aqueles Assaltantes ainda na infância ou na adolescência para que eles não viessem a seguir na vida por estes caminhos enganosos ou descaminhos tortuosos.

Ibrahim mirou Lázaro com um olhar esquisito, sentindo-se mesmo ultrajado, afinal era aquele mendigo que ele ali gostava de ver para sempre o chamar de mestre e agora estava questionando uma de suas

mais ocultas ações e algo segredava em seu íntimo que aquelas ações estavam erradas, mas todos no templo estavam habituados a praticá-las. Procurando recompor-se daquele instante de incerteza, Ibrahim ten tou aparentar indiferença e disse:

- É bem verdade Lázaro que um mandamento de Deus diz: "Não matarás", mas outro mandamento também diz: "Não furtarás" e eles estavam furtando e contra riando a lei de Deus. Nós por outro lado, necessitamos de justiça, pois uma sociedade sem justiça caminha para o caos e é então que contamos com os justiceiros para colocá-la em prática.

Lázaro percebeu que os integrantes do templo de Salomão só tinham olhos para ver os defeitos do alheio e, por isso mesmo, não tinham olhos para observarem os seus próprios defeitos. Ele ali dependia da "boa vontade" de Ibrahim para continuar comendo as suas migalhas e então se calou resignado, abaixou a cabeça e continuou a catar as suas migalhas.

Ibrahim fechou-se num mutismo sério, o seu semblante exprimia toda a gravidade dos pensamentos que agora brotavam de sua imaginação. Sim, Lázaro havia colocado o dedo na ferida de sua alma, pois esta era uma questão antiga que já o importunava há muito tempo e assim ele pensava:

- Meu Deus, este é exatamente o ponto que vem me atormentando há anos, eu já cheguei até mesmo a discutir com o doutor da lei Ataíde sobre este assunto, mas não chegamos a um adequado consenso e ago ra um simples mendigo levanta a mesma questão.

- Será que nós do templo estamos complicando os nossos destinos perante o Criador? Será que existe uma justiça depois da morte para nos julgar? Será que estamos cometendo erros graves e paradoxalmente pensamos que estamos acertando?

As perguntas começaram a incendiar a imaginação de Ibrahim levando-o a antever intuitivamente uma espécie de inferno que o estava aguardando em algum lugar do tempo e do espaço embora ele não soubesse quando e muito menos onde.

A dinâmica daqueles pensamentos tirara completamente o bom humor de Ibrahim e a sua fisionomia demonstrava claramente o tipo de apreensão que lhe acicatava dramaticamente o espírito.

Lázaro continuava absorto catando as suas migalhas enquanto um cão lambia as suas chagas e Ibrahim pensou melancolicamente:

- Se houver alguma punição para estas ações em algum tipo de inferno do além, seria preferível ser apenas um mendigo tal como Lázaro. Mas isto é tolice, não existe este inferno e nem essas punições, são apenas conjecturas sem fundamento e comportando-se como uma espécie de advogado de defesa de si mesmo, refutou aquelas considerações para absolver-se a si mesmo naquele auto tribunal da consciência.

Ibrahim se levantou e disse a Lázaro que ele iria deitar-se mais cedo, pois estava indisposto, com uma ligeira dor de cabeça.

Lázaro percebeu a mudança de expressão fisionômica do Ibrahim que o recepcionara na chegada e aquele Ibrahim que agora se via e concluiu que uma tempestade emocional devassava o seu íntimo, tornando-o bastante azedo e arredio, ele percebeu que como simples mendigo não deveria pretender retomar ou prolongar o assunto antes abordado.

Lázaro se despediu de Ibrahim e pôs-se a caminhar de volta para a sua árvore, mas percebeu o quanto as suas palavras o haviam intrigado, ora, pensava ele, se as minhas considerações o intrigaram é porque algo dentro dele dá razão à minha ponderação, porque senão, se ele ainda se sentisse correto em seus argumentos, teria reservado para si apenas aquela expressão de superioridade que eu me recordo muito bem de outras conversações que já tivemos que funciona aos moldes de um escudo de metal, onde ele se mostra como o dono da verdade expressando-se com um meio sorriso de ironia e de empáfia mal disfarçada e o alheio, diante dele, não passa de criança a contemplar a sua plenitude de sabedoria.

CAPÍTULO 21

ADVERTÊNCIA

DO ALÉM

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

Lázaro retirou-se e Ibrahim entrou em sua casa, passou por Sara e direcionou-se para o quarto de dormir sem dizer uma palavra sequer. As mulheres não participavam das dinâmicas próprias do templo de Salomão, de modo que conversar com a esposa pouco adiantaria para serenar as suas apreensões.

A cor púrpura de suas vestes havia se tornado mais vermelha, o tom havia se carregado de uma cor mais viva aos olhos de Ibrahim e ele mesmo estava se sentindo mal com aquela roupa.

Ibrahim atravessou a soleira do quarto de dormir e logo se atirou na cama. Estava acabrunhado pelos próprios pensamentos, algo dentro dele lhe segredava que era exatamente ali que os seus problemas teriam a sua raiz inicial.

Um suor gelado escorreu por sua frente como testemunha física de suas lúgubres apreensões emocionais e ele se pôs a pensar:

- Meu Deus, o Lázaro é somente um mendigo, é apenas uma sombra humana e tocou neste assunto que já gerou tanto debate entre tantos mestres consagrados e que tanto me preocupa.

- Será que Belzebu também se veste com uma roupa de cor púrpura?

- Será que é um ser espiritual que possui chifres, tem pés de cabra e rabo como dizem?

- Será que Belzebu estará esperando para julgar os homens que julgam os outros pelas suas faltas e que paralelamente esquecem-se de julgar ou sequer de avaliar as suas próprias faltas?

- Será que aqueles assaltantes que foram julgados e condenados com a morte poderiam se unir a Belzebu para também julgarem as nossas faltas, tal como contrariar o mandamento: "Não matarás"?

Uma voz escondida lá no íntimo de sua imaginação lhe dizia compungidamente, soando mais como uma solene advertência do além:

- Ibrahim, Ibrahim, considera e analisa muito cautelosamente sobre este assunto, porque o teu espírito corre um sério perigo.

Ibrahim era um fariseu que havia estudado profundamente os capítulos da velha lei e ele sabia que este tópico era um ponto insolúvel em seus costumeiros debates sobre o assunto.

- Será que foi a carne de ovelha que te deixou indisposto hoje meu querido?

Perguntou Sara tentando desanuviar aquela fronte de preocupação que via estampada nas feições ensimesmadas de seu marido.

- Olha para este manjar que eu te preparei, come-o e eu tenho certeza de que a tua indisposição, por possível má digestão, vai passar.

Ibrahim tentou ser agradável para retribuir aquela demonstração de amabilidade da esposa, começou a comer o manjar e até sorriu satisfeito agradecendo a gentileza conjugal, afinal era muito preferível o convívio da esposa do que ficar pensando na existência daquele macabro Belzebu; todavia dentro de sua alma, lá no íntimo, permanecia essa dúvida que já estava se transformando em preocupação.

Lázaro se encaminhou para debaixo de sua árvore porque não tinha mesmo outro lugar para onde ir. Os dias eram longos e solitários, pois não tinha nada para fazer, nem mesmo qualquer serviço, a princípio porque os moradores de Jerusalém não lhe davam, e agora porque estava fraco demais e com dores nas pernas demais para trabalhar.

Já era noite e mais uma vez lá estava Lázaro com a única coisa que permaneceu fiel a ele todo aquele tempo, os seus próprios pensamentos:

- Puxa vida, Parece que mestre Ibrahim ficou um tanto contrariado quando eu mencionei que o mandamento: "Não matarás" não abre nenhum tipo de exceção para ninguém e ele se pôs a pensar com o senho bastante carregado, como se aquele já fosse um assunto que já o estava aborrecendo de longa data.

- Talvez eu apenas tenha colocado o dedo numa velha preocupação que de tanto bater em suas elucubrações mais profundas acabara por ferir os seus conceitos e a sua crença pessoal.

- De qualquer forma ele ficou pensativo e não faz mal algum pensar demoradamente a respeito de assunto tão sério como este.

- Hoje em dia eu já estou começando a considerar que essa vida de mendigo não é de todo má, pois se por um lado a gente não tem nada de valores terrenos, por outro lado não estamos julgando ninguém e esta é uma condição humana bastante favorável, pois não teremos que responder por nenhum tipo de injustiça ou de consequências nefastas por julgamentos precipitados que lesam a liberdade e até mesmo o direito na vida do alheio.

- Se esse tal de Belzebu existir mesmo, ele só poderá acertar contas com aqueles que passaram por este mundo julgando com muito rigor todos os erros do alheio e ao mesmo tempo procurando julgar a si próprio de maneira superficial, negligenciando ou julgando com senso de até comprometedor eufemismo os seus equívocos ou faltas pessoais.

Lázaro já estava habituado aos seus pensamentos que em algumas situações lembravam os pensamentos do mais abalizado filósofo grego e em outras situações lembravam os pensamentos dos mais conceituados doutores da lei de sua época.

Ibrahim e Lázaro ocupavam os dois extremos da escala social, o primeiro era extremamente rico e poderoso e o segundo era extremamente pobre e enfraquecido, entretanto os seus pensamentos se ocupavam do mesmo item: Um possível julgamento após a morte.

Lázaro sabia que a sua vida era difícil, pois vivia com escassez de alimentos, de roupas, de amizades, de entretenimentos e até de romance, mas por outro lado, se existisse mesmo aquela vida após a morte de que lhe falara Hadji, ele estaria bem situado nela pois não havia julgado ninguém como os integrantes do templo costumavam fazer.

Ibrahim sabia que a sua vida era agradável e vivia quase como um príncipe entre o seu povo, tinha respeito, consideração, muitas amizades, tinha dinheiro para comprar o que quisesse, tinha influência

entre os integrantes do templo de Salomão e entre as mais altas autoridades hebraicas e até mesmo entre as autoridades romanas e tinha ainda a sua fiel e dedicada esposa Sara, porém, por outro lado, sempre pensava no que poderia estar aguardando-o depois da morte. Seria um julgamento? Seria Belzebu?

Lázaro se deixava animar por seus pensamentos, buscando neles a coerência da vida:

- Lá estão a lua e as estrelas no firmamento e, equilibrando-se com este conjunto todo, há o sol que já se pôs no horizonte, eu vejo tudo isto existir em perfeita harmonia, estabilidade que só pode proceder do Criador. Ora, se tudo existe com harmonia, equilíbrio e justiça, por dedução lógica estes predicados devem ser extensivos ao ser humano que também habita no mundo da lógica de Deus e a sua verdadeira justiça haverá de julgar a todos nós algum dia de alguma forma. Eu vejo os integrantes da classe rica, fazerem o que querem, como se a lei existisse apenas para servi-los e vejo-os julgarem o alheio como se não tivessem que responder a Deus pelos seus atos. Só pode haver algo por trás de tudo isto que a nossa inteligência reluta em aceitar.

Lázaro, de tanto pensar e de tanto refletir, tornou-se um autêntico pensador e Ibrahim já havia percebido os seus predicados em algumas conversações e por isso mesmo é que ele ficara preocupado quando Lázaro fez aquele tipo de observação sobre os mandamentos da lei de Deus que ele, Ibrahim, usava apenas como se fosse um móvel utilitário de sua casa existindo apenas para servi-lo no dia a dia.

Se por um lado os dias eram muito longos, as noites não eram tão longas assim, os dias eram longos, pois sempre havia alguém passando nas proximidades para dizer alguns impropérios ao mendigo, sugerindo que ele deveria trabalhar e não ficar como um vagabundo pelas ruas. Então ele pensava:

- Mas como trabalhar, se nem quando aqui eu cheguei sem estas doloridas úlceras nas minhas pernas ninguém me dava serviço?

Paradoxalmente as noites não eram tão longas, pois era em seu "leito" debaixo da árvore que Lázaro costumava apreciar a beleza da lua e das estrelas e então o mendigo cedia o seu lugar ao pensador e a sua mente voava pelo infinito. Ali não havia críticos que depreciassem a sua condição social, não havia os hipócritas que o mandavam trabalhar sem a responsabilidade de apresentar, ao mesmo tempo, um trabalho que o pudesse diferenciar e beneficiar por sua boa vontade humana disposição. Quando ele não estava viajando em sua imaginação, ele estava auferindo os benefícios de um sono reparador. As únicas exceções eram as noites em que chovia ou as noites muito frias, mas mesmo assim as peles de camelo eram proteções até satisfatórias.

Naquela noite Lázaro ficou pensando até altas horas da madrugada e ele percebeu claramente que se a sua vida de mendigo era áspera e rude, por outro lado e paradoxalmente também era serena e leve, pois não tinha iniquidades sociais e por isso mesmo ela passava a ser um tipo não tão mau de vida.

Ibrahim também não conseguira dormir muito bem naquela noite, pois a sua mente insistia em retomar aquele assunto que, é bem verdade, era imponderável mas, para ele, nem tanto assim.

Sara dormia tranquilamente ao seu lado com a sensação do dever conjugal cumprido. A riqueza, a mordomia, a abundância, o respeito social e a fidelidade da esposa que ali estava ao seu lado não davam o menor espaço para que Ibrahim se queixasse de absolutamente nada. A vida havia sido generosa para com ele, tudo aquilo que ele almejava, ele havia conseguido, mas sempre soube lá no íntimo de sua alma que alguma coisa de muito perigosa o espreitava. Agora, com um simples mendigo abordando aquele assunto delicado ele se quedava bastante pensativo.

Ibrahim estava sem sono algum e então levantou-se, deixou a esposa dormindo profundamente e encaminhou-se para a varanda de sua casa, lá retirou

uma cadeira das proximidades da mesa e nela sentou-se mais afastado para observar as estrelas.

Este não era o hábito quotidiano de Ibrahim, mas aquela falta de sono o impedia de continuar deitado na cama por mais tempo e então se lembrando de que num dia de conversação com Lázaro, este havia dito como gostava de observar as estrelas e que aquela beleza ele podia sempre apreciar, pois ninguém o proibia e nem a reivindicava para si.

Ibrahim pensava um tanto apreensivo:

- Então é lá neste firmamento noturno que Lázaro tira as suas forças e inspirações para continuar vivo apesar de tanta carência e precariedade em sua misérrima vida de mendigo? Eu mal observo toda esta grandeza, pois a minha grandeza está aqui na minha vida de mestre fariseu do templo de Salomão.

- Teria sido um delírio da minha imaginação ou realmente eu ouvi uma voz me dizer claramente:

- Ibrahim, Ibrahim, considera e analisa muito cautelosamente sobre este assunto, porque o teu espírito corre um sério perigo.

- Ai meu Deus, isto chega a me dar calafrios, será que eu estou ficando louco? Será que eu fiquei sugestionado pelo fato de um simples mendigo abordar este assunto que já me afligia a tanto tempo? Será que em algum lugar deste mundo existirão juízes para julgarem aqueles que contrariam os mandamentos de Deus, como este "não matarás" em questão, mesmo que seja com a intenção de salvaguardar os outros mandamentos? Bem, continuou Ibrahim, mas se os mandamentos são dez e, são de Deus, eles não devem ser contrariados nunca, caso contrário eles seriam apenas nove e não dez. Chegando neste ponto de sua reflexão ele se lembrou de uma análise que já tinha feito outrora com outro fariseu no templo de Salomão chamado Jonas e que ambos concordaram que se alguém contrariar um dos mandamentos de Deus automaticamente o está desrespeitando e conseqüentemente não está seguindo o primeiro mandamento que é "amar e respeitar a Deus sobre todas as coisas" e por

extensão da análise ao matar um ser humano, que deveria ser poupado, justamente porque a lei de Deus assim o proíbe, estaria indubitavelmente desrespeitando também o "amai ao próximo como a si mesmo". Em muitos casos, alguém que mata o próximo pode estar deixando a sua família sem nenhum rendimento, pois o mesmo era arrimo de família e então os filhos do sexo masculino começam a roubar e também deverão ser mortos e as filhas do sexo feminino acabarão na prostituição e no final das consequências praticamente todos os mandamentos estarão contrariados. Portanto, aquele que pensava estar contrariando apenas um dos mandamentos de Deus, vai perceber que acabou contrariando a todos, com consequências imprevisíveis.

Este tema, pela vastidão de suas proporções, incendiava a imaginação de Ibrahim e reduzia as suas velhas concepções de justiça a um amontoado de cinzas de elucubrações e num clarão de lucidez ele percebeu como a vida do mendigo Lázaro, apesar de suas limitações, ainda era preferível à dele.

Ibrahim passou horas e horas meditando sobre aquelas possibilidades, mas depois, como por uma mágica que só a hipocrisia e o comodismo podem explicar, ele disse de si para consigo mesmo:

- Se existir mesmo este tal de Belzebu ou ainda qualquer outro tipo de juiz que nos venha a julgar, para prestarmos conta de nossos atos, pelo fato de haveremos contrariado os mandamentos de Deus ainda que com a desculpa de fazer prevalecer os outros mandamentos, mas que não passaram despercebidos pela inteligência e pela análise deles, que seja, que posso fazer eu? Vou tratar viver ao máximo esta vida de regalias que possuo, pois sinto este mau presságio dentro de mim, mas nada posso fazer.

Ibrahim acabou retornando para a sua cama e dormiu um sono pesado e intranquilo, de manhã acordou com febre e dores musculares e não saiu da cama o dia todo enquanto a sua dedicada esposa tentava restabelecer o seu equilíbrio orgânico.

CAPÍTULO 22

A LAGARTA

E A BORBOLETA

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

A vida na Judéia transcorria sem grandes alterações, de um lado os romanos procuravam marcar a sua presença como conquistadores belicistas naquela região, mas sem descaracterizar os costumes e as tradições hebraicas e de outro lado os integrantes do templo de Salomão determinavam a dinâmica em relação aos costumes dos hebreus no dia a dia.

Fariseus, saduceus, escribas e doutores da lei eram a expressão máxima da representação hebraica naquela época e nem mesmo o belicismo dos romanos foi suficiente para degenerar a cultura dos seguidores do libertador e legislador Moisés.

Os romanos detinham a direção da região da Judéia por direito conquistado belicamente, mas os costumes e a tradição hebraica permaneciam inalterados pela atuação expressiva dos integrantes do templo que jamais se deram por vencidos em relação ao seu comportamento templário herdado do Egito.

Para os integrantes do templo de Salomão a presença dos romanos não representava uma alteração significativa, pois continuavam a existir com a mesma faina templária de outrora, permanecendo, pois fiéis aos costumes que lhes foram delegados desde a época de Moisés ainda em peregrinação.

Os romanos se davam por satisfeitos em deterem os altos cargos administrativos na região, pois representavam distinção pública e poder, mas era um poder muitas vezes fictício e extremamente manipulado pelos integrantes do templo, assim, de um lado os romanos detinham um poder aparente e de outro, através de manipulações templárias, os fariseus e seus apaniguados detinham um poder de fato.

Aquele cenário assim permaneceu por décadas e décadas sem grandes transformações e enquanto os ricos hebreus viviam uma vida de luxo e exuberância, os mendigos testavam os seus limites de resistência humana frente a toda a espécie de vilipêndio social.

Os mendigos arrastavam-se pelas ruas de Jerusalém como se fossem deserdados por parte de Deus e para aqueles apressados, que só conseguem observar

e analisar as aparências, eles representavam apenas homens perdedores na luta social.

Os mendigos eram obrigados a sobreviverem com os restos de alimentos e com as migalhas que algum fariseu "generoso" se dignava a dar e por isso mesmo o abismo social era monstruoso e desumano, mas nada disso interessava aos conquistadores belicistas romanos pois também eram aves de rapina.

Desta maneira, os mendigos também serviam para o cultivo de uma espécie de presunção doentia nos integrantes do templo, pois quando observavam aqueles perdedores na luta social, inevitavelmente sentiam-se vencedores e isto por si só funcionava como uma espécie lenitivo e de auto-elogiou.

Os mendigos eram então rotulados de perdedores, homens infantis, perdulários, escoria social, trapos humanos, irresponsáveis e filhos de Belzebu, enquanto que os integrantes do templo de Salomão reservavam adjetivos qualificativos para eles mesmos do tipo: vencedores, mestres, homens adultos, condutores, responsáveis, elite social e filhos de Jeová.

Foi neste cenário agressivo, hipócrita, manipulador e desumano que Lázaro sobreviveu por mais de duas décadas, sobrevivendo a duras penas e as custas de inúmeras e inenarráveis humilhações.

Sim, duas décadas haviam se passado desde que Lázaro chegara a Jerusalém para a sua via crucis de privações e de humilhações pelas ruas da cidade, nem ele mesmo entendia porque força misteriosa ele resistia tanto assim à morte, pois muitos outros mendigos haviam morrido e, de sua época, apenas ele havia sobrevivido por tanto tempo.

Parecia que a energia que o levava a filosofar e a refletir sobre os significados da vida lhe doava sempre um sentido novo para viver, um ânimo diferente que nascia das próprias reflexões e ponderações a cerca das circunstâncias e do destino.

Só de ter sobrevivido por tanto tempo Lázaro já se considerava um vencedor na vida, pois havia vivido mais tempo até do que muito fariseu abastado

e do que muitas pessoas que gozavam de boa saúde e que adoeceram inexplicavelmente, vindo a perecer em seguida, sem contar aqueles que haviam morrido de acidentes ou ainda pelas armas dos romanos.

Era verdade que Lázaro já não era o mesmo, estava num estado de abatimento físico que qualquer pessoa poderia adivinhar-lhe a morte para breves dias, pois havia emagrecido muito, estava com uma tosse constante e de vez em quando tinha febre alta, mas ainda fazia um esforço físico diário e saía de baixo de sua árvore para fazer algumas caminhadas pelas redondezas mais próximas.

Num destes dias em que Lázaro estava caminhando, três homens que cavalgavam três camelos e usavam vestes muito estranhas pararam e perguntaram a ele com uma educação que não era própria dos fariseus que viviam naquela região.

- Meu bom homem, poderia nos dizer qual cidade fica na direção sul para onde estamos indo?

Lázaro havia perdido o hábito de conversar com pessoas que o tratassem de forma tão educada e então quis alongar um pouco a conversa e perguntou:

- Os senhores não são daqui da Judéia?

- Não meu bom homem, nós somos do oriente e estamos seguindo aquela estrela.

- Mas o que significa aquela estrela?

- Ela nos conta que a Luz acabou de nascer no corpo de um homem de carne e ossos.

Lázaro tornou-se perplexo e indagou?

- Mas, senhores, que luz é esta que acabou de nascer como homem num corpo de carne?

Um deles perguntou:

- Qual é o seu nome?

Ele respondeu:

- Meu nome é Lázaro senhor.

Ele prosseguiu:

- Lázaro, a luz acaba de nascer num corpo de matéria para esclarecer aos homens qual o correto caminho a seguir em prol da verdadeira evolução.

O nosso mundo está cheio de cegos que se julgam condutores de homens e acabam conduzindo as pessoas com a sua cegueira milenar e todos acabam se direcionando para o abismo, uns aqui no mundo material e outros vão para o abismo no mundo espiritual.

A luz está nascendo num corpo de homem para contar ao ser humano qual é o correto caminho a seguir e a luz será conhecida por toda a humanidade.

Depois de refletir um pouco, Lázaro tentou se manter coerente no diálogo e disse:

- Senhores, eu vejo a luz iluminar todos os dias os nossos corpos, mas eu nunca vi a luz animar um corpo de carne e ossos como se fosse um homem para se comunicar conosco aqui na matéria!

- Pois é Lázaro, nós também entendemos que isto é por demais inusitado, e é por isto que depois das revelações esotéricas que tivemos, resolvemos seguir aquela estrela brilhante lá do firmamento, pois é ela que vai nos mostrar o local de seu nascimento.

- Vamos até lá para reverenciar, antes de tudo, a sua coragem de nascer num mundo tão primitivo, violento e cego como o nosso, para pregar as verdades que deverão se tornar o baluarte para a libertação do ser humano em relação a si mesmo, ou em relação a sua própria cegueira pelo mundo.

Após uma pausa, perguntaram novamente:

- Então Lázaro, diga-nos em direção de qual cidade a estrela brilhante está apontando?

Lázaro até mesmo já se julgava um pensador, mas havia ficado com cara de bobo diante daquelas palavras e então procurando ocultar a sua ignorância em relação àquele assunto disse do seu jeito:

- O mestre Ibrahim me disse que naquela direção fica a cidade de Belém.

- Foi o "mestre" Ibrahim que lhe disse isto, pois a Luz que agora nasceu um dia dirá aos homens que somente Deus é o mestre de todos nós.

Vendo que Lázaro fazia uma cara de bobo e que o assunto era por demais longo para se entrar em pormenores, os três homens simplesmente disseram:

- Muito obrigado Lázaro, e que a Luz continue guiando os seus passos com paciência, humildade, cordialidade e resignação pela vida.

Os três homens montando os seus camelos afastaram-se deixando Lázaro um tanto atônito.

- Quem serão estes homens meu Deus e que Luz será esta que está nascendo num corpo de carne e ossos? Devem ser apenas três malucos do oriente, mas em todo caso trataram-me com muita amabilidade, podem até ser malucos, mas são muito gentis.

Lázaro já estava muito debilitado e a pneumonia consumia toda a sua resistência física, ainda aguentou ir uma vez à casa de Ibrahim comer algumas migalhas o qual lhe reparou o abatimento físico, mas nada fez de concreto em seu proveito.

Lázaro retornou para debaixo de sua árvore, mas agora o seu abatimento físico era mais significativo e ele já não conseguia mais se levantar daquele local que havia sido a sua "casa".

A lagarta havia se arrastado lentamente pela vida, exibindo toda a sua deprimente limitação e toda a sua feiura nas formas e no visual. Ela agora estava se debatendo no casulo que havia tecido para si mesma e muitas dores físicas envolviam todo aquele processo lento de mudança para a libertação.

Ao cabo de dois dias de intenso sofrimento a lagarta finalmente se libertou do casulo de matéria e o ex-mendigo Lázaro se reconheceu num corpo belo como Adônis e leve como uma pluma.

O mendigo havia morrido, mas Lázaro não só continuava vivo como agora era possuidor de um corpo leve e extremamente belo e então a borboleta alçou o vôo da libertação definitiva.

Lázaro levitou por entre as formas e os seres mais diversos até alcançar uma região paradisíaca onde todas as formas eram belas e sutilíssimas, de uma graça e de um viço extremamente exuberantes. Sim, a lagarta havia se arrastado lentamente pelo solo, mas agora a borboleta voava solta pelas copas das árvores em pleno processo de libertação.

CAPÍTULO 23

O PARAÍSO

E O INFERNO

O RICO OPULENTO

E O MENDIGO LÁZARO

Lázaro contemplava a paisagem paradisíaca quando viu um personagem cuja fisionomia irradiava serenidade e lhe emitiu um sorriso amistoso dizendo:

- Bem vindo ao paraíso Lázaro.

- Mas então este é o paraíso, mas qual região da Judéia é esta?

- Aqui não é a Judéia Lázaro, esta região está bastante além da Judéia.

- Mas o senhor não é...

- Sim Lázaro eu sou o espírito de Abraão, já vivi e já morri há muito tempo na crosta do mundo.

- Mas eu estava tão doente, como é que eu posso estar assim me sentindo tão bem e tão leve se ainda esta noite tinha uma tosse intensa, muita febre, falta de ar e dores musculares?

- O seu corpo de matéria morreu Lázaro e este corpo que agora tens é o teu corpo espiritual que está livre daquelas dores. O que o fez levitar até esta região paradisíaca foi justamente as virtudes que você cultivou nas horas difíceis da sua vida.

- Mas que virtudes foram estas? Eu nada tinha que pudesse dizer que era meu!

- Tinha sim Lázaro, é justamente na miséria que podemos olhar mais profundamente para as nossas virtudes ocultas e foi nessa condição de extrema miséria que você soube desenvolver a paciência, a resignação, a perseverança, a humildade e a fé. Cada dia de sofrimento seu, mais estas virtudes se fortaleciam, agora elas se tornaram como asas suficientes para fazê-lo vir até este reino de sublimação e de redenção através da libertação e da levitação.

Outro personagem se aproximou de Lázaro e o cumprimentou amistosamente:

- Olá Lázaro, lembra-se de mim?

- Meu Deus, mas é Jean Verne, como o senhor veio parar aqui nesta região paradisíaca?

- Todos nós que passamos pela vida, sem agressões, com amor à verdade e cultivando as virtudes no limite de nossas forças alcançamos esta região de felicidades Lázaro.

- Como você deve ter percebido, eu passei pela vida decifrando muitos mistérios e um dos mistérios que eu mais gostei de decifrar foi justamente a ligação do templo de Salomão com o Egito antigo.

- Houve outro mistério que cheguei a comentar com você que me ficou indecifrável por toda a vida e somente aqui nesta região paradisíaca é que eu pude decifrá-lo a contento.

A fisionomia de Lázaro saiu da expressão de admiração espontânea por aquele incansável pesquisador e passou a exprimir curiosidade.

- Mas quer dizer que houve então algum mistério que o senhor não conseguiu solucionar em sua vida de incansável pesquisador?

- Sim Lázaro, e não me chame de senhor, porque neste lugar todos somos jovens e ademais fomos irmãos na vida passada, eu era o seu irmão mais velho e morávamos na Judéia há mais de um século.

- Mas o que está me dizendo, quer dizer que éramos irmãos consanguíneos?

- Sim Lázaro, e somente então eu pude compreender o mistério do "déjà vue" que eu havia comentado com você ainda na matéria.

- Eu era muito impetuoso e resolvi ser marinheiro e vivi a vida navegando por todos os mares, quanto a você, preferiu ficar na Judéia e se filiou à seita dos fariseus e passou a frequentar assiduamente o templo de Salomão, daí o fenômeno do "déjà vue" ter sido tão forte em você naquele templo.

- A vida para mim era um roteiro interminável de descobertas por todos os mares visitados enquanto que você se perdia nas malhas das redes de intrigas tecidas junto ao templo de Salomão.

- Ibrahim, Asdrúbal, Ambrósio, Ataíde e muitos outros fariseus eram mendigos nesta época e você os maltratou com a soberba farisaica de sua época de erros e de cegueira templária.

- Dorotea, a sua ex-noiva foi rejeitada pela sua altivez de fariseu como uma criatura de pouco valor em relação à sua posição social.

- Se por um lado eles sofreram naquela vida de carências, por outro lado nada exigia que cometessem agora os mesmos erros que tanto repudiaram, pois acabaram cometendo os mesmos equívocos que censuraram em você por muito tempo.

O outro mistério, Lázaro, é como aquelas pedras foram cortadas e somente aqui eu pude entender que elas foram cortadas pelo poder que o ser humano emite enquanto pensa que vai produzir formas no "duplo etérico", energia que apenas os encarnados possuem e quando várias pessoas se unem o somatório destas energias é chamado de egrégora e é este que corta pedras com tanta precisão, aliás, as pessoas que ficam fora do templo, recebem essa descarga de formas-pensamento e ficam de olheiras.

- Lázaro estava perplexo no meio de tanta revelação e de tanta lógica que envolvia as pessoas ao longo de suas vidas em prol da superação delas mesmas perante os seus próprios deslizes.

Outro personagem se aproximou e disse:

- Olá Lázaro, seja bem vindo!

- Mas é Hadji, você também veio para cá?

Sim, Lázaro, nós já nos encontramos em muitas vidas na superfície do planeta e numa das vidas em que você tinha muito poder, eu era ou pelo menos tentava ser o seu bom conselheiro.

- Quer dizer que a vida na superfície do planeta continua existindo com as pessoas ignorando a existência deste local?

Abraão interveio com sua observação pessoal:

- Sim, Lázaro e daqui você pode observar a vida de Ibrahim, que por sinal está bastante complicada por causa de seus inimigos.

- A vida do mestre Ibrahim está complicada?

- Ele não é mestre Lázaro, somente a sua vaidade humana é que exigia dos oprimidos que o chamassem de mestre, mas ele não é um mestre na verdadeira acepção da expressão, e ele possui muitos inimigos sim, todos aqueles que ele e os integrantes do templo de Salomão mataram após um julgamento parcimo-

nioso em nome de uma justiça que só via os direitos dos poderosos e mandantes daquela sociedade, aliás, Ibrahim já está doente e não tardará a passar aqui para a dimensão do mundo espiritual, entretanto ele não virá para esta região paradisíaca.

Abraão fez uma pausa significativa e expressou uma fisionomia de contrariedade, então Lázaro não aguentou a curiosidade e perguntou:

- E para onde está indo Ibrahim após a morte do seu corpo de matéria, pai Abraão?

- Ele está indo para o inferno Lázaro, terá que se entender com todos aqueles que ele matou, não somente ele, mas todos os integrantes do templo de Salomão que colaboraram com as suas ações e como é pos sível que você mesmo venha a confirmar, alguns já estão lá há muito tempo, pois morreram primeiro. Na região do inferno estão aqueles espíritos que foram ofendidos e não conseguiram perdoar os seus agressores e ainda os vários espíritos empedernidos naturalmente voltados para o mal já de longa data. Dentro de pouco tempo, Ibrahim estará abandonando o seu corpo de matéria e nós poderemos acompanhar a sua tomada de consciência tardia sobre a vida do lado de cá no mundo espiritual.

Abraão então se encarregou de mostrar as regiões edênicas e alguns parentes seus que ali viviam e Lázaro se maravilhou com as pessoas e com o lugar, dando graças a Deus ter se inspirado em Jó, pois foi através desta inspiração que as suas virtudes puderam se desenvolver satisfatoriamente.

Ibrahim estava muito doente e o seu corpo se definhava a olhos vistos, ele era vítima de uma tosse intensa, febre e dores musculares e pensava:

- Estou tendo os mesmos sintomas de abatimento físico que o mendigo Lázaro teve, eu, um mestre fariseu, com os mesmos sintomas de doença de um mendigo? Isto não poderia estar acontecendo!

Mesmo nos instantes que precediam a morte, Ibrahim ainda dava vazão à sua presunção doentia que

o havia levado a considerar o alheio, como a pessoa de Lázaro, como um ser inferior a sua pessoa.

Sara se desdobrava como podia e os médicos da época disseram que nada mais poderiam fazer.

Ibrahim já estava tendo visões dos seres que o espreitavam das sombras, aqueles que ele havia julgado e matado e entre eles estavam os dois assaltantes que Lázaro havia conhecido, mas ele considerava aquele fato como sendo apenas delírios próprios da enfermidade que o acabrunhava.

As visões que ele tinha o ameaçavam violentamente com vozes de sofrimento e de raiva:

Ibrahim, você nos julgou e agora haverá de pagar pelo mal que nos fez, passe logo para o lado de cá, para receber o que você merece.

Ibrahim pensava em estado de pânico com os olhos desmesuradamente abertos:

- Ai meu Deus, são os filhos de Belzebu que vieram me pegar, estou perdido. Então este Belzebu existe mesmo e os seus filhos também são reais.

Os suores frios confirmavam que a resistência orgânica de Ibrahim estava no fim. Então um clarão púrpura, da mesma cor da roupa que ele costumava usar, o fez se desprender do corpo material e assim Ibrahim ficou à mercê de seus inimigos.

Sara chorava a morte do esposo e ignorava completamente a realidade adversa que se desenhava na outra dimensão, pois acostumara a ver o marido apenas como mandante e como poderoso.

Muitos inimigos se aproximaram de Ibrahim e os dois ex-assaltantes disseram com desdém:

- E então "mestre" Ibrahim, está na hora de ser julgado pelos seus graves erros, é sempre mais fácil ser "mestre" na hora de julgar as pessoas, vamos ver agora como se comporta o "mestre" na hora de ser julgado, sentenciado e supliciado.

As palavras eram ditas com tal expressão de escárnio, de ironia e de desprezo que Ibrahim sentiu um calafrio percorrer todo o seu corpo.

- Mas como, eu morri e ainda assim tenho um corpo? Perguntou Ibrahim perplexo.

O outro assaltante disse com desprezo:

- Sim, Ibrahim, você ainda tem um corpo, porque senão como é que nós poderíamos julgá-lo?

Gargalhadas sinistras se seguiram a estas palavras ditas com extrema ironia e deboche.

Mãos possantes e violentas ergueram Ibrahim no ar com socos, chutes e sopapos de toda a natureza que se possam imaginar e então aquele cortejo macabro levou Ibrahim para punições esdrúxulas e horríveis em um lugar que já os estava aguardando previamente com outros integrantes da tortura.

Lázaro passeava descontraído nas regiões paradisíacas encontrando-se com velhos amigos de outras épocas e de anteriores experiências de vida.

Abraão que gozava de expressiva ascendência sobre todos os espíritos de judeus fazia às vezes de um cicerone paradisíaco mostrando a Lázaro as belezas do lugar bem como os amáveis seres que ali habitavam e que já tinham tido corpos de matéria um dia.

Terminada uma palestra animada com os amigos de outrora que agora se reencontravam, Abraão chamou Lázaro de lado e disse:

- Se você quiser Lázaro, eu posso te mostrar o fim do orgulhoso "mestre" Ibrahim, que ao invés de tratá-lo como um homem tanto hebreu quanto ele próprio era, digno de respeito também, tratou de humilhar você e muitos outros homens que também foram mendigos, sem pensar que Deus está muito acima de quaisquer hipocrisias ou aparências humanas. Venha ver o resultado de sua conduta discriminatória.

Ligando um aparelho gigantesco daquela localidade, o pai Abraão do povo judeu sintonizou o local de punições acerbadas às quais Ibrahim estava submetido, vítima de suas ações impensadas quando ainda estava na matéria e era mestre do templo de Salomão.

Lázaro teve um choque horrível quando viu Ibrahim sendo torturado com socos, pontapés e sopapos que recebia quase que a esmo de seus agressores.

A grande maioria dos agressores eram aqueles que haviam sido julgados e condenados pelos integrantes do templo e então Lázaro pode ver ao lado de Ibrahim o espírito de Asdrúbal recebendo a mesma sarivada de sopapos como reações que apenas faziam jus às ações cultivadas por ambos quando ainda viviam as suas vidas de ilusão, prepotência, vaidade, luxúria, manipulações e abusos na matéria. .

Lázaro estava com o seu semblante em estado de perplexidade e então Abraão lhe disse:

- Pois é Lázaro, agora você pode avaliar o quão benéficas foram as virtudes que você cultivou durante toda uma vida de privações, pois foram elas que te distanciaram daquele quadro horroroso em que Ibrahim e os outros se encontram e te deu força o suficiente para que você levitasse até aqui.

Depois de uma ligeira pausa Lázaro disse:

- Estou impressionado, pai Abraão com a extensão destes sofrimentos do lado de cá e com a cegueira que a maioria dos homens têm do lado de lá quando estão num corpo de matéria.

Abraão refletiu um momento e disse:

- É por isso mesmo que a Luz está agora nascendo entre os homens para tentar aclarar-lhes toda esta gama de complicações que envolvem a vida de cada um e a todos em conjunto no dia a dia.

- Já me falaram desta Luz quando ainda vivia na matéria e qual é o Seu nome?

- Seu nome é Jesus Cristo e eu me alegrei muito com o Seu nascimento na matéria porque agora os homens poderão entender todos estes mistérios que cercam suas vidas tão ignorantes. Mas Ele também dirá que é mais fácil passar um camelo no buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos Céus, pois quando o rico sente todos os poderes fictícios que o dinheiro lhe dá, entra equivocadamente num estado de auto fascinação em que se sente poderoso, genial, vencedor e agraciado de Deus e esta ilusão apenas o projeta numa estrada larga de presunção, de vícios e de manipulações da vida do alheio. Assim

ele passa a não se preocupar com suas ações na vida da matéria, esquecendo-se de que as ações cultivadas levam a reações contrárias no mundo espiritual e que ele terá que dar conta pelo processo de evolução, pois a sementeira é livre e a colheita é obrigatória, e esta lei é válida para todos nós.

Ibrahim percebeu que estava sendo sintonizado por aquele aparelho à distância e então esforçou-se e viu Abraão e Lázaro distantes e disse:

- Pai Abraão por que o senhor não me alertou sobre a existência deste tormento infernal que existe do lado de cá da vida, após a morte do corpo?

Abraão respondeu serenamente:

- Quem você imagina que estava dizendo a você: Ibrahim, Ibrahim, considera e analisa muito cuidadosamente sobre este assunto porque o teu espírito corre um sério perigo?

- Ah então era o senhor pai Abraão? Mas eu não acreditei na veracidade daquelas sugestões.

- Sim, Ibrahim, a sua mente estava enceguecida pela presunção, pela soberba, pelas manipulações e pelo abuso de poder de tal maneira que você se tornou completamente surdo aos meus apelos e agora você está colhendo os frutos que plantou.

- Mas, se eu ignorava tudo isto, como posso ser responsável por minhas ações?

Perguntava Ibrahim pretendendo eximir-se da responsabilidade de suas ações praticadas.

Abraão respondeu com sobriedade:

- Aqueles homens que foram julgados por você Ibrahim, já fizeram a mesma pergunta a seu respeito, pois você os julgou e eles também não sabiam direito o que estavam fazendo, mas você foi implacável com o seu julgamento, com a sua condenação e com a execução de sentenças e punições horríveis e agora eles estão na mesma condição de poder julgá-lo; pois você utilizou os mandamentos da lei de Deus como se eles tivessem sido feitos apenas para servi-lo.

- Pai Abraão, compadece-te de mim e mande aqui o Lázaro, para que molhe em água a ponta de seu

dedo a fim de me refrescar a língua, pois sou atormentado nesta chama sem cessar.

Abraão lhe respondeu compungidamente:

- Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida e que Lázaro não teve senão males, por isso ele agora está consolado e tu em tormentos, ademais entre vós está firmado um grande abismo de maneira que os que querem passar daqui para vós não podem e nem os que estão aí podem passar para cá.

Nova onda de violência e as ex-vítimas de Ibrahim que agora haviam se transformado em verdugos cruéis o espancavam e gargalhavam sinistramente, mas ele continuou após um esforço extremo:

- Pois eu te rogo pai Abraão, que mande Lázaro à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos, para que lhes dê testemunho, para que não aconteça de virem também eles parar aqui neste lugar de tormentos tão exagerados por ignorância.

Abraão lhe disse com seriedade:

- Eles lá já têm a Moisés e aos profetas, então que os ouçam com atenção e sem discriminação e que não queiram perverter a lei em prol de seus caprichos, julgando severamente os outros e sendo benevolentes apenas consigo mesmos.

Ibrahim ainda disse bastante desesperado:

- Não pai Abraão, mas se for a eles algum dos mortos eles haverão de compreender e farão penitência já bastante transformados.

Abraão ainda lhe respondeu compungido:

- Se eles não dão ouvidos a Moisés e aos profetas, pois por meio daquele, eles obtiveram os dez mandamentos, mas eles cuidam de pervertê-los, e por meio destes, receberam bons ensinamentos, mas eles os põem a se perder, tampouco se deixarão persuadir, ainda quando haja de ressuscitar algum dos mortos ficando, pois, sem nenhuma possibilidade de ação eficiente o retorno, a eles, de algum dos mortos.

NOTAS COMPLEMENTARES

Alguns personagens mencionados neste conto foram propositadamente associados a alguns nomes da história mundial porque se enquadravam num contexto pertinente, dando uma nuance *sui generis* ao enredo.

1) James Lennon: Ancestral de John Lennon, célebre músico inglês integrante da banda dos anos 60: “The Beatles”.

2) Peter McCartney: Ancestral de Paul McCartney, outro célebre músico inglês integrante da banda dos anos 60: “The Beatles”.

3) Jean Verne: Ancestral de Júlio Verne, escritor francês, precursor da ficção científica. Escreveu: “Viagem ao centro da Terra”, “Da Terra à lua” e “Vinte mil léguas submarinas”.

4) Igor Bismarck: Ancestral do príncipe Otto Von Bismarck, estadista alemão artífice da unificação da Alemanha em 1870.

5) Edward Kant: Ancestral do filósofo alemão Emmanuel Kant, autor da “Crítica da razão pura”, “Fundamentos da metafísica da moral” e da “Crítica da razão prática”. Aos 70 anos de idade escreveu um ensaio: “Sobre o poder do espírito para dominar as doenças do corpo com a força da vontade”. Finalmente conclui pela lei do dever, pela existência de Deus e pela imortalidade da alma.

6) Ivan Tolstoi: Ancestral do conde Leon Tolstoi, importante escritor russo que escreveu “Guerra e paz” e “Ana Karenina”.

TEXTO BÍBLICO ORIGINAL
SÃO LUCAS, CAP. 16 - VS. 19 A 31

O RICO OPULENTO E O MENDIGO LÁZARO

19 Havia um homem muito rico, que se vestia de púrpura e de Holanda, e que todos os dias se banquetearia esplendidamente. 20 Havia também um pobre mendigo, por nome Lázaro, todo coberto de chagas, que estava deitado à sua porta. 21 E que desejava fartar-se das migalhas que caíam da mesa do rico, mas ninguém lho dava, e os cães vinham lambe-lhe as úlceras. 22 Ora sucedeu morrer este mendigo, que foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. E morreu também o rico, e foi sepultado no inferno. 23 E quando ele estava nos tormentos, levantando os olhos, viu ao longe a Abraão, e a Lázaro no seu seio. 24 E gritando, ele disse: Pai Abraão, compadece-te de mim, e manda cá a Lázaro, para que molhe em água a ponta do seu dedo, a fim de me refrescar a língua, pois sou atormentado nesta chama. 25 E abraão lhe respondeu: Filho, lembra-te que recebeste os teus bens em tua vida, e que Lázaro não teve senão males, por isso está ele agora consolado, e tu em tormentos, 26 e demais que entre nós e vós está firmado um grande abismo, de maneira que os que querem passar daqui para vós, não podem, nem os de lá passar para cá. 27 E disse o rico: Pois eu te rogo, pai, que o mandes à casa de meu pai, 28 pois que tenho cinco irmãos, para que lhes dê testemunho, que não suceda virem também eles a parar neste lugar de tormentos. 29 E abraão lhe disse: Eles lá têm a Moisés, e aos profetas, ouçam-nos. 30 Disse pois o rico: Não, pai Abraão, mas se for a eles algum dos mortos, hão de fazer penitência. 31 Porém Abraão lhe respondeu: Se eles não dão ouvidos a Moisés, e aos profetas, tão pouco se deixarão persuadir, ainda quando haja de ressuscitar algum dos mortos.

BÍBLIA SAGRADA - EDIÇÃO ECUMÊNICA
ENCICLOPÉDIA MIRADOR - BRITANNICA